



Fundação

**CECIERJ**

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

**Volume 1**

Cristina Marques Gomes  
Simone Dantas

**Lazer**



**GOVERNO DO  
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

**UNIVERSIDADE  
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da  
Educação

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Apoio:



**FAPERJ**

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo  
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

# Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000

Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

## Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

## Vice-presidente

Masako Oya Masuda

## Coordenação do Curso de Turismo

UFRRJ - William Domingues

UNIRIO - Camila Moraes

## Material Didático

### ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Cristina Marques Gomes

Simone Dantas

### COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

### SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Miguel Siano da Cunha

### DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Jorge Amaral

Lucia Beatriz da Silva Alves

Marcelo Alves da Silva

### AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Thaís de Siervi

## Departamento de Produção

### EDITOR

Fábio Rapello Alencar

### COORDENAÇÃO DE REVISÃO

Cristina Freixinho

### REVISÃO TIPOGRÁFICA

Carolina Godoi

Cristina Freixinho

Elaine Bayma

Renata Lauria

Thelenayce Ribeiro

### COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Ronaldo d'Aguar Silva

### DIRETOR DE ARTE

Alexandre d'Oliveira

### PROGRAMAÇÃO VISUAL

Alexandre d'Oliveira

André Guimarães de Souza

Carlos Cordeiro

### ILUSTRAÇÃO

Sami Souza

### CAPA

Fernando Romeiro

### PRODUÇÃO GRÁFICA

Verônica Paranhos

Copyright © 2010, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

D192

Marques Gomes, Cristina.

Lazer v. 1 / Cristina Marques Gomes, Simone Dantas.

– Rio de Janeiro: Fundação

CECERJ, 2013.

248 p. ; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-710-4

1. Lazer 2. Sociologia do lazer 3. Entretenimento. I. Título.

CDD 790.0135

2013.2/2014.1

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT e AACR2.  
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

# Governo do Estado do Rio de Janeiro

**Governador**  
Sérgio Cabral Filho

**Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia**  
Gustavo Reis Ferreira

## Universidades Consorciadas

**CEFET/RJ - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO  
TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA**  
Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**  
Reitor: Silvério de Paiva Freitas

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO  
RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Ricardo Vieira Alves de Castro

**UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Carlos Levi

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitora: Ana Maria Dantas Soares

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca



**SUMÁRIO**

<b>Aula 1 – Introdução ao estudo do lazer I</b>	<b>7</b>
<i>Cristina Marques Gomes / Simone Dantas</i>	
<b>Aula 2 – O lazer na Antiguidade dos gregos e romanos e na Europa da Idade Média</b>	<b>31</b>
<i>Cristina Marques Gomes / Simone Dantas</i>	
<b>Aula 3 – A Revolução Industrial e o lazer moderno</b>	<b>49</b>
<i>Cristina Marques Gomes / Simone Dantas</i>	
<b>Aula 4 – Os precursores do lazer em âmbito internacional – Parte I – Paul Lafargue e Thorstein Veblen</b>	<b>65</b>
<i>Cristina Marques Gomes / Simone Dantas</i>	
<b>Aula 5 – Os precursores dos estudos do lazer em âmbito internacional – Parte II – Riesman, Friedmann, Parker e Dumazedier</b>	<b>79</b>
<i>Cristina Marques Gomes / Simone Dantas</i>	
<b>Aula 6 – As atuais correntes na sociologia do lazer</b>	<b>99</b>
<i>Cristina Marques Gomes / Simone Dantas</i>	
<b>Aula 7 – O lazer enquanto objeto de estudo no Brasil – Parte I – Estudos precursores</b>	<b>129</b>
<i>Cristina Marques Gomes / Simone Dantas</i>	
<b>Aula 8 – O lazer como objeto de estudo no Brasil – Parte II – Bases científicas e consolidação das pesquisas em lazer no Brasil</b>	<b>157</b>
<i>Cristina Marques Gomes / Simone Dantas</i>	
<b>Aula 9 – O lazer contemporâneo</b>	<b>185</b>
<i>Simone Dantas</i>	
<b>Aula 10 – A indústria do entretenimento</b>	<b>215</b>
<i>Simone Dantas</i>	
<b>Referências</b>	<b>235</b>



# 1

## Introdução ao estudo do lazer I

*Cristina Marques Gomes / Simone Dantas*

### Meta da aula

Apresentar os aspectos fundamentais do lazer para a compreensão de sua relevância na sociedade contemporânea e na formação em licenciatura para o Turismo.

### Objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- 1** conceituar tempo livre, lazer, ócio, entretenimento e lúdico;
- 2** comparar as diferentes tipologias de lazer;
- 3** reconhecer a abrangência e a relevância do lazer na sociedade e na formação de licenciatura em Turismo.

## Introdução

Parece brincadeira, mas lazer é coisa séria e fundamental para o profissional de turismo. O turismo está, via de regra, relacionado ao campo do lazer e se constitui em uma das diversas formas de lazer. Você já imaginou o que seria da sua vida se não houvesse tempo, espaço e condições de praticar o lazer? E para a sociedade? Aliás, quais são os seus hábitos de lazer? E qual a oferta de lazer em sua cidade?

Nesta disciplina temos o desafio de conhecer as práticas, os estudos, as políticas e os projetos de lazer, visando fornecer instrumentos suficientes para a preparação de profissionais e de professores de Turismo. Vamos também apresentar as interfaces entre as práticas de lazer e a qualidade de vida, a educação, a cidadania e o desenvolvimento local. Vamos descobrir oportunidades de atuação profissional em diferentes setores de atividades ligadas ao lazer e ao entretenimento, tanto públicas como privadas.

Mas para chegarmos a esse entendimento, começaremos com alguns conceitos que nos ajudarão a diferenciar expressões utilizadas no dia a dia e que estão presentes no ofício do profissional de turismo. Então, mãos à obra!

## Lazer, tempo livre e ócio

Ao pensarmos em lazer, qual a primeira ideia que nos vem em mente?

Diversão, prazer, liberdade, férias...?

De modo geral, o lazer está relacionado a tudo isso! Mas esses termos não são suficientes para definir o que é lazer.

A palavra lazer deriva do latim *licere* que em português significa *ser lícito, ser permitido*. Na França, através do termo *loisir* este conceito veio evoluindo, tendo em sua concepção a ideia de permissão; de ausência de obrigações, de censura e de regras, cujas referências variam de acordo com a sociedade, sua cultura e



seu contexto histórico. As atividades lúdicas, criativas, que fazem bem ao corpo, à mente, ao espírito e que favorecem o autoconhecimento e as relações sociais são inerentes aos seres humanos. Essas práticas se tornaram objeto de estudo a partir da Segunda Revolução Industrial (séculos XIX e XX), quando a sociedade moderna altera os seus hábitos ao deixar o campo para ocupar os centros urbanos e para se dedicar ao trabalho nas indústrias do século XIX. A civilização industrial atribuiu ao tempo um valor singular, pois se tornou um bem raro diante das longas jornadas de trabalho. Devido a sua raridade, o tempo para se dedicar ao descanso e às atividades livres de obrigações passou a ser um bem de extremo valor social. Até a Segunda Revolução Industrial, a maioria das pessoas se ocupava com as tarefas típicas do campo e o tempo se diluía entre o cumprimento das obrigações diárias e de outras atividades como festas, jogos, artes, sem uma definição clara sobre a jornada de trabalho e o tempo para o lazer.

A Segunda Revolução Industrial (séculos XIX e XX), segundo Stadnik (2001), foi responsável por uma transformação nos modelos de lúdico, criando dois tempos distintos: o tempo de trabalho e o tempo de lazer.

### Lúdico

Lúdico se refere à forma de desenvolver a criatividade, os conhecimentos, o raciocínio através de jogos, música, dança, mímica etc. O intuito do lúdico é educar, ensinar, se divertindo e interagindo com os outros.



**Figura 1.1:** Aprender através de atividades lúdicas é mais divertido!

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1040246>



A partir da adoção das atividades lúdicas – antes típicas do “tempo livre” – podemos facilitar o aprendizado de diferentes conteúdos bem como auxiliar em processos de socialização tanto de crianças quanto de adultos. Turismólogos, educadores, psicólogos, comunicólogos e administradores entre outros se utilizam das funções e instrumentos do lúdico e do lazer nas suas práticas profissionais. Nas próximas aulas vamos explorar as práticas e os estudos do lazer em diferentes épocas, mas para chegarmos lá, vamos ampliar nosso entendimento sobre “o que é o lazer”.

## Conceituando o lazer

Vamos adotar, ao longo desta disciplina, a definição de Joffre Dumazedier, sociólogo francês, uma das principais referências sobre os estudos de lazer aqui no Brasil. Segundo ele:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2004, p. 34).

A teoria de Dumazedier foi caracterizada como a teoria dos “3D”, pois atribui ao lazer possibilidades de se caracterizar através de atividades que promovam nas pessoas o descanso, o divertimento e o desenvolvimento pessoal ou social.

De acordo com Luis Otávio Camargo (1989), estas atividades de lazer possuem algumas propriedades que seriam:

– escolha pessoal – há uma relativa liberdade de escolha pessoal sobre “o que fazer” no tempo livre, ainda que influenciada por modismos, pela mídia, por aspectos culturais, sociais, econômicos ou políticos, conscientes ou não;

- gratuidade – nas atividades de lazer não há intenção de remuneração, de receber qualquer pagamento por sua prática, diferenciando-se das atividades de trabalho;
- prazer – a motivação para a prática do lazer é a busca pelo prazer, pela satisfação pessoal;
- liberação – uma característica marcante do lazer é estar livre das obrigações do dia a dia, fazendo coisas diferentes da rotina de trabalho ou daquelas outras ocupações do tempo com afazeres domésticos, ou de responsabilidade com horários, compromissos familiares ou sociais.

Uma parcela significativa de pesquisadores adota as seguintes definições:

Tempo livre: corresponde ao tempo que sobra entre as tarefas obrigatórias, diferenciando-se, portanto, do tempo de trabalho, do tempo dedicado às atividades escolares, de cumprimento das funções fisiológicas (comer, dormir etc.) e de qualquer tempo dedicado a outras atividades obrigatórias.

Lazer: corresponde às atividades desenvolvidas voluntariamente dentro do tempo livre.

Ócio: corresponde genericamente à ausência de atividades.



Algumas línguas como o italiano, o espanhol e o alemão não têm um vocábulo derivado do latim “*licere*”, como o inglês (*leisure*), o francês (*loisir*) ou o português (*lazer*), associando seu significado às expressões *tempo livre* ou *ócio* (CAMARGO, 2001, p. 253).

Além dos termos *tempo livre*, *lazer* e *ócio* você também deve escutar a expressão “entretenimento”. O que ela significa? Qual a diferença de entretenimento para lazer?

Segundo o Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo, da Universidade de São Paulo (USP), que desenvolveu sua tese de livre-docência defendida em 2003 sob o título “Entretenimento: uma crítica aberta”, entretenimento refere-se às atividades e aos programas geralmente pagos. Para o autor, constituem-se entretenimento: teatros, circos, parques temáticos, emissoras de rádio, redes de TV. E ele destaca ainda que:

Segundo os elitistas, enquanto a arte trata cada espectador, ouvinte ou leitor como um indivíduo, provocando uma resposta individual à obra, o entretenimento trata as suas platéias como massa. Com tudo isso, o entretenimento é mesmo divertido, fácil, sensacional, irracional, previsível e subversivo. É um espetáculo para as massas como bem afirmou Debord (TRIGO, 2003, p. 32).



O escritor francês Guy Debord publicou em 1967 a sua obra mais famosa e polêmica: *A sociedade do espetáculo*, considerado um livro anarquista pela crítica teórica sobre consumo, sociedade e capitalismo. O ponto central de sua teoria considera que a alienação é consequência do modo capitalista de organização social e que o espetáculo é uma forma de dominação da burguesia sobre todos os membros da sociedade. Conheça mais sobre esta obra de Guy Debord navegando pelo *link*: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>

Segundo Trigo, a diversão deixou de ser separada do mundo do trabalho para se tornar uma parte significativa da existência, sob a forma de esporte, cultura, turismo ou educação. O

entretenimento passou a ser um componente importante para atrair o consumo e as oportunidades de negócios, informando, divertindo, criando estilos de vida, gerando novas experiências e expectativas para o consumidor.

Assim, apesar da similaridade com a definição de lazer, o termo *entretenimento* é uma forma de lazer associada a programas oferecidos em massa, ou seja, acessíveis à população com o uso das tecnologias de comunicação (a televisão; a internet e todas as suas possibilidades; revistas; jornais) e das superproduções do cinema, da música, do esporte, dos parques de diversão e temáticos, dos cassinos, dos jogos eletrônicos, dentre milhares de alternativas que, cada vez mais, influenciam nossas escolhas e hábitos cotidianos. Dada a amplitude e a potência do setor, tratamos hoje da “indústria do entretenimento” como o setor econômico que mais cresce no mundo. Nos Estados Unidos, o entretenimento é o segundo setor mais produtivo da economia, perdendo atualmente apenas para a indústria bélica daquele país.



**Figura 1.2:** As novas tecnologias de comunicação nos oferecem inúmeras atividades de entretenimento para aproveitarmos o tempo livre.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1213117>



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 1

#### Tempos

Eu morro ontem  
... Nasço amanhã  
Ando onde há espaço:  
- Meu tempo é quando.

Vinícius de Moraes, *Poética*

Uma amiga tem uma dúzia de relógios. E nenhum tempo. Seu tempo é nunca, sua pressa, sempre. Ela reclama do tempo todo o tempo. Aprendi que tempo não é questão de relógio, mas de prioridade. Alguém já viu uma pessoa apaixonada não dispor de tempo para encontrar o ser amado? E alguém já não se viu sem tempo para o desagrado ou para o desafeto? O aprendizado do tempo – como o do espaço – vem do começo. O bebê aprende a noção de tempo pela sua necessidade vital: há a hora da fome e a do alimento. O choro é reclamo pelo tempo negado e o que nele no momento certo não veio. Carência do leite e do colo. O feto não tem e nem precisa da noção de tempo. O corte do cordão umbilical marca o início do “sentimento do tempo”. O mais é aprendizado. Aprende-se, desde cedo, haver tempo para cada coisa. E aprende-se mais, que se há de respeitar o tempo, porque a ele nada se impõe. Respeitar o tempo é respeitar a si mesmo e ao outro (...)

Fonte: <http://www.entremulheres.com.br/?pg=noticia&id=1728>

1. A partir do texto e de sua vivência estabeleça a importância do TEMPO LIVRE, do LAZER, do ÓCIO e do ENTRETENIMENTO no seu cotidiano.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### **Resposta Comentada**

*O lazer é objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento e assim podemos encontrar igualmente diferentes definições para termos que utilizamos em nosso cotidiano com significados que, quando comparados com sua definição teórica, nos despertam para outras aplicações. Será que lazer é somente diversão? Ócio é mesmo a ausência de ação? Entretenimento e lazer têm o mesmo significado? E o tempo livre, existe? Em que se difere dos outros tempos em nosso cotidiano? Como você utiliza o seu tempo livre? Quais as suas práticas de lazer e de entretenimento preferidas?*

## **Tipologias e funções de lazer**

Vários são os interesses que nos despertam para usufruir o lazer. Para Dumazedier (1979), as atividades de lazer são classificadas de acordo com os interesses *físicos, manuais, intelectuais, artísticos* e *sociais*. Luiz Otavio Camargo (1986) afirma que as atividades turísticas também devem ser incluídas nesta classificação de Dumazedier. Assim, podemos identificar os:

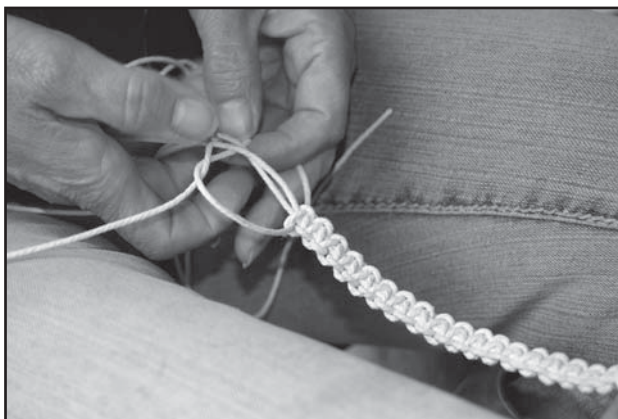
Lazeres físicos – correspondem às atividades que implicam esforço e exercício corporal; estão relacionados a atividades físicas como jogar bola, correr, nadar, surfar, entre tantas outras.



**Figura. 1.3:** A prática de esportes amadores é uma forma de lazer físico.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1076135>

Lazeres manuais – são os que exigem uma habilidade manual e especialmente relacionada a transformação de matérias-primas através da criatividade; podemos dedicar nosso tempo livre em atividades de trabalhos manuais como bordar, pintar, esculpir ou culinária, jardinagem, entre outros.



**Figura. 1.4:** Quando nos dedicamos a fazer cintos ou pulseiras em macramé, tricô ou crochê sem o objetivo de comercializar, mas para nossa própria satisfação.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1207928>

Lazeres intelectuais – estão relacionados a atividades para o cultivo do intelecto e da cultura, à apreciação pela busca do conhecimento através da leitura, da visita a museus, de pesquisas na internet sobre assuntos de interesse pessoal, entre outros.



**Figura. 1.5:** Nos dedicamos a lazares intelectuais quando buscamos o prazer na leitura que nos proporcionará ao mesmo tempo diversão e aprendizado.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1024682>



Lazeres artísticos – sobre o conceito de artístico podemos entender atividades como, por exemplo, se dedicar à decoração da casa, ou tocar um instrumento musical, encenar peças teatrais, compor músicas e poesias.



**Figura 1.6:** Tocar violão, cantar e dançar são algumas formas de lazer artístico.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1046849>

Lazeres sociais – são aquelas atividades de diversão, descanso e desenvolvimento, praticadas de uma forma coletiva, seja no grupo familiar ou de amigos, que nos permitem celebrar estes vínculos afetivos através de brincadeiras, jogos, festas e mesmo da participação em organizações associativas, religiosas, políticas de forma voluntária e em busca da satisfação pessoal e da integração social.



**Figura 1.7:** Brincar com os amigos é uma forma de lazer social.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1039896>

Lazeres turísticos – nessa classificação inclui-se a busca por novas paisagens, por culturas, lugares e pessoas diferentes, utilizando a prática do turismo, ou seja, do deslocamento e da permanência fora do seu local de domicílio e dos usos dos serviços inerentes a atividades como transportes, hospedagem, guias de turismo para conduzir aos atrativos naturais, culturais ou diferenças do lugar.



**Figura 1.8:** Aproveitar um passeio de escuna fora de nossa cidade é uma forma de praticar o lazer turístico.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1209192>

Podemos observar nessa classificação que uma mesma atividade poderá ser interpretada em diferentes tipos de lazer. Por exemplo: ao reunir os amigos para jogar uma partida de futebol no final de semana, estaremos exercendo um lazer ao mesmo tempo físico e social.

Outra observação interessante levantada por Juan Carlos Cutrera, citado por Larizzatti (2005, p. 41), considera a forma com a qual praticamos o lazer, podendo ser:

Passiva – quando nos dedicamos ao descanso, à contemplação, à meditação, caracterizando-se pela ausência de movimento físico ou de uma ação efetiva.

Receptiva – quando nos alimentamos da prática da leitura, ou quando ouvimos música e assistimos à TV.

Ativa – quando exercemos a ação ou a atividade, seja cantar, jogar, dançar, cozinhar, fotografar, cuidar de animais, entre tantas outras.

Dentre as três grandes funções do lazer – divertimento, descanso e desenvolvimento – apontados por Dumazedier, Leopoldo Gil Dulcio Vaz propõe que para cada um dos tipos de lazer podemos relacionar uma série de funções, dentre as quais:

Função educativa – que é caracterizada pela ampliação dos horizontes mentais, busca de novas experiências e de novo conhecimento de forma voluntária.

Função de ensino – caracterizada pela assimilação ou aprendizagem das normas de convivência social ou de comportamentos, dos valores culturais, de ideais filosóficos ou políticos.

Função integrativa – que tem por objetivo solidificar ou integrar os grupos de interesses comuns, principalmente os familiares, amigos, vizinhos.

Função recreativa – que compreende atividades lúdicas relacionadas com o desenvolvimento psicológico e físico.

Função cultural – refere-se à compreensão e assimilação dos valores culturais ou à criação de novos.

Função compensadora – caracteriza-se por atuações que, de alguma forma, contribuem para minimizar as insatisfações das outras áreas da vida.

## **Lazer doméstico, extradoméstico e turístico**

Partindo das definições aqui apresentadas, podemos entender que o lazer compreende um conjunto de atividades que ocorrem em determinados espaços. Assim, se fizermos uma análise das possibilidades a partir de nosso local de residência, podemos classificar o lazer em: *doméstico*, *extradoméstico* e *turístico*, sinalizando três grupos de atividades, portanto, de campos de negócios e de oportunidades de atuação profissional (CAMARGO, 2001, p. 257):

Lazer doméstico: quando utilizamos os ambientes de nossa própria residência para a prática de alguma atividade de lazer ou de entretenimento. Especialmente as atividades baseadas na mídia como, por exemplo, assistir à TV, *navegar* na internet, ou jogar videogame, mas não exclui outras possibilidades como reunir amigos para um banho de piscina ou para uma partida de xadrez.



**Figura 1.9:** Uma partida de xadrez em casa com os amigos é um exemplo de lazer doméstico.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1066731>

Lazer extradoméstico: está baseado nas relações com o ambiente da própria cidade quando realizamos alguma atividade de lazer, como por exemplo, quando você frequenta parques, festas ou mesmo quando sai de casa para comer uma pizza com os amigos.



**Figura 1.10:** Participar de festas folclóricas, de shows ou outros eventos em nossa cidade caracterizam o tipo de lazer extradoméstico.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/500894>

E por fim, teríamos o lazer turístico, caracterizado pela prática de atividades fora de sua cidade de domicílio, demandando por deslocamento e hospedagem. Para os teóricos do lazer, a expressão utilizada é “lazer turístico” e para os estudiosos do turismo, “turismo de lazer”. Mas nos dois casos o significado é o mesmo, no sentido em que compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com finalidade de praticar algum tipo de lazer.



**Figura 1.11:** Quando nos deslocamos para outros lugares em busca de descanso, diversão e/ou desenvolvimento pessoal de forma voluntária e não remunerada, estamos praticando o lazer turístico.

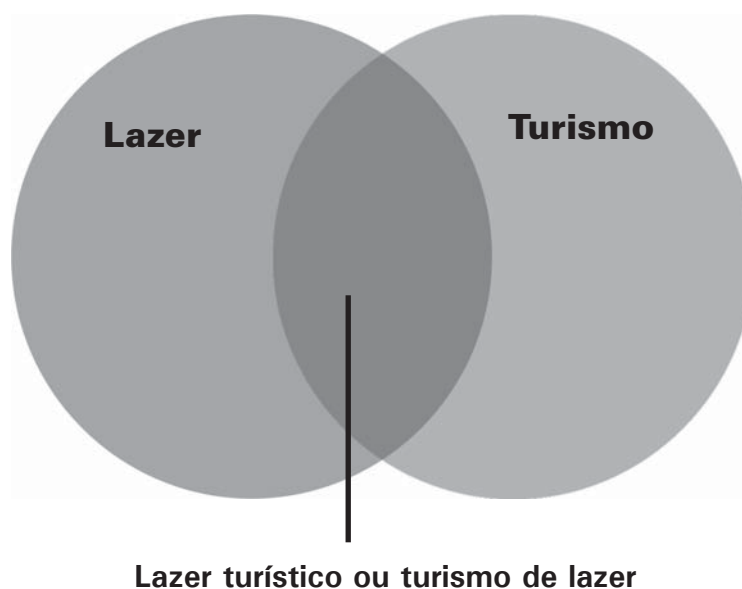
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1029567>

Conforme observa Camargo (2001, p. 268), o lazer turístico nos leva a pensar que o “turismo é o nome que se dá ao lazer desenvolvido fora da cidade onde se mora”. Porém há segmentos de turismo que não têm como objetivo principal a prática do lazer, a exemplo do Turismo de Negócios, Turismo de Eventos ou Turismo Esportivo. Nestes segmentos, o deslocamento e o uso de equipamentos turísticos têm como principal objetivo as relações comerciais, profissionais e/ou competitivas. Sob certo ponto de vista, pode-se dizer que o lazer turístico confunde-se até mesmo com o lazer extradoméstico, aquele praticado dentro da própria cidade, o que se verifica através de outros segmentos como turismo local ou turismo urbano.

Vale lembrar que a palavra turismo é composta originalmente pelo prefixo *tour* derivado do latim *tornare* e do grego *tornos*, que significa “uma volta ou círculo; o movimento ao redor de um ponto central ou eixo”. O sufixo *ismo* é compreendido como “ação ou processo, comportamento ou qualidade típicos”. Portanto, assim como imaginamos ocorrer com um círculo, o turismo representa uma viagem circular, ou seja, a qualidade do processo de partir para posteriormente regressar ao ponto inicial. O sufixo *ista* denota “aquele que realiza determinada ação”. A combinação da palavra *tour* e do sufixo *ista* supõe o sujeito que empreende essa ação de um movimento em círculo, ou seja, o turista (THEOBALD, 2001).

A evolução dos estudos sobre o fenômeno e sobre a atividade econômica do turismo nos permite hoje identificar diferentes segmentos ou tipos de turismo observados a partir da motivação para a viagem e das expectativas dos turistas. Assim, constatamos que nem todos os turistas viajam a lazer, sendo o lazer um tipo de turismo, assim como o turismo é um tipo de lazer.

Enfim, temos uma parte do lazer que é independente do turismo e uma parte do turismo que é independente do lazer.



**Figura 1.12:** Interfaces entre o lazer e o turismo.

Fonte: Do autor



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 2

A diversão entre os jovens é algo bastante comum, porém, alguns comportamentos, oriundos dela, tem preocupado tanto os pais quanto educadores, na busca de um melhor tipo de lazer e a formação social para os jovens, favorecendo os comportamentos socialmente aceitáveis na escola e na sociedade, evitando, assim, condutas relacionadas à delinquência (...) Contudo acompanhamos uma quantidade de reclamações divulgadas no dia a dia e que circulam entre os pais, as escolas e a mídia em geral sobre a intensidade da agressividade e comportamentos delinquentes quando em ócio ou tempo livre mal empregado entre os jovens (...) Sendo assim, um estudo desenvolvido por Formiga (2005) com 710 sujeitos, de ambos os sexos e idade entre 15 e 21 anos, os quais responderam uma escala dos hábitos de lazer e sobre conduta anti-social e delitiva, observou-se que um tipo de hábito de lazer hedonista – busca prazer individual e imediato – e o Lúdico – correspondentes ao caráter de jogos, divertimentos mais instrumentais – foram capazes de prever as condutas anti-sociais e delitivas; por outro lado, o tipo de hábito de lazer instrutivo – busca a formação intelectual e cultural – foi capaz de prever negativamente essas condutas. Os resultados mostraram que alguns tipos de lazer, que enfatizam a diversão podem provocar comportamentos capazes de romperem com as normas socialmente aceitáveis. Considerar o tipo de lazer na prevenção de comportamentos delinquentes entre os jovens, fazendo com que esses organizem melhor seu tempo e o tipo de diversão poderá desenvolver fatores de proteção psicológica e social.

Fonte: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/psychology/503567-explica%C3%A7%C3%B5es-das-condutas-desviantes-partir/> referência a pesquisa de FORMIGA, N.S.; AYROSA, I. & DIAS, L. (2005) Escala das atividades de hábitos de lazer: construção e validação em jovens. Revista de Psicologia da Vetor 6 (2) , 71-79. Ver também: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0467.pdf>

2. Analise o texto e responda: qual o tipo de lazer que você mais pratica? Este tipo corresponde ao lazer doméstico, ao lazer extradoméstico ou ao lazer turístico? Suas atividades de lazer são mais individualistas ou socioculturais?

[illegible]

### ***Resposta Comentada***

Para esta tarefa é preciso sua correlação com o tipo de lazer. Como exemplo, relaciono abaixo cinco das minhas práticas preferidas de lazer:

– ir à praia caminhar, jogar frescobol, ver os amigos, pegar sol – lazer físico / lazer social (extradoméstico);

– *viajar para conhecer novos lugares e pessoas – lazer turístico/lazer social (turístico);*

– assistir à televisão (informações) – lazer intelectual (doméstico);

– ouvir e compartilhar músicas – laser intelectual / laser artístico / laser social (doméstico).

**Conclusão:**

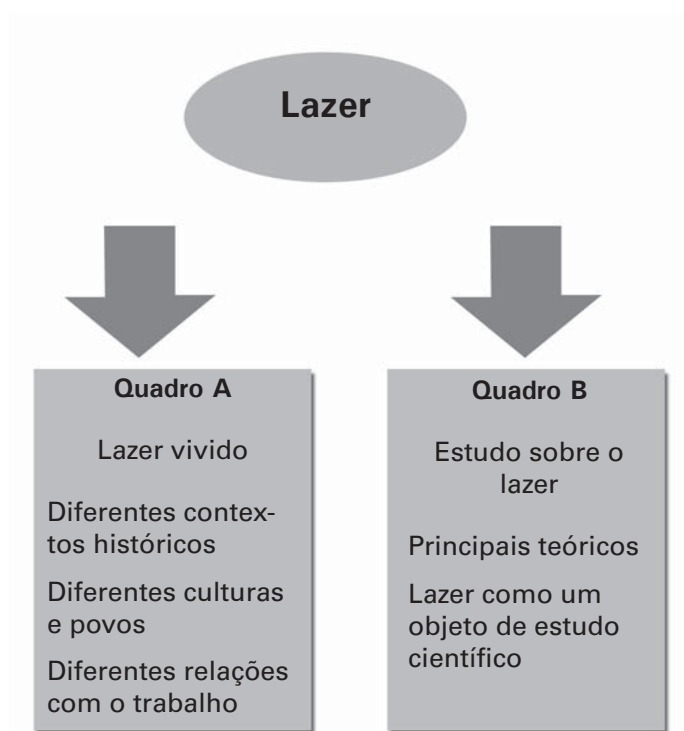
*Vamos encontrar atividades que se classificam em mais de um tipo de lazer. Devemos observar as nossas motivações e objetivos para cada atividade a fim de podermos classificá-las melhor. No meu caso, apesar de preferir atividades extradomésticas e turísticas, os tipos de lazer que mais pratico são classificados como domésticos, em função, inclusive do raro “tempo livre” para me dedicar mais às viagens. E você?*

## Diferentes abordagens do lazer

Podemos, também, compreender o lazer a partir de duas perspectivas: uma que associa o termo ao contexto das relações de trabalho ao longo da história (em conjunto com o tempo livre



que cada civilização usufruía) e outra que aborda o lazer a partir dos estudos científicos realizados sobre a temática. No primeiro caso (quadro A), o lazer está diretamente vinculado ao momento histórico e cultural vivido por cada povo e, no segundo, nossa análise estará centralizada nos teóricos que começaram a observar o lazer como um objeto de estudo acadêmico e científico (quadro B).



**Figura 1.13:** O lazer vivido e o lazer enquanto objeto de estudo.

Fonte: Do autor

No primeiro caso (quadro A), o lazer apresenta uma relação direta com o tempo de trabalho e o tempo livre. As atividades de lazer se realizam no tempo disponível (tempo livre). As relações entre o tempo de trabalho e de não trabalho sofreram diversas mudanças ao longo de nossa história. Nas comunidades primitivas em que o homem ensaiava seus primeiros passos sobre o planeta, por exemplo, vamos encontrá-lo sendo obrigado a desenvolver atividades básicas de subsistência, tais como a caça, a pesca e a agricultura para sua sobrevivência. Vivendo próximo à

natureza, nossos antepassados seguiam os dias obedecendo aos ciclos naturais, tais como o tempo de plantio e de colheita. Estudos antropológicos registram que nesta época eram celebradas festividades e rituais com cantos, danças, bebidas e competições em agradecimento aos deuses da fartura e da abundância. Podemos aí entrever as primeiras manifestações de lazer na história da humanidade, que serão estudadas a partir da civilização grega na próxima aula.



## Atividade Final

---

### Atende ao Objetivo 3

Reflita sobre o artigo a seguir e elabore um texto com o mínimo de 20 linhas sobre o tema: “A importância do estudo do lazer nos cursos de licenciatura em turismo.”

O tempo livre deveria ser um tempo máximo de autocondicionamento e mínimo de heterocondicionamento, isto é, ser constituído por aquele aspecto do tempo social, em que o homem conduz com menor ou maior grau de nitidez a sua vida pessoal e social. No entanto, neste tempo que poderia ser um tempo voltado para o ócio mais verdadeiro, o consumismo termina por deteriorá-lo, mercantilizá-lo, coisificando-o e empobrecendo-o de significados.

Encontra-se na literatura que é preciso educar os sujeitos não só para perceber os meandros do trabalho, mas também para os mais diversos e possíveis ócios; significa ensinar como se evita a alienação que pode ser provocada pelo tempo vago, tão perigoso quanto a alienação derivada do trabalho (DE MASI, 2000, p. 326).

Segundo Muller (2003), a educação costuma sonegar o direito ao ócio; observa-se que as escolas tendem a preparar a criança para a importância da profissão e do trabalho no futuro, isto é, preparam crianças e jovens para a vida adulta moldada pelo trabalho, porém não há orientação nesse processo para o uso adequado do tempo de ócio, um fator de vital importância para a edificação de um indivíduo equilibrado. Isso porque a escola, dentro de uma concepção moderna, está profundamente demarcada pelo paradigma da produção industrial, reiterando que atividade social dominante e determinante da configuração social é o trabalho.

O aspecto educativo também se volta para a qualificação do trabalhador, mais dirigido para a questão de execução de tarefas, limitando seu potencial criativo, submetendo-o ao limite de suas habilidades, àquela ou a esta função.

Em *Elogio ao ócio*, Russell critica de forma categórica a concepção estritamente utilitária da educação, afirmando que esta ignora as necessidades reais dos sujeitos e que os componentes culturais na formação do conhecimento se ocupam em treinar os indivíduos com meros propósitos de qualificação profissional, esquecendo, desta maneira, os pensamentos e desejos pessoais dos indivíduos, levando-os a ocuparem boa parte de seu tempo livre com temas amplos, impessoais e sem sentido (RUSSELL, 2002: p. 37).

Fonte: AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 479-500, set. 2007.

[illegible]

### **Resposta Comentada**

*Para prosseguirmos com as nossas aulas de forma produtiva é necessário que você identifique e correlacione o conteúdo da disciplina com a sua importância no contexto de formação do curso. Os estudos do lazer estão intimamente ligados a nossa formação como docentes na área de turismo. Devemos conhecer e desenvolver habilidades e técnicas que tornem nossas aulas e nossa vida profissional mais atraentes e eficientes para a melhoria na qualidade não só dos serviços para os nossos clientes, mas na qualidade de vida dos indivíduos com os quais nos relacionamos, através da adequada aplicação de atividades lúdicas. Como você justifica esta importância?*

### **Resumo**

Nesta primeira aula apresentamos alguns conceitos básicos no âmbito desta disciplina, dentre os quais se destacam:

O lazer, como um campo de estudo que promove o descanso, a diversão, e o desenvolvimento pessoal e social, como proposto por Joffre Dumazedier. O tempo livre, como um tempo diferenciado do tempo de trabalho e demais obrigações. O ócio, entendido como a prática da contemplação, da reflexão, relacionado ao descanso do corpo e ao cultivo da mente; o lúdico como uma forma de aprendizagem através de atividades criativas, estimulantes e divertidas; e o entretenimento, tratado como uma forma de lazer que se utiliza de instrumentos da mídia que induzem ao consumo de diferentes produtos e serviços. Além desses aspectos, identificamos as tipologias e funções específicas do lazer, que estão relacionadas aos interesses de cada um para bem usufruir do tempo livre através de lazeres físicos, intelectuais, manuais, artísticos, sociais e turísticos. Além das três funções principais apontadas por Dumazedier, podemos identificar funções específicas para o lazer como a função educativa, integrativa, recreativa, cultural e compensadora de acordo com as práticas a serem adotadas. Também classificar o lazer de acordo com o espaço em que se realizam as atividades de lazer em três grupos: lazer doméstico, extradoméstico e turístico. Tais conceitos nos levam

a refletir sobre a abrangência dos estudos do lazer em diferentes áreas do conhecimento e como é relevante para os profissionais de turismo e educadores conhecer e adotar práticas de lazer em suas atividades profissionais.

---

## **Informação sobre a próxima aula**

Na próxima aula, iremos descrever os principais aspectos relacionados ao conhecimento e às práticas de lazer na civilização ocidental desde a civilização grega, na Antiguidade, até a Idade Moderna.



# 2

## O lazer na Antiguidade dos gregos e romanos e na Europa da Idade Média

*Cristina Marques Gomes / Simone Dantas*

### Meta da aula

Apresentar alguns aspectos importantes em relação à temática do lazer ao longo da história.

### Objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- 1 distinguir as mudanças em relação à concepção do ócio e do lazer entre os gregos e os romanos na Antiguidade clássica;
- 2 reconhecer a influência do poder dos reis e da Igreja Católica nas manifestações do lazer na sociedade da Idade Média;
- 3 identificar no *Grand Tour* os elementos que fundamentam o turismo contemporâneo.

## Introdução

No livro *História e Turismo* de nosso curso, Módulo 1, Aula 1, página 11, encontramos uma linha do tempo que orientará os nossos estudos. Nela, identificamos como marcos históricos:

Idade Antiga – da invenção da escrita, aproximadamente 4000 a.C., até a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C.;

Idade Média – de 476 d.C. até a tomada de Constantinopla pelos turcos-otomanos, em 1453;

Idade Moderna – de 1453 até 1789, data da Revolução Francesa;

Idade Contemporânea – de 1789 até os dias de hoje.

Para mergulharmos nas origens históricas do lazer, vamos considerar que “as noções de lazer e trabalho, bem como todo o saber produzido no mundo ocidental, têm suas raízes primeiras na Antiguidade Clássica” (WERNECK, 1996, p. 329).

Como será que o lazer foi percebido e praticado nas sociedades nessas épocas que antecederam ao que hoje chamamos de *indústria do entretenimento*? Vamos dar início à nossa viagem no tempo...

## Idade Antiga: o lazer dos gregos e romanos

A Paz é o fim último da guerra, e *scholé* (lazer) o da vida ativa.

*Aristóteles*

Na Grécia Antiga, o lazer era visto não como um mero “tempo livre”, mas sim como um tempo dedicado ao cultivo do “eu”, isto é, do corpo e do espírito. Chamava-se esse tempo social de *scholé*, termo que significava ao mesmo tempo lazer e educação de si mesmo e que deu origem às palavras *escola* e *ócio*. Platão e Aristóteles afirmavam que o contraste do lazer não se fazia apenas ao trabalho, pois devia haver um contraste à “ação”. O lazer deveria, assim, ter causa e finalidade em si mesmo, sem se relacionar com nada. Para Aristóteles, apenas a música e a



contemplação, como a arte de filosofar, eram dignas de se chamarem lazer, e ele afirmava que:

“O homem em contemplação é um homem livre. De nada necessita. Portanto, nada determina ou deturpa seu pensamento. Ele faz aquilo que ama fazer, e o que faz é feito por prazer” (WERNECK, 1996, p. 329).

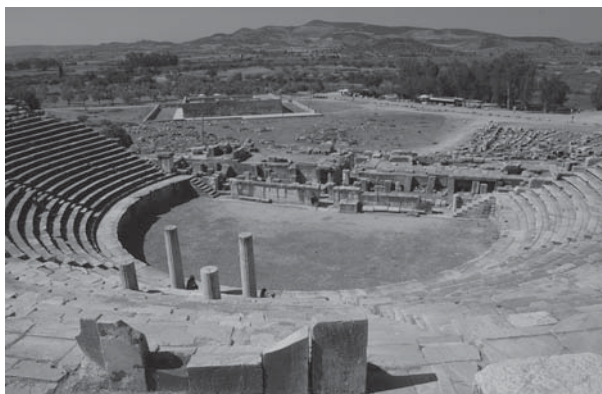
De acordo com Werneck, *os gregos relacionavam o lazer com o ócio*, sendo este considerado a condição ideal para o exercício das mais sublimes capacidades do espírito humano (WERNECK, 1996, p. 329).

Nesses termos, os escravos nunca poderiam ter lazer, pois estavam sempre fazendo algo para alguém, e não tinham liberdade para nada. Segundo Camargo, os metecos (imigrantes) e os escravos *pagavam a conta com a cota de serviços necessários ao funcionamento da economia da época*. Portanto, essas ideias de Aristóteles não eram compartilhadas pelo povo, pois muitos eram escravos dos poderosos. O lazer ideal existia apenas para uma minoria dominante (CAMARGO, 2001, p. 237).

Nessa época, uma das opções de lazer para o povo eram os Jogos Olímpicos, com competições que reproduziam práticas de seu cotidiano, como corridas a pé, lançamento de dardos, arco e flecha, saltos; os anfiteatros como espaços construídos para apresentações como música, dança e teatro; e também os banhos públicos.

Essa definição de lazer dos gregos pouco ou nada tem a ver com o que entendemos por lazer nos dias atuais. Essa noção de lazer era desvinculada da estrutura técnico-econômica que o sustentava, pois o trabalho escravo fundamentava economicamente o tempo da *scholé* de uma minoria da população, bem diferente da dinâmica do lazer moderno, que se manifesta como um produto da gradativa redução da jornada de trabalho. Entretanto, a civilização grega nos deixou um valioso legado, tais como os princípios da cidadania e da democracia, a realização de eventos como assembleias, congressos, além do teatro com apresenta-

ções filosóficas, mitológicas e políticas em espaços criados em formato de arena, que reuniam de 15 a 20 mil pessoas em torno de objetivos comuns.



**Figura 2.1:** Veja a amplitude das ruínas do Teatro de Mileto.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro\\_na\\_Gr%C3%A9cia\\_Antiga](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_na_Gr%C3%A9cia_Antiga)

A civilização romana difundiu a concepção grega de um modo de vida baseado no lazer, sendo que adquiriu um caráter mais político do que intelectual. Camargo (2001) aponta sinais desde a etimologia (estudo que trata da história ou origem das palavras e da explicação do significado de palavras por meio da análise dos elementos que as constituem) de algumas palavras originárias do período romano que mostram a influência da concepção do lazer-prazer dos gregos nos romanos e destes nas concepções atuais. Por exemplo: você sabia que a palavra *negócio* vem do latim *necotium*, significando “a negação do ócio”? E que a palavra *trabalho* também vem do latim *tripalium* e significa “três paus”, passando a ideia de um tridente, ou seja, de um “instrumento de tortura”? Percebe-se assim que essas e várias outras expressões na literatura latina estão permeadas de referenciais aos prazeres da vida lúdica em contraposição ao peso do trabalho. É famoso o verso de Horácio: *Dum loquimur, aetas invida fugit*, que significa: “Enquanto falamos, a idade invejosa dos nossos prazeres passa” (CAMARGO, 2001, p. 237).

O Estado romano se apropria desta concepção para adotar a **“política do pão e circo”** e estabelecer o “ócio das massas” como instrumento de despolitização e de controle do povo, em contraponto ao lazer das classes dominantes. Ou seja, o lazer era promovido pelo poder econômico e político como forma de controle social.

Dentre as formas de lazer dos romanos, ao contrário do culto à beleza, à inteligência e aos jogos praticados pelos gregos, inclui-se o circo. Mas não o circo como o conhecemos hoje. O circo romano era justamente o lugar onde o povo se reunia para assistir aos escravos, ladrões ou estrangeiros serem devorados por leões e outras feras. Também era um espaço utilizado para assistir às lutas dos gladiadores, nas quais, entre dois ou três lutadores, apenas um poderia sair vivo, bem como à luta de homens com animais ferozes, sempre tendo a morte sofrida e sangrenta como espetáculo. Um dos vestígios do lazer dos romanos é o Coliseu, que se encontra na cidade de Roma.



**Figura 2.2:** O circo: o destino de um gladiador derrotado é decidido pelo público.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gladiadores>

### **“Política do pão e circo”**

O crescimento urbano de Roma e o sistema escravo provocaram grande descontentamento entre os camponeses na zona rural. Uma grande massa de desempregados migrou para as cidades romanas em busca de melhores condições de vida e o imperador receava o fomento de uma revolta na população. Para “solucionar o problema”, o imperador adotou a “política do pão e circo”, distribuindo alimentos durante as lutas entre os gladiadores, pois acreditava que, alimentando e divertindo a população carente, ele diminuiria as chances de uma revolta que poria em risco o seu domínio.

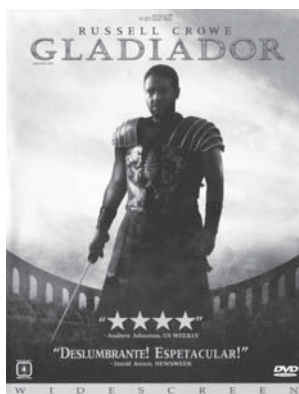


**Figura. 2.3:** O Coliseu em Roma abrigou muitas lutas entre homens e feras, seguidas pela distribuição de alimentos para distrair a população de sua revolta.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/971526>



Assista ao filme *Gladiator* e mergulhe no clima do Império Romano! Trata-se de um drama histórico lançado no ano 2000, vencedor de cinco Oscar. Sob a direção de Ridley Scott, o filme retorna à moda a temática das antigas civilizações. Assista ao *teaser* do filme em [http://www.youtube.com/watch?v=5osw\\_gV0Rwg](http://www.youtube.com/watch?v=5osw_gV0Rwg).



Fonte: [http://www.interfilmes.com/filme\\_13469\\_Gladiator-\(Gladiator\).html](http://www.interfilmes.com/filme_13469_Gladiator-(Gladiator).html)



## Atividade

### Atende ao Objetivo 1

1. Estabeleça as principais diferenças na concepção de lazer da civilização grega em relação à concepção dos romanos na antiguidade clássica, destacando o contexto social e as práticas de lazer verificadas.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### **Resposta Comentada**

*O lazer dos gregos pouco ou nada tem a ver com o que entendemos nos dias atuais, pois estava desvinculado da estrutura técnico-econômica que o sustentava. Em uma sociedade escravocrata, o lazer era um privilégio dos homens livres, de uma minoria dominante. O lazer era dedicado ao ócio, ao aprimoramento pessoal, por meio da contemplação do belo, da filosofia, das artes, da música. Os escravos e imigrantes sustentavam o lazer dessa minoria, sendo os Jogos Olímpicos o evento mais representativo de participação popular, no qual as competições estavam baseadas em atividades de caça e sobrevivência cotidianas da maioria. Como herança grega para o lazer ficaram os espaços públicos e democráticos, onde eram realizadas as assembleias, o teatro com base filosófica e mitológica. Os romanos difundiram o lazer com um caráter mais político e aplicado ao domínio da população e à ostentação do poder do imperador e de seus eleitos. Os grandes espaços herdados dos gregos, antes dedicados às artes e à filosofia, transformaram-se em arenas de lutas de gladiadores, ou seja, no circo romano, cenário para a “política do pão e circo” por meio da qual o imperador inibia a revolta do povo oferecendo alimentos e diversão.*

## **Na Idade Média, o pecado do ócio**

A Idade Média compreende o período que parte da queda do Império Romano até o surgimento do movimento renascentista. Esse período histórico não se encerra no predomínio das concepções religiosas em detrimento da busca pelo conhecimento, pois é durante o período medieval que se estabelece a complexa

fusão de valores culturais romanos e germânicos e que vemos a formação do Império Bizantino, a expansão dos árabes e até o surgimento das primeiras universidades.

Nos tempos medievais, podemos observar uma mudança no sentido e no significado do aproveitamento do tempo de não trabalho com base em um rígido conceito de pecado instituído pela Igreja Católica (MELO; ALVES JUNIOR, 2003).

A civilização cristã, ao suceder à civilização greco-romana na história do Ocidente, acabou por inverter os valores daquelas sociedades. Ao distinguir duas dimensões da vida – a séria, assentada no trabalho e no dever, e a lúdica, assentada no prazer –, o cristianismo nunca teve dúvida em privilegiar a primeira. O trabalho “dignifica o homem”, enquanto a ociosidade é “mãe de todos os vícios”. Essa nova equação foi a contribuição mais marcante do cristianismo para a discussão (CAMARGO, 2001, p. 238).

Santos (1999) explica bem esta concepção:

O trabalho, como na Grécia Clássica, se associa a algo penoso para os homens, porém assume o atributo de expiar os erros próprios da fragilidade de caráter dos indivíduos. Por outro lado, o lazer é percebido como algo profundamente nocivo à moral e à retidão e lisura no procedimento e nos bons costumes, principalmente dada a sua estreita ligação com o prazer, uma vez que este potencializa o desregramento, o desvio do caminho traçado pela Igreja e as mais diversas luxúrias materiais.

Dessa forma, o lazer é visto como um grande perigo para a Igreja; instituição que tinha, no aperfeiçoamento espiritual, um dos principais eixos norteadores de seu ideário.

No século IV d.C., Santo Agostinho já alertava para os perigos das brincadeiras infantis, como prenúncio de uma vida futura desregrada. Nas suas *Confissões* (1963), Santo Agostinho assim alude ao conflito entre a obrigação escolar e o gosto pelo brinquedo: “Um juiz reto aprovaria os castigos que me davam por eu, em pequeno, jogar a bola e o jogo ser um obstáculo ao meu

aproveitamento nos estudos?” Analisando a história do pensamento educacional, Meyer (apud CAMARGO, 2001, p. 238) assim descreve a concepção de Santo Agostinho:

A aprendizagem não pode ser estimulada sem disciplina. O professor tem de controlar a criança e, se necessário, usar a vara e a chibata. Assim, o aluno aprende a controlar seus impulsos maus e se conscientizar da importância da obediência. Agostinho, constantemente consciente do pecado original, acreditava que as crianças são naturalmente más; por esse motivo sua natureza tinha que ser modificada pelo mestre-escola.

Camargo (2001) ressalta ainda que havia na prática social cotidiana uma hipocrisia subjacente a essa concepção de vida, dentro da seguinte fórmula: *oração para os padres, diversão para os nobres e trabalho para os pobres*.

Os nobres da época (reis, duques, cavaleiros, senhores feudais etc.) dedicavam o tempo ocioso ao consumo, ao excesso, à luxúria, que correspondiam à ostentação do poder econômico. Ou seja, o tempo de vida era destinado a vivências não produtivas, tais como as festas nos castelos, a caça de animais selvagens e os torneios medievais, nos quais os competidores se enfrentavam montados a cavalo, com lanças e escudos para demonstração de suas habilidades, saindo gravemente feridos e mesmo perdendo a vida em nome da honra e do orgulho.



**Figura 2.4:** Torneio, uma das principais atividades de lazer dos nobres da Idade Média.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cavalaria\\_medieval](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cavalaria_medieval)



Para a população em geral, não havia uma rígida divisão social do tempo de trabalho e de não trabalho. O tempo de trabalho àquela época destinava-se principalmente ao serviço à nobreza (os servos), às atividades agrícolas que dependiam da dinâmica do tempo da natureza e, em número mais reduzido e com certa flexibilidade em relação ao tempo de trabalho, os artesãos e pequenos comerciantes. O tempo de não trabalho era dedicado ao descanso e às festas, a música e a dança amenizavam as tensões de um cotidiano árduo e repressivo e de guerras constantes.



Você certamente já conhece a história de Robin Hood, não? Vale a pena rever uma das versões em filme – como *Robin Hood, o príncipe dos ladrões*, com Kevin Costner, do ano de 1993, para perceber os valores praticados na época da Idade Média. Você pode assistir a um *trailer* dublado em <http://www.youtube.com/watch?v=VTCFT0AGho0>.



**Figura 2.5:** Robin Hood na floresta de Sherwood.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Robin\\_Hood](http://pt.wikipedia.org/wiki/Robin_Hood)



Entre as festas populares, destaca-se o tríduo carnavalesco,

que era a única válvula de escape para o prazer no medievo cristão. Ao longo dos três dias, a população pobre chegava a consumir ração de comida equivalente a anual e podia esbanjar-se com sexo e provocação às classes dominantes de então, o clero e a nobreza (CAMARGO, 2001, p. 238).



### As festas carnavalescas

As festas carnavalescas têm origem controversa. De modo geral, nos remetem a eventos populares de cunho religioso ou comemorativo à época de colheita de grandes safras agrícolas, ocasiões em que as pessoas já pintavam os rostos, dançavam e bebiam. Há referências às festas de culto à Isis há mais de quatro mil anos antes de Cristo, no antigo Egito. Em Roma, há indícios de origem do carnaval em festas pagãs e com rituais de orgia em homenagem aos deuses Pã e Baco, chamadas festas lupercais e bacanaís ou dionísicas. Na Era Cristã, e com o intuito de conter os excessos do povo nestas festas pagãs, a Igreja incluiu no calendário religioso a Semana Santa e a Quaresma, este último sendo um período de penitência que encerra o ciclo de festas celebradas pelos cristãos. Este ciclo tem início com o Natal, seguido do Ano-Novo, da Festa de Reis e então o carnaval, intensificado nos dias que antecedem à “Terça-Feira Gorda”, último dia em que era permitido comer carne antes da Quarta-Feira de Cinzas, dando início aos quarenta dias de jejum ao qual os cristãos se dedicam (Quaresma), em preparação para a Semana Santa e a celebração da Páscoa. A esta tradição religiosa somam-se diferentes manifestações em festas populares de acordo com a cultura de cada país. No período do Renascimento, as festas carnavalescas de Veneza incluíram os bailes de máscaras, com ricas fantasias e carros alegóricos que inspiraram diversas manifestações contemporâneas, como o carnaval do Brasil. Na França, a Terça-Feira Gorda é conhecida pelo nome *Mardi Gras*, expressão que nos Estados Unidos é sinônimo de carnaval.



**Figura 2.6:** Máscaras do carnaval de Veneza, Itália.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Carnaval>



## Atividade

### Atende ao Objetivo 2

2. Comente a afirmativa a seguir, destacando a influência do poder dos reis e da Igreja Católica nas manifestações do lazer na sociedade da Idade Média:

*O trabalho “dignifica o homem”, enquanto a ociosidade é “mãe de todos os vícios”. Essa nova equação foi a contribuição mais marcante do cristianismo para a discussão (CAMARGO, 2001, p. 238).*

[illegible]

### ***Resposta Comentada***

*A associação da Igreja Católica com a soberania dos reis deu origem a um dos períodos mais torturantes da história da civilização ocidental. Constituída como classe dominante, clero e monarquia, difundem o trabalho e o dever, entre eles, o pagamento de dízimo à*

*igreja e de impostos à coroa, como obrigação, como expiação para os pecados, como a salvação. A população devia submeter-se a este dogma como algo sagrado e sobre o qual não deve haver contestação. Por outro lado, o lazer e o ócio são percebidos como algo profundamente nocivo à moral, um desvio da conduta correta para a luxúria, prejudicial ao aperfeiçoamento espiritual do povo e também aos interesses escusos de enriquecimento e de expansão dos reinados e da Igreja àquela época, para os quais o lazer era dedicado à ostentação do seu poder econômico.*

## A Reforma Protestante e o Renascimento

Com a Reforma Protestante no século XVI, uma nova interpretação sobre o valor do trabalho e do lazer vem compor a sociedade da época. O catolicismo valorizava o trabalho sobre o lazer, mas condenava o acúmulo de capital. Já para o protestantismo, a saúde espiritual se associou à riqueza material, a ponto de se acreditar que ser pobre materialmente poderia significar também ser privado da graça divina. Essa concepção veio fundamentar ideologicamente o capitalismo em ascensão. Para aprofundarmos essa associação, vale a pena ler Max Weber na sua obra clássica intitulada *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Hoje, pelo menos três teólogos lutam para reconciliar as noções de Deus e de jogo: o próprio Harvey Cox, teólogo batista, o luterano Jurgen Moltman e o católico Eric Volant (CAMARGO, 2001).



### Reforma Protestante

No século XVI, uma mudança na visão de mundo, fruto do pensamento renascentista e uma série de abusos cometidos pela Igreja Católica deram início a um processo conhecido como Reforma Protestante.

A Renascença ou Renascimento correspondem ao período da história da Europa, compreendido entre os séculos XIII e o XVII, marcado por uma série de transformações em diferentes áreas da vida humana decorrentes da transição do feudalismo para o capitalismo, assinalando o final da Idade Média e o início da Idade Moderna. Essas

transformações ficam evidentes nas artes, na filosofia e nas ciências com desdobramentos manifestos na economia, na cultura, na sociedade, na política e na religião. O homem renascentista tinha acesso a livros e ao convívio nas cidades o que o permitiu pensar e discutir as coisas do mundo e a desenvolver o seu senso crítico, baseado na ciência e na busca da verdade por meio de experiências e da razão.

Além disso, a Igreja Católica estava perdendo a sua identidade devido a elementos do clero corrompidos pelo poder, que entre outros desatinos, desrespeitavam as regras religiosas, inclusive o celibato, excediam nos gastos com o luxo e arrecadavam dinheiro com a venda de indulgências (venda do perdão). Contraditoriamente, condenavam o lucro e os juros típicos do capitalismo emergente, deixando insatisfeita a burguesia comercial em plena expansão no século XVI.

Assim, a Reforma Protestante e a Renascença ou Renascimento foram movimentos importantes para a revisão de valores na religião, na cultura, na economia, na política, na sociedade como um todo. A busca pelo conhecimento para a mudança de uma situação de submissão à Igreja Católica e ao poder dos reis e a busca por melhores meios de produção e por uma sociedade mais humana induziram a institucionalização das primeiras universidades.

Nessa busca pelo conhecimento desenvolveram-se as viagens conhecidas como *Grand Tour*, um rito de passagem educacional para jovens da aristocracia, particularmente da Grã-Bretanha e de nações protestantes do norte europeu nos idos de 1600, mas que rapidamente se espalhou pelos continentes. Não devemos esquecer que os séculos correspondentes à Idade Média foram também importantes para a descoberta de novas terras para colonização, graças à expansão das navegações e do comércio.

O *Grand Tour* era a única oportunidade existente para ver e vivenciar certas obras de arte, ouvir certas peças musicais, aprimorar idiomas e ter acesso ao legado da Antiguidade Clássica e do Renascimento. Um *Grand Tour* podia durar de alguns meses até alguns anos. Os jovens viajavam em companhia de um tutor de confiança da família, profundo conhecedor que atuava

também como guia. O *Grand Tour* teve mais do que uma importância cultural superficial. Nas palavras do historiador inglês E. P. Thompson,

o controle da classe dominante, no século XVII, localizava-se antes de tudo numa hegemonia cultural, e, somente depois, numa expressão de poder econômico ou físico (militar).<sup>9</sup> Somente o conhecimento, através da razão e da ciência, poderia quebrar essa hegemonia e proporcionar uma nova história para o mundo que já se configurava, a Idade Moderna (THOMPSON, 1991, p. 43).



## Atividade Final

### Atende ao Objetivo 3

Identifique o contexto histórico e os elementos do *Grand Tour* que podemos associar ao turismo contemporâneo, particularmente ao segmento do turismo cultural.

[illegible]

---

---

---

---

### **Resposta Comentada**

*O Grand Tour surge no período histórico do renascimento na Europa, ocasião em que a busca pelo conhecimento por meio da razão, da ciência e da experiência estimulam a criação das universidades e as viagens como principal instrumento de aprendizagem para os jovens da burguesia emergente. O turismo ainda não “existia” como atividade econômica organizada, mas já podemos verificar no Grand Tour a função cultural das viagens e a existência de um guia (tutor) que se encarrega de elaborar e detalhar o roteiro aos jovens viajantes. Esta característica aproxima-se ao conceito do turismo cultural e do turismo de intercâmbio que hoje se constituem em segmentos específicos do turismo, contando com agências, guias, hospedagem, transportes associados ou não em pacotes exclusivamente para estas motivações de viagem. Esta observação é interessante para nos auxiliar a dissociar o conceito de lazer apenas como diversão. O lazer detém a função de desenvolvimento em seu conceito, e os profissionais de turismo e educadores devem atentar para as perspectivas da cultura e das viagens como fonte de aprimoramento pessoal e social.*

### **Resumo**

Como forma de entendermos as origens históricas do lazer, abordamos os principais aspectos a partir de quatro perspectivas: a dos gregos, que inventaram um tempo chamado *scholé* no qual só o “homem livre” tinha o direito de usufruir o corpo e o espírito, e para tanto, a sociedade era sustentada por um sistema escravocrata. Os romanos, que mantiveram a mesma estrutura, porém com enfoque na “política do pão e circo” e práticas de lazer rudes em relação à beleza e à perfeição contemplada pelos gregos. A Idade Média com o ócio sendo considerado um pecado e ressaltando a distinção e a hipocrisia entre as classes sociais e, no início da Idade Moderna com o puritanismo religioso e a reforma protestante, que inverteram os valores, associando a saúde espiritual à riqueza material, extrapolando o princípio cristão em que “o trabalho dignifica o homem”. Também destacamos a influência

do *Grand Tour* como processo de aprendizado e de conhecimento por meio da viagem de jovens com seus tutores pela Europa Antiga, fundamentando o turismo contemporâneo, especialmente o segmento de turismo cultural.

## **Informação sobre a próxima aula**

Na próxima aula, iremos estudar a Revolução Industrial como marco de uma nova civilização que caracteriza a Idade Moderna, e ver surgir o direito ao tempo livre e seus impactos nos hábitos, na produção e nos estudos do lazer.





# 3

## A Revolução Industrial e o lazer moderno

*Cristina Marques Gomes / Simone Dantas*

### Meta da aula

Apresentar as principais contribuições da Revolução Industrial para os hábitos de lazer da sociedade a partir da Idade Moderna.

### Objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- 1** estabelecer as relações entre o tempo de trabalho e os hábitos de lazer;
- 2** verificar como a Revolução Industrial demarca o lazer moderno;
- 3** identificar os principais avanços tecnológicos e sociais na busca pela qualidade de vida através do lazer.

## Introdução

Como bem assinala Victor Melo, “trabalho e não-trabalho são categorias da atividade humana que não podem ser compreendidas nem de forma hierarquizada (uma se sobrepujando à outra), nem de forma isolada (uma sem relação com a outra)”, pois ambas são igualmente importantes e possibilitam a satisfação humana. Contudo, verificamos uma artificialização dos tempos sociais no final do século XVIII, com o modelo de produção e a organização do trabalho concentrado nas fábricas (MELO; ALVES JUNIOR, 2003).

Paralelamente às transformações nos dogmas religiosos com a expansão do protestantismo e seus reflexos nas artes e nas ciências com o Renascimento ao final da Idade Média, o novo sistema urbano-industrial trouxe outro sentido às práticas trabalhistas da sociedade ocidental: o caráter sagrado do trabalho medieval a partir da Idade Moderna adquire um sentido profano: *Tempo é dinheiro – time is money* – é a expressão máxima do sistema produtivo capitalista. Segundo Oliveira (2004):

A industrialização crescente, os aspectos da produção e da mais-valia, a mercadorização e coisificação do homem são características deste sistema econômico, gerando, progressivamente, uma sociedade que ressalta como representação maior da vida o trabalho, e inibe o lúdico como direito à felicidade, sustentando um discurso de atrelamento entre a felicidade almejada e o aumento de produção.

Essas transformações nos valores sociais tiveram como grande marco a Revolução Industrial e os processos por ela desencadeados.

## A Revolução Industrial

Iniciada na Grã-Bretanha em meados do século XVIII, a Revolução Industrial integra um conjunto de “revoluções burguesas” responsáveis pela queda do Antigo Regime, protagonizado

pelo poder político e econômico da monarquia, do clero e dos senhores feudais. A Revolução Industrial consistiu fundamentalmente em um conjunto de mudanças tecnológicas com profundo impacto no processo produtivo, econômico e social, expandindo-se pelo mundo a partir do século XIX. Nesse processo (que alguns autores registram ocorrer até os dias atuais) a era agrícola foi superada, a máquina suplanta o trabalho humano, e uma nova relação entre o capital e o trabalho se impõe, estabelecendo também novas relações entre as nações e consolidando a cultura de massa, entre outros eventos.

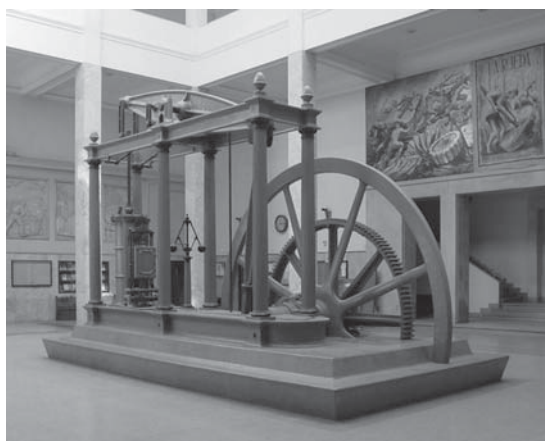
Essa transformação ocorre devido à combinação de fatores como o liberalismo econômico e a acumulação de capital, que caracterizam o capitalismo como sistema econômico vigente que teve como ponto de partida uma série de invenções, com especial destaque para a máquina a vapor. Entendendo a industrialização como um processo de uso da máquina nos meios de produção, podemos considerar que a Revolução Industrial apresenta diferentes momentos, conforme a tecnologia adotada: a primeira Revolução Industrial ocorreu no século XVIII a partir da energia a vapor; posteriormente, no século XIX, com a energia elétrica ocorreu a segunda; a terceira e a quarta revoluções ocorreram com a energia nuclear, a informática e a robótica. Há também as transformações no setor das comunicações no decorrer dos séculos XX e XXI, aspectos ainda discutíveis entre os historiadores mas que, sem dúvida, repercutem no mundo do trabalho e nos hábitos de lazer das sociedades.



Leia mais sobre as fases da Revolução Industrial acessando <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=30>

Contudo, o importante é compreender que até o advento da Revolução Industrial os homens viviam em função do ciclo da natureza, do dia e da noite, da época da colheita e não colheita etc. Não existia uma separação nítida entre o tempo de trabalho e o de não trabalho. Também não havia sentido em se pensar em aumentar a produção, se grande parte do que se produzia deveria ser pago como imposto ou dízimo, restando ao trabalhador o suficiente apenas à sua subsistência. A produção artesanal já não sustentava os interesses do capitalismo concentrado no comércio. A burguesia se manifesta então como um estrato social que defende os meios próprios de produção e de acúmulo do capital, incentivando a ciência em busca de novas formas de produção.

Vale destacar que a Revolução Industrial trouxe grande evolução também nos transportes (trens e navios a vapor) e nas comunicações, que favoreceram a promoção de novos centros urbanos e a implantação de serviços de viagens e lazer. Feiras internacionais surgiram como forma de expor novas descobertas e de comercializar os excedentes de produção além de promover no entorno delas, uma gama de serviços urbanos. Esses aspectos, assim como a identificação do tempo livre e das relações com o trabalho, são particularmente importantes para o desenvolvimento do turismo como uma das novas opções de lazer.



**Figura 3.1:** Um motor a vapor de Watt. O motor a vapor, alimentado principalmente com carvão, impulsionou a Revolução Industrial no Reino Unido e no mundo.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o\\_Industrial](http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial)

## O tempo

Com a organização do trabalho em fábricas, observa-se uma artificialização dos tempos sociais (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p. 6). O tempo de vida é marcado pela jornada de trabalho em torno de 12 a 16 horas diárias e indefinidas no que se refere à faixa etária ou sexo, ou seja, jovens, crianças, adultos, homens, mulheres e idosos trabalhavam a mesma rígida e excessiva carga horária e sem direito a férias, descanso semanal remunerado ou aposentadoria. Também se verificam tensões entre as classes sociais que surgem nesse processo: uma classe dominante composta pelos detentores dos meios de produção e a classe dominada, representada por aqueles que vendem a sua força de trabalho, oriundos das camadas populares.



Você pode assistir a uma crítica interessante sobre o assunto no filme *Tempos modernos*, de Charles Chaplin.

É importante compreender que não foi fácil, nem mesmo pacífica, a adaptação da população a esse novo modelo de trabalho. A migração de camponeses para os novos centros urbanos em busca de emprego nas fábricas gerou o inchaço das cidades: a qualidade de vida estava ameaçada pela falta de infraestrutura urbana que favorecia a proliferação de doenças. A exploração e o rigor no controle social aumentaram a pobreza e a violência, agravada pelas péssimas condições de trabalho.

Contra essa situação escandalosa, as classes populares começaram a se organizar e a reivindicar direitos que colocavam em risco os interesses da classe dominante e do sistema que estava sendo construído. Os sindicatos de trabalhadores eram proibidos e enfrentavam, à custa do próprio sangue, as forças repressoras.

Outros setores da sociedade também se manifestaram: a Igreja Católica abominava os turnos de trabalho que sobrepunham aos dias de culto; os educadores que lamentavam a ausência dos jovens trabalhadores nas escolas; e mesmo os políticos que desejavam maior participação popular em sua militância.

Camargo (2001) ressalta que a organização científica do trabalho foi o caminho para a busca pela solução desse problema, dando início às ciências da gestão: havia a necessidade concreta de reformular os contratos sociais, estabelecendo uma ordem que, ao mesmo tempo, interessasse ao sistema de produção e fosse ao menos aceita ou tolerada pelos trabalhadores. O desenvolvimento simultâneo de máquinas e de técnicas modernas de trabalho permitiram a gradual redução da jornada de trabalho e possibilitou assegurar a emergência do tempo livre ao final do dia (com a jornada de 8 horas), no final de semana (como repouso semanal remunerado), no final do ano (as férias remuneradas) e ao final do tempo de serviço (com a aposentadoria remunerada).

A reivindicação dos trabalhadores, relacionada à distribuição social do “tempo”, emerge a partir do início do século XX. O “uso do tempo livre” começa a ser observado como fonte de consumo e torna-se interessante para as sociedades capitalistas. O *Movimento Trabalhista Internacional* contribuiu diretamente para a evolução no aumento do tempo livre e para uma abordagem mais racionalizada e positiva do lazer enquanto fenômeno social.

Em 1924, o encontro da Assembleia Geral da *Organização Internacional do Trabalho* (OIT) foi dedicado ao lazer. Nele foram solicitadas aos governantes de diferentes nações informações específicas sobre as atividades de lazer dos trabalhadores em seus países. Esse material empiricamente coletado apresenta-se como o primeiro estudo, com a mesma metodologia, realizado entre países, e foi publicado, no mesmo ano, na *International Labour Review*.



Uma observação importante se faz necessária neste momento, para lembrar que todas as conquistas das classes trabalhadoras não foram resultado de concessões ou benefícios oriundos dos proprietários dos meios de produção, mas de suas próprias reivindicações e lutas. Victor Mello ressalta que:

A compreensão desse fato se faz necessária para encarar o atual momento socioeconômico, quando o projeto neoliberal preconiza a redução ou eliminação de algumas dessas conquistas históricas (como férias, aposentadoria digna, e direito a dia de não trabalho remunerado), como se justamente os trabalhadores fossem culpados pela desordem econômica, e não o desejo de obtenção de lucro desenfreado a qualquer custo (MELLO; ALVES JUNIOR. 2003).

Ainda com relação à análise do tempo, vale observar as considerações dos autores Elias e Dunning (1992, p. 107-108) sobre a relação entre tempo livre e lazer:

Tempo livre, de acordo com os atuais usos linguísticos, é todo tempo liberto das ocupações de trabalho. Nas sociedades como as nossas, só parte dele pode ser voltado às atividades de lazer. Podem distinguir-se cinco esferas diferentes no tempo livre das pessoas, as quais se confundem e se sobrepõem de várias maneiras, mas que, todavia representam categorias diferentes de atividades, que até certo ponto, levantam problemas diferentes.

Esses autores propõem uma classificação preliminar sobre as atividades desenvolvidas no tempo livre que estariam divididas em cinco esferas:

1. Trabalho privado e administração familiar: correspondem ao tempo dedicado às atividades relacionadas aos cuidados com a família e à provisão da casa. Por mais

que possam ser prazerosas, essas tarefas dificilmente podem ser chamadas de lazer;

2. Repouso: tempo dedicado para dormir, assistir a TV, ler ou para não fazer nada em particular;
3. Provimento das necessidades fisiológicas: refere-se ao tempo necessário para comer, beber, dormir, fazer amor. Algumas das atividades dos itens 2 e 3 podem ser consideradas como lazer, quando não feitas de forma rotineira;
4. Sociabilidade: quando dedicamos nosso tempo livre para atividades de integração social como “jogar conversa fora” com os vizinhos e amigos, passear em um parque, ir ao clube, a um bar, um restaurante, ou mesmo estar com outras pessoas sem fazer nada demais, como um fim em si mesmo;
5. A categoria das atividades miméticas ou jogo: são as atividades de tempo livre que possuem caráter de lazer, que produzem a agradável sensação de excitação-prazer, quer façamos parte nelas como ator ou como espectador. Essas atividades estão diretamente associadas à quebra da rotina, ao inesperado, características essas, da excitação mimética.



## Atividade

### Atende ao Objetivo 1

1. Quais as características do tempo de trabalho e do tempo de lazer anteriores à Revolução Industrial?

---

---

---

---

---



---

---

---

---

---

---

### **Resposta Comentada**

*Antes da Revolução Industrial não havia uma nítida divisão do tempo de trabalho e de não trabalho. Os homens viviam em função do ciclo da natureza e a produção do campo era voltada apenas para a subsistência, sem a visão de lucro. Não havia o tempo de lazer, mas as práticas do lazer se entremeavam no dia a dia com as demais obrigações.*

## **O lazer moderno**

Num contexto em que *tempo é dinheiro*, o lazer se transforma em mercadoria. Nesse processo, a diversão que se opunha a lógica do trabalho árduo, era também uma forma de manutenção de antigos costumes contrários a nova ordem e, sobretudo, era nos momentos de lazer que os trabalhadores tomavam consciência de sua situação de opressão e se reuniam para discutir suas estratégias de luta contra esse sistema. As feiras e as tabernas eram focos de subversão e precisavam ser controladas pelas classes dominantes em defesa de seus interesses.



Um filme interessante que bem retrata esse momento histórico é *Germinal*, baseado no romance de mesmo nome escrito por Émile Zola em 1881. O filme se passa na França do século XIX e contextualiza no âmbito econômico, social e cultural as influências da Revolução Industrial. Você pode assistir a alguns trechos disponíveis em <http://www.youtube.com/watch?v=n9TfD3qCwOg>

A articulação entre o poder judiciário, forças policiais e religiosas estabeleceram o processo do controle do tempo de não trabalho, resultando em leis restritivas, ações repressivas e campanhas de ajuda material e espiritual àqueles que viviam em situação de pobreza, propondo a substituição de práticas pecaminosas pela oração e pelo trabalho de construção e aprendizado da religião e pela “recreação produtiva”.

Outra iniciativa das classes dominantes foi descaracterizar as atividades populares que, a exemplo das touradas e brigas de galo, foram perseguidas e consideradas atrasadas como costumes bárbaros. Em substituição às práticas populares, surgiram os esportes modernos, inicialmente através dos clubes das elites da sociedade, limitando a população a assistir ao espetáculo. Assim, as elites promoviam ao mesmo tempo o controle e a desarticulação da classe trabalhadora, como ganhavam com a venda de ingressos dos espetáculos (MELLO; ALVES JUNIOR, 2003).

É importante considerar que este processo não foi hegemônico, deixando brechas de resistência para manutenção de manifestações tradicionais, bem como originou organizações populares para atender à nova lógica dos espetáculos através da criação de clubes esportivos de trabalhadores, bandas de músicas de operários e grupos festivos populares.

Observa-se, assim, uma dinâmica de interinfluências, de circularidade cultural: “se os dominantes influenciam os parâmetros de vida dos dominados, os últimos também influenciam os parâmetros dos primeiros” (MELLO; ALVES JUNIOR, 2003).



Como ocorre a dinâmica de interinfluências culturais nos dias atuais? Para ilustrar essa dinâmica de interinfluências que verificamos nitidamente em nossa sociedade globalizada, leia com atenção a matéria sobre o projeto de lei que transforma o *funk* em movimento cultural carioca.

Fonte: <http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/2009/09/01/projeto+de+lei+que+transforma+funk+em+movimento+cultural+e+aprovado+no+rio+8208929.html>

Nesse processo, a tendência crescente para que o sistema capitalista produza novas necessidades sociais ao mesmo tempo em que produz os bens encarregados de supri-las, justifica, assim, o desenvolvimento de novas formas de lazer, fenômeno notório a partir da segunda metade do século XIX. Podemos observar o desenvolvimento nessa época da ampliação na oferta de bares, restaurantes, hotéis, cassinos; o desenvolvimento das artes, da música, da literatura, dos espaços de audiência como teatros e auditórios. Observa-se o alvorecer do esporte moderno, no restabelecimento dos Jogos Olímpicos, e com a criação de algumas modalidades esportivas como vôlei e basquete.

Observamos assim, que o fenômeno lazer moderno foi gerado em uma clara tensão entre classes sociais e através da ocorrência contínua e complexa de conflitos entre controle/resistência, adequação/subversão em uma dinâmica de ações traçadas e implementadas na luta das organizações sociais.

Devemos estar atentos para compreender a articulação entre política, economia e cultura no âmbito do lazer, o que não significa submetê-lo a qualquer desses ordenamentos: existe uma especificidade do fenômeno lazer que deve ser compreendida, até para melhor balizar nossas propostas de intervenção. Os momentos de lazer não são somente mecanicamente determinados pelas condições econômicas, mas não se pode deixar de perceber tais influências. Não somente instantes de alienação, embora também o possam ser. Não somente momentos de resistência, embora também o sejam. O lazer é um fenômeno social bastante múltiplo e polissêmico, cabendo ao profissional que pretende atuar nesse campo ter clara a complexidade do significado de sua intervenção (MELLO; ALVES JUNIOR, 2003).



## Atividade

### Atende ao Objetivo 2

## 2. Como a Revolução Industrial demarca o lazer moderno?

[illegible]

### ***Resposta Comentada***

*Com a Revolução Industrial ocorreu a artificialização dos tempos sociais; a divisão do tempo de trabalho e do tempo de não trabalho. A sociedade industrial ressalta o trabalho como bem maior da vida, inibindo o lúdico com a associação da felicidade ao aumento de produção; a diversão se opunha ao trabalho e as forças policiais e religiosas estabeleceram o processo de controle do tempo de não trabalho. Entre as iniciativas surgem leis restritivas sobre ativida-*

*des populares como brigas de galo e touradas, ações repressivas em feiras e tabernas consideradas focos de subversão à ordem dominante, e a substituição de práticas consideradas pecaminosas pela oração e pelo trabalho de aprendizado da religião através da “recreação produtiva”. As elites sociais dedicavam-se aos esportes modernos através da criação dos clubes e competições que se transformaram em verdadeiros espetáculos que eram apenas assistidos pela população, de modo a promover ao mesmo tempo o controle e a desarticulação das classes trabalhadoras e a ganhar com a venda dos ingressos. Assim, o uso do tempo livre torna-se interessante para as sociedades capitalistas. Gradativamente ocorre a organização também das classes populares para atender à nova lógica dos espetáculos, criando clubes esportivos de trabalhadores, bandas de músicas de operários e grupos festivos populares que mantinham manifestações populares, gerando uma dinâmica de interinfluências, de circularidade cultural.*

Mommaas e col. (1996) ressaltam que o interesse internacional no *lazer* foi precedido pela pioneira publicação de George Bevens, em 1913, sobre o tempo livre dos trabalhadores no Estado de Nova York, e seguido por uma série de projetos de pesquisa sobre o mesmo assunto em vários países (por exemplo, na França, na Bélgica, na Alemanha, na Holanda e na extinta União Soviética).

Anteriormente a esse período, em 1899 nos Estados Unidos, Thorstein Veblen publica *Leisure Theory Class* e, em 1883, na França, Paul Lafargue escreve *Le Droit à la Paresse*: primeiro “panfleto” a favor dos operários.

Estes dois autores – Paul Lafargue e Thorstein Veblen – representam alguns dos mais importantes precursores do pensamento sobre o lazer.



Para ilustrar esta nossa reflexão sobre a sociedade ao longo do tempo, podemos assistir a apresentação “ Idade Média ao capitalismo” disponível no YouTube: <http://www.youtube.com/watch?v=DA2j6YKmQTU>.



## Atividade Final

**Atende aos Objetivos 2 e 3**

Identifique os principais avanços tecnológicos ocorridos na sociedade a partir da implantação do modelo de produção fabril, e que influenciaram na mudança de hábitos de lazer da sociedade moderna na busca pela qualidade de vida.

[illegible]

### ***Resposta Comentada***

*O desenvolvimento dos centros urbanos em torno das fábricas atrai uma gama de serviços, inclusive de transportes e de comunicação, incrementando as feiras internacionais e o desenvolvimento de novas opções de lazer, como o turismo. A migração de camponeses para os centros urbanos em busca de emprego nas fábricas gerou o inchaço das cidades e o aumento da pobreza e da violência entre ou-*

*tras consequências que ameaçam a qualidade de vida. A demanda por emprego sob a lógica da mais valia promove a mercadorização e coisificação do homem (OLIVEIRA, 2004).*

*Ocorrem tensões entre a classe dominante, detentora dos meios de produção e a classe dominada, representada por aqueles que vendem a sua força de trabalho. A organização das classes populares em sindicatos em busca de melhores condições de trabalho e da redução da rigorosa jornada de trabalho põe em risco os interesses das classes dominantes e do sistema capitalista vigente. Outros setores da sociedade como a Igreja Católica, os educadores e políticos aderem aos movimentos em defesa da liberação do tempo do trabalhador, cada um, buscando, a manutenção de público para as suas atividades. Sob este cenário ocorre o desenvolvimento das ciências de gestão que organizaram o trabalho cientificamente de forma a reformular os contratos sociais, visando atender ao sistema de produção e também ser aceita, ao menos tolerada, pelos trabalhadores. Paralelamente o desenvolvimento das máquinas e de técnicas cada vez mais modernas, possibilitando a gradual redução da jornada de trabalho e o aumento do tempo livre, possibilitando a conquista dos direitos trabalhistas como repouso semanal remunerado, férias e aposentadoria.*

## **Resumo**

Destacamos a influência da Revolução Industrial na divisão do tempo de trabalho x tempo livre e como, a partir daí, o tempo livre passa a ser objeto de interesse social e científico, desperta nas sociedades capitalistas diferentes possibilidades de produção de bens e serviços para suprir as necessidades de lazer decorrentes deste tempo livre.

O fenômeno lazer moderno foi gerado em uma clara tensão entre classes sociais e através da ocorrência contínua e complexa de conflitos entre controle/resistência, adequação/subversão ao sistema capitalista que se impôs a partir da Revolução Industrial na Inglaterra do século XVIII, expandindo-se para Europa e para o mundo nos séculos seguintes. Como um processo contínuo, sua dinâmica de ações foi traçada e implementada na luta das organizações sociais, particularmente no campo do lazer. Devemos compreender o lazer como um fenômeno social bastante múltiplo e polissêmico, no qual a articulação entre política, economia, educação e cultura não estão submetidas hierarquicamente a qual-

quer um desses ordenamentos exclusivamente. Cabe ao profissional que pretende atuar nesse campo ter clara a complexidade do significado de sua intervenção.

### **Informação sobre a próxima aula**

Partiremos para o campo científico do lazer e os precursores dos estudos do lazer em âmbito internacional, nesta primeira parte com as considerações de Paul Lafargue e Thorstein Veblen, ainda no contexto da Revolução Industrial, refletindo sobre as possibilidades do lazer moderno.



# 4

## Os precursores do lazer em âmbito internacional – Parte I – Paul Lafargue e Thorstein Veblen

*Cristina Marques Gomes / Simone Dantas*

### Meta da aula

Apresentar historicamente o lazer em âmbito internacional, destacando alguns dos seus primeiros teóricos: Paul Lafargue e Thorstein Veblen.

### Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 identificar o pensamento dos teóricos precursores do lazer, Thorstein Veblen e Paul Lafargue;
- 2 reconhecer o direito ao tempo livre e os primeiros “contornos” do estudo do lazer.

## Introdução

Estudamos a evolução do lazer ao longo de alguns períodos históricos na aula passada, observando que:

- com os gregos, numa sociedade escravocrata, foi criado um tempo chamado *scholé* no qual só o homem livre poderia se divertir;
- os romanos mantiveram a mesma estrutura do ócio em oposição ao trabalho (negócio) como os gregos e adotaram o lazer como estratégia política do “pão e circo”;
- na Idade Média o ócio/lazer passou a ser considerado “a mãe de todos os vícios” e a produzir e alimentar a distinção e a hipocrisia entre as classes sociais;
- e na Idade Moderna, com o puritanismo religioso e a reforma protestante, somados aos efeitos da Segunda Revolução Industrial tivemos uma inversão de valores: a divisão entre o tempo de trabalho e o tempo livre passou a gerar novas necessidades sociais propícias ao consumo de produtos e serviços que alimentam a ideologia capitalista;
- e, por fim, o reconhecimento do direito ao tempo livre foi adquirido após a Primeira Guerra Mundial.

Ao longo deste tempo, tivemos a contribuição de importantes precursores das teorias do lazer. Vamos conhecê-los? Começaremos nossos estudos com a percepção e as obras de Paul Lafargue e de Thorstein Veblen.

Para compreendermos o pensamento destes teóricos é importante lembrar que, com a Segunda Revolução Industrial (século XIX), além do capitalismo, também se propaga o comunismo na Europa, tratando-se, portanto, do convívio de duas teorias sociais que exaltam o trabalho como a necessidade primeira do homem. Porém, são teorias opostas quanto à forma de interpretar a exploração do trabalho humano: o capitalismo é um sistema econômico fundamentado na propriedade privada dos meios de produção e no fomento dos mercados livres, ou seja, sem a

intervenção do Estado na economia e onde há a ocupação dos trabalhadores conforme o mercado de trabalho. O comunismo, além de um sistema econômico, caracteriza-se como uma doutrina política e social que defende a propriedade comum dos meios de produção, estando o controle nas mãos dos trabalhadores, por meio de associações livres de produtores. Você percebe bem esta diferença? E quais reflexos estes sistemas produzem no lazer da sociedade?

## Paul Lafargue e o direito à preguiça



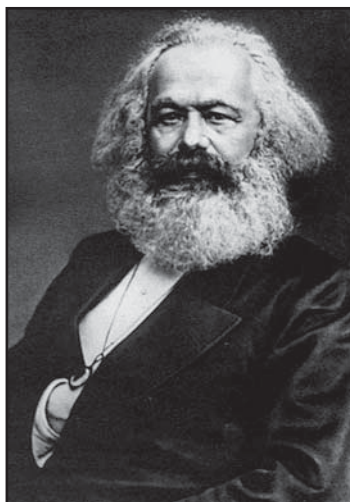
**Figura 4.1:** Paul Lafargue acreditava que as máquinas a carvão e a eletricidade deveriam auxiliar o trabalho dos operários.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Paul\\_Lafargue](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Lafargue)

Paul Lafargue nasceu em 1842 em Santiago de Cuba. Aos nove anos mudou-se para a França, onde, posteriormente, frequentou o curso de Medicina, casou-se com Laura, filha de Karl Marx, e teve três filhos que morreram jovens. Tal fato fez com que Lafargue abandonasse a Medicina e dedicasse sua vida à política, sofrendo influências das ideologias socialistas difundidas por Marx. Aos 69 anos de idade ele e Laura morreram juntos em um pacto de suicídio.



### Quem foi Karl Marx?



**Figura 4.2:** Karl Marx foi um dos intelectuais mais influentes na história do pensamento social da humanidade.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl\\_marx](http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_marx)

Karl Heinrich Marx nasceu na cidade de Tréveris, na Alemanha, em 5 de maio de 1818, vindo a falecer em Londres, no Reino Unido, em 14 de março de 1883. É reconhecido como um dos intelectuais mais influentes na história do pensamento mundial. Economista por formação, é considerado um dos fundadores da Sociologia, sendo possível encontrar sua influência em outras áreas como a Filosofia, a História e a Política. Sua participação como intelectual e revolucionário no movimento operário influenciou de tal modo a sociedade de sua época que até hoje é praticamente impossível analisar a sociedade humana sem haver uma referência, em maior ou menor grau, à produção e à ideologia construída em torno do pensamento e dos conceitos econômicos.

No final do século XIX, mais exatamente

em 1883, Paul Lafargue escreveu na prisão em Paris o seu famoso manifesto *O direito à preguiça*. Lafargue parte em defesa dos operários, recriminando a passividade dos trabalhadores diante das condições desumanas do trabalho e a *ideia do trabalho a qualquer preço*. Ele acreditava que as máquinas a carvão e a eletricidade deveriam auxiliar o trabalho dos operários, proporcionar a redução do tempo de trabalho e substituir a mão de obra servil (CAMARGO, 2001, p. 239).

Leia o manifesto *O direito à preguiça* na íntegra acessando: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/direitopreguica.html> ou <http://www.culturabrasil.pro.br/direitoapreguica.htm>



Irreverente, Paul Lafargue foi o primeiro a perceber a vinculação do divertir-se humano com a economia, ou seja, da produção do lazer pelo trabalho. Ele denuncia o “dogma do trabalho” como responsável por produzir a mentalidade servil. E ironiza: “Jeová, o deus barbudo, deu a seus adoradores o supremo exemplo do ócio ideal: depois de seis dias de trabalho, repousa por toda a eternidade” (CAMARGO, 2001, p. 239).

Lafargue discute a preguiça, um pecado capital, como um direito de forma proposital para rebater a submissão dos trabalhadores aos princípios religiosos, denunciando a “santificação” do trabalho como um dogma desastroso.

A partir dessa visão polêmica da situação nos anos 1880 e da solução utópica de seu manifesto para época, Lafargue nem sequer esboçou uma concepção de lazer, mas propôs a primeira expressão forte da dinâmica técnica e social da produção do lazer pelo trabalho.

Segundo De Masi (2001), ao proclamar o direito ao ócio como única forma de equilíbrio existencial, Lafargue não se posicionou contra o trabalho em si (o qual, ao contrário, considera “um ótimo tempero para o ócio”), mas o contrapôs a outros direitos, então defendidos para os operários: o *direito ao trabalho*, reivindicado pelos revolucionários de 1848; o *direito à preguiça*, defendido por Moreau-Christophe; o *direito ao lazer*, de que muitos já então tratavam; e o *direito ao prazer*, que será teorizado mais tarde por Henri Rochefort.



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 1

#### 1. Paul Lafargue escreveu em *O direito à preguiça*:

Trabalhem, trabalhem, proletários, para aumentar a fortuna social e as vossas misérias individuais, trabalhem, trabalhem, para que, tornando-vos mais pobres, tenham mais razão para trabalhar e para serem miseráveis. Eis a lei inexorável da produção capitalista.

Porque, ao prestarem atenção às insidiosas palavras dos economistas, os proletários se entregaram de corpo e alma ao vício do trabalho, precipitam toda a sociedade numa destas crises de superprodução que convulsionam o organismo social. Então, porque há superabundância de mercadorias e penúria de compradores, as oficinas encerram e a fome fustiga as populações operárias com o seu chicote com mil loros. Os proletários, embrutecidos pelo dogma do trabalho, não compreendem que é o supertrabalho que infligiram a si próprios durante o tempo da pretensa prosperidade a causa da sua miséria presente, em vez de correrem ao celeiro de trigo e de gritarem: ‘Temos fome e queremos comer!... Sim, não temos nem uma moeda, mas, pobres como estamos, fomos nós quem ceifou o trigo e vindimou a uva...’ (Fonte: <http://www.marxists.org/portugues/lafargue/1883/preg/cap01.htm>).

A partir da leitura do trecho citado, você considera que esse panfleto a favor dos operários ainda é válido em nossos dias? Por quê? Comente sua resposta.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

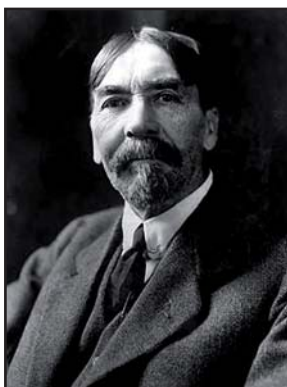
---

---

### **Resposta Comentada**

*Apesar das máquinas e da mecanização do trabalho, as jornadas nas fábricas da época de Lafargue eram de 15 a 18 horas diárias. Hoje, com aplicação de novas tecnologias e o direito adquirido pelos trabalhadores, as jornadas de trabalho formais variam de 6 a 8 horas diárias. Ainda assim, há reivindicações por parte dos trabalhadores. O volume de produção das mais diferentes mercadorias não garantiu a superação da fome, da miséria, não promoveu a justiça social nos países capitalistas. Observe, entretanto, que a sacralização do trabalho “a qualquer preço”, a concorrência desleal de mercado, a injustiça salarial frente às necessidades humanas e a inversão de valores na sociedade manipulados para o consumo caracterizam uma nova forma de escravidão que afasta o homem da sua essência produtiva e criativa.*

## **Veblen e o lazer ostentatório**



**Figura 4.3:** Thorstein Veblen denuncia a perversidade comum nas classes dominantes em utilizar o lazer como símbolo de distinção social.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Thorstein\\_Veblen](http://pt.wikipedia.org/wiki/Thorstein_Veblen)

Thorstein Bunde Veblen nasceu nos Estados Unidos em 30 de julho de 1857, vindo a falecer em 3 de agosto de 1929. Filho de imigrantes noruegueses, se formou em Filosofia na Universidade Johns Hopkins e doutorou-se em Yale. Matriculou-se na Universidade de Cornell onde conheceu J.L. Laughlin que o convidou para ingressar no Departamento de Economia da Universidade de Chicago. Atuou como economista e sociólogo, sendo um dos fundadores da New School for Social Research em 1919.

Na mesma época de Lafargue, porém nos Estados Unidos, quando a pujança da indústria local dava suporte aos primeiros sonhos do império americano e fortunas se multiplicavam, outra análise sobre o lazer viria à tona. A população operária era mantida sob a pesada carga de trabalho, de 15 a 18 horas diárias, comum na época. Norueguês puritano, emigrado para os Estados Unidos, Thorstein Veblen, em 1899, publicou o seu livro *Leisure Theory Class*.

Nessa obra, Veblen considera trabalho apenas o que as pessoas produzem com as próprias mãos, relegando a parasitas todos os que atuam apenas indiretamente como os engenheiros, os especuladores, os sacerdotes, os esportistas, os militares e os governantes, que, segundo ele, desprezam o trabalho manual. Essa autêntica classe social de lazer tem necessidade de um *decorum* necessário à sua reputação: não pode contentar-se apenas com o desperdício de tempo e de dinheiro, precisa ainda “exibir o supérfluo”. O consumo deve ser ostentatório (CAMARGO, 2001, p. 240).

Veblen tornou-se referência a todos os que estudam o lazer ao revelar a perversidade comum nas classes dominantes em utilizar o lazer como símbolo de distinção social, algo que persiste na atualidade. Nesse sentido, a sociologia do lazer hoje pode parecer um prolongamento do seu pensamento, e grande número de sociólogos, como Pierre Bourdieu, mostrou-se afinado com essa linha de análise. Porém, esse conceito de lazer associado ao consumo é excessivamente restrito às práticas da população mais rica, como os teóricos posteriores, numa análise mais ampla do fenômeno, bem o demonstraram (CAMARGO, 2001, p. 240).



Para Dumazedier (1976), tanto o manifesto *O direito à preguiça (Le Droit à la Paresse)*, de Paul Lafargue, quanto o livro *Leisure Theory Class* de Thorstein Veblen, tiveram uma importância significativa, após o trabalho de Marx, e representavam duas concepções opostas de socialismo. Segundo o autor há duas abordagens:

Lafargue descobriu o lazer numa concepção moderna do trabalho, na qual a dignidade do trabalhador é fundamental. Prefigurava, há seu tempo, a civilização do tempo livre. Veblen propôs exatamente o contrário. Filho de camponeses da Noruega, emigrados para os Estados Unidos no fim do século XIX, à procura de prosperidade, defendeu o princípio do “trabalho com as mãos” como o ideal. Veblen ataca a burguesia ociosa como Lafargue, mas sonha em fazer a todos trabalhadores manuais. Para os socialistas da corrente de Veblen, para quem o socialismo é, sobretudo, trabalho, o tempo liberado é recusado. Para a outra tendência socialista enquadrada por Lafargue, o tempo liberado é aceito, considerando que o futuro da sociedade industrial é cada vez mais a predominância do tempo livre sobre o tempo de trabalho, para o consumo de trabalhadores.



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 1

2. Veblen acredita no lazer como uma forma de ostentação das classes dominantes e elites sociais? Nos dias atuais, as opções de lazer ainda privilegiam estas classes? Quais as principais mudanças que você poderia destacar?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### **Resposta Comentada**

*A relação entre tempo livre e consumo se intensificou em nossos dias, o que privilegia as camadas de maior poder econômico, mas há uma maior democratização de espaços e serviços voltados ao lazer para diferentes classes sociais. Embora permaneça a tendência a uma classificação de serviços de lazer pagos em relação ao seu custo – quanto mais caro, mais seletivo e elitizado, melhor qualidade – determinadas práticas de lazer, antes restritas a um certo grupo social, tem-se tornado cada vez mais acessíveis a diferentes grupos sociais. Verificamos a ampliação na oferta de espaços e equipamentos públicos de lazer voltados para prática de esportes ou para lazeres sociais e artísticos mais democráticos em relação ao seu acesso a população. Observa-se hoje, por exemplo, no próprio turismo a ampliação das opções de transporte e meios de hospedagem com porte e tarifas diferenciadas, facilidades de pagamento, promoções e programas específicos como “Viaja Mais Melhor Idade” ou “Férias do Trabalhador”.*

## **O direito ao tempo livre e contornos do lazer**

O lazer enquanto objeto de estudo começa a adquirir *contornos* a partir do reconhecimento do direito ao tempo livre, adquirido após a Primeira Guerra Mundial quando novos objetivos foram traçados, devido à liderança de pesquisadores sociais; para os quais as “brincadeiras”, a “recreação” e o “lazer” deveriam ser planejados cientificamente. O vocábulo *lazer*, sempre associado ao trabalho, começa a ser citado com maior frequência em índices de livros, periódicos e jornais.

Uma geração de acadêmicos sociais passou a desenvolver um interesse científico-empírico pelo lazer como forma de entender a sociedade. Segundo Mommaas e col. (1996), estimularam não apenas uma crescente exigência de instituições públicas por conhecimento científico na área, mas também uma forte convicção de que o aumento da penetração social-científica no dia a dia das pessoas melhoraria a formulação efetiva e a avaliação

das políticas públicas. Na Holanda, Kruijt e Sternheim são bons exemplos dessa nova geração e abordagem. Sociólogos americanos como George Lundberg e Robert e Helen Lynd diziam que o lazer era um fenômeno moderno e que as suas dinâmicas sociais ainda não eram conhecidas. Logo, alguns institutos começaram a incluir o estudo do lazer em seus programas científicos, como por exemplo, o *Frankfurter Institut für Sozialforschung*, na Alemanha.

Os estudos até então realizados de forma isolada em alguns países adquirem novas conotações com a introdução de uma técnica utilizada para avaliar como as pessoas empregam seu tempo (com trabalho remunerado, trabalho doméstico, cuidados pessoais, sono, recreação e/ou o uso do lazer), intitulada **orçamento-tempo**.

Essas pesquisas eram gradualmente aplicadas por estudiosos tanto da área da Sociologia como da Economia e da Psicologia, com origem na Grã-Bretanha, na União Soviética, nos Estados Unidos, na França e na Alemanha, além de alguns países, que realizavam pesquisas mais esporádicas, como a Holanda e a Bélgica.

Por outro lado, a American National Recreation Association, fundada em 1906, foi a primeira organização profissional voltada ao lazer nos Estados Unidos. A partir de então, inclusive em outros países, algumas instituições internacionais direta e indiretamente relacionadas ao lazer foram criadas como, por exemplo, a World Association for Adult Education (1918), a Socialist Workers Sport International (1920) e o International Office for Allotments and Workers Gardens (1926).

O socialista francês Albert Thomas, no primeiro Congresso Internacional do Tempo Livre dos Trabalhadores, que aconteceu em Liège em 1930, propôs o estabelecimento de um comitê internacional sobre o tempo livre vinculado à Organização Internacional do Trabalho – OIT. Tal comitê foi oficialmente instalado durante o segundo congresso, que aconteceu em Bruxelas em

### **Pesquisas de orçamento-tempo**

Servem para avaliar como as pessoas gastam seu tempo dentro dos limites de um dia de trabalho, um fim de semana, uma semana de sete dias ou qualquer outro período relevante. Para tanto, essas pesquisas analisavam os seguintes tópicos:

- o tempo gasto com o trabalho pago, afazeres domésticos, cuidado pessoal, tarefas familiares, sono, recreação e lazer.

Essas categorias eram divididas de acordo com o grupo social (trabalhadores industriais, estudantes, homens, desempregados etc.).



*Veblen, ao contrário, defendeu a dignidade do trabalhador sob o princípio do trabalho com as mãos como o ideal. Contudo, Veblen ataca a burguesia ociosa como Lafargue, mas sonha em fazer a todos trabalhadores manuais. Para os socialistas da corrente de Veblen, para quem o socialismo é, sobretudo, trabalho, o tempo liberado é recusado, considerado desperdício devido à ostentação com que este tempo é exercido pelas elites burguesas, ampliando as desigualdades sociais.*

*As contribuições desses intelectuais referem-se particularmente à valorização da classe trabalhadora, à conquista de um tempo adequado ao descanso e ao lazer. Através das pesquisas de orçamento-tempo, logo se transformará também em um tempo para consumo de outras “necessidades” produzidas pelo sistema capitalista.*

## **Resumo**

Nesta aula apresentamos dois teóricos que fazem parte da lista dos precursores na análise do fenômeno do lazer no século XIX: Paul Lafargue, que defende o direito ao tempo livre dos trabalhadores, enfrentando o dogma do trabalho e a submissão aos interesses capitalistas. Thorstein Veblen, que denuncia o lazer ostentatório das elites em detrimento da valorização dos trabalhadores e do trabalho feito “com as próprias mãos” diante da mecanização que sustentam os interesses da burguesia.

Observamos o surgimento do pensamento sobre o direito ao tempo livre e os primeiros “contornos” do lazer, através de alguns teóricos, associações e pesquisas, como as intituladas de “orçamento-tempo”. Pudemos perceber que os pesquisadores do *lazer* tratam a temática sob diversas perspectivas, com influências diretas de outras disciplinas, com destaque para as Ciências Sociais no contexto internacional. Algumas importantes publicações datam de 1883 (Paul Lafargue - *Le Droit à la Paresse*) e 1899 (Thorstein Veblen - *Leisure Theory Class*). O primeiro encontro dedicado ao lazer da Assembleia Geral da OIT acontece em 1924. Em 1930, ocorre o Congresso Internacional do Tempo Livre dos Trabalhadores em Liège.

## **Informação sobre a próxima aula**

Na próxima aula iremos conhecer mais três teóricos do lazer: Joffre Dumazedier, Georges Friedman e David Riesman, continuando a contextualização histórica da área.

# 5

## Os precursores dos estudos do lazer em âmbito internacional – Parte II – Riesman, Friedmann, Parker e Dumazedier

*Cristina Marques Gomes / Simone Dantas*

### Meta da aula

Apresentar os estudos do lazer historicamente em âmbito internacional, destacando mais quatro teóricos: David Riesman, Georges Friedmann, Stanley Parker e Joffre Dumazedier.

### Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 analisar a autonomia do lazer como objeto de estudo científico;
- 2 reconhecer os teóricos Joffre Dumazedier, Georges Friedmann, David Riesman e Stanley Parker e suas contribuições para o campo teórico e prático do lazer;
- 3 identificar o contexto para o surgimento da sociologia do lazer e da sociedade do lazer.

## Introdução

### A autonomia do lazer como objeto de estudo científico

A partir da metade dos anos 1950, outro período histórico relacionado ao lazer pode ser observado em meio à reconstrução física e econômica da Europa, terminando na “riqueza”, na “cultura de consumo” e nas políticas de “bem-estar social” do final dos anos 1960 e início dos 1970. Cada vez mais, o lazer adquire certa autonomia e passa a ser considerado um direito individual e socialmente democrático, num sistema de produção antes aliado somente ao trabalho. Por este viés, existia uma correlação direta do lazer com a cultura de consumo que impulsionou muitos debates entre sociólogos.

Alguns estudiosos como Riesman, Friedmann, Parker e Dumazedier começam a considerar o lazer como um importante objeto de estudo científico (MOMMAAS, 1996). Cada um desses teóricos contribuiu de uma maneira diferente para o estudo do lazer, consolidando a sociologia do lazer e, posteriormente, a organização da sociedade do lazer.

### Riesman e a explosão do lazer moderno

David Riesman nasceu na Filadélfia, nos Estados Unidos, em 1909 e faleceu em 2002. Foi professor de ciências sociais em Harvard (EUA) e é considerado o autor do primeiro texto sociológico sobre o lazer numa sociedade avançada do ponto de vista científico e técnico. Antes dele, nos anos 1920, estudos do casal Lynd mostravam o surgimento de um tempo social distinto do repouso, dos jogos rituais e das festas tradicionais através da análise das mudanças culturais de *middletown* (nome fictício para cidade média).



O lazer ainda não estava conceituado, mas, a partir de Riesman, essa conceituação do lazer emerge na sua interação com outros tempos sociais e pôde ser construída como objeto sociológico. Riesman mostrava pela primeira vez o tempo de lazer cada vez mais orientado para práticas e valores nascidos do universo invasor dos meios de massa, com encontros diversificados, viagens, atividades corporais livres, grupos de iguais. (CAMARGO, 2001, p. 241)

Em sua obra *Lonely Crowd*, publicada em 1950 (ou *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1995), Riesman considera que a humanidade evoluíra a partir de duas revoluções: a da *Renascença* e a do mundo pós-industrial. Segundo o autor, o homem, que até o *Renascimento* era subjugado pela tradição, passou a orientar-se pelo seu interior diante das máquinas, vendo-se liberado para buscar em si mesmo as fontes de valor de sua ação. Entretanto, no momento pós-industrial torna-se escravo das armadilhas do tempo livre, solitário na multidão, como reflete na última frase de sua publicação seguinte (CAMARGO, 2001):

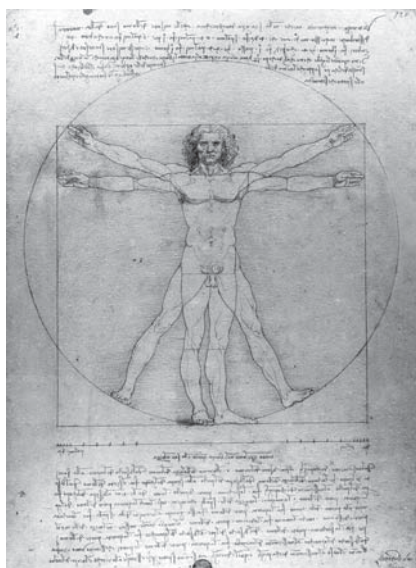
A idéia de que nascemos livres e iguais é em parte verdadeira e em parte enganosa; na realidade nascemos diferentes, mas perdemos nossa liberdade tentando ser iguais aos outros (RIESMAN, 1995).

#### Vamos recordar o significado da Renascença/ Renascimento?

Resumidamente, *Renascença* ou *Renascimento* são os termos usados para identificar o período da história da Europa, compreendido aproximadamente entre fins do século XIII e meados do século XVII (ainda sem consenso entre os pesquisadores). Marcado por profundas transformações na vida humana que assinalam a passagem da Idade Média para a Idade Moderna, caracteriza a transição do sistema de feudalismo para o capitalismo com reflexos na cultura (artes, filosofia, ciências), religião, sociedade, política e economia. O humanismo pode ser apontado como o principal valor cultivado no Renascimento. O hu-



manismo, antes de um corpo filosófico, é um método de aprendizado que faz uso da razão individual e da evidência empírica para chegar às suas conclusões, paralelamente à consulta aos textos originais, ao contrário da escolástica medieval, que se limitava ao debate das diferenças entre autores e comentaristas. O humanismo afirma a dignidade do homem e o torna o investigador por excelência da natureza, rompendo com valores de submissão a dogmas religiosos e impulsionando a luz da razão e das ciências .



**Figura 5.1:** O *homem virtuviano* de Leonardo da Vinci sintetiza o ideário renascentista: humanista e clássico.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Renascimento>

## Friedmann e o mal-estar do homem no trabalho industrial

Georges Philippe Friedmann (Paris, 1902-Paris, 1977), sociólogo e intelectual marxista, dedicou grande parte de seu trabalho ao estudo das relações entre o homem e a máquina na sociedade industrial da primeira metade do século XX. Após a Segunda Guerra Mundial, foi reconhecido como fundador de uma *sociologia do trabalho humanista*.

Em 1956, em sua publicação *O trabalho em migalhas* (São Paulo: Perspectiva, 1972), Friedmann anunciou que o trabalho in-

dustrial não satisfazia o homem como o artesanato do passado. Em sua visão, era necessário criar uma sociedade mais humana, na qual as máquinas trabalhassem e o homem dispusesse do lazer como uma forma de compensar ou completar o trabalho necessário.

Sua investigação consistiu em verificar as condições de trabalho em diferentes contextos industriais, em cidades como em Stalingrado – potência soviética da época; na antiga Iugoslávia, cuja economia estava baseada na autogestão; na Suécia, onde a Volvo tentava abolir a linha de montagem e na indústria brasileira, na qual Friedmann acreditava que a cultura do samba poderia ser um “anticorpo para a peste do trabalho moderno”. Porém, em toda parte encontrou o mesmo panorama: trabalhadores embrutecidos pelo trabalho industrial envoltos pela miragem do consumo (CAMARGO, 2001, p. 242).

Desiludido, Friedmann manifesta em uma de suas últimas obras *Puissance et sagesse* (Paris: Gallimard, 1970), a necessidade de uma revolução interior, que “permita ao homem valorizar as conquistas legítimas do ser em detrimento das armadilhas do consumo e do ter”. Sua concepção de lazer como complemento ou compensação do trabalho não o permitiu observar o lazer em seu potencial para a produção de novos valores que emergiam sobre os antigos modelos do “dever-ser” (CAMARGO, 2001, p. 242).

## **Stanley Parker e a sociologia do lazer**

Há no século XIX uma mudança de enfoque determinante para a compreensão do lazer, no qual este passa a ser visto como tempo/espaço propício para a vivência de uma multiplicidade de experiências classificadas como não pertencentes ao mundo do trabalho, visão disseminada principalmente nas modernas sociedades urbano-industriais (WERNECK, 2004). Assim, a partir da necessidade de conhecimento e de controle social do tempo livre dos trabalhadores nos países industrializados foi gestado, nos Estados Unidos, um campo de pesquisa denominado “sociologia do lazer”.

O pesquisador Stanley Parker, em seu livro *Sociologia do lazer* (1978), apresenta o contexto cultural, as outras esferas da vida, o planejamento e as políticas do lazer. Na primeira parte destacam-se a visão histórica e comparativa, a abordagem sobre o lazer na sociedade industrial, a “variedade de experiências” e o lazer no ciclo vital do ser humano; na segunda, o autor compara o lazer com o trabalho, a família, a educação, a religião, e, por fim, em relação ao planejamento e às políticas públicas, discute a relação entre os consumidores, a demanda e os fornecedores. Os três últimos itens da sua conclusão sobre o lazer e o futuro são: “uma sociedade de lazer?”, “tendências que persistem” e “a importantíssima questão dos valores”.

De acordo com os argumentos de Parker (1978), este campo foi estruturado no início do século XX, como parte do desenvolvimento da Sociologia em seu conjunto, cujas abordagens teóricas e métodos de investigação não eram totalmente peculiares ao estudo do lazer (WERNECK, 2004).

## Joffre Dumazedier e o lazer moderno

Nascido em 30 de dezembro de 1915, o sociólogo francês Joffre Dumazedier morreu em 25 de dezembro de 2002. É considerado o “pai do lazer moderno” por ter sido o primeiro a tratar o lazer como conceito. Possui uma série de publicações sobre esta temática : *Lazer e cultura popular*; *Sociologia empírica do lazer*; *Teoria sociológica da decisão*; *Valores e conteúdos culturais do lazer*; *A revolução cultural do tempo livre*; dentre outras.

Para Dumazedier o tempo de lazer é um produto de duas revoluções modernas: uma revolução técnico-científica, a que permitiu ao trabalhador produzir mais com menor tempo de trabalho, e uma revolução ético-estética, que colocou os valores do lazer como nova referência para o cotidiano e mesmo para as instituições de base da sociedade – o trabalho, a família, a religião e a política. Em *Sociologia empírica do lazer*, Dumazedier declara para que foi necessária a explosão da unidade dos tem-

pos sociais nas sociedades tradicionais para que o lazer se tornasse possível à maioria dos trabalhadores. Primeiro o trabalho e depois o lazer escaparam dos ritos coletivos e passaram a ter um limite artificial, arbitrário, não mais regulado pela natureza (CAMARGO, 2001, p. 244).

Como já mencionamos na primeira aula desse curso, Joffre Dumazedier (1976) conceitua o lazer como “um conjunto de atividades desenvolvidas pelos indivíduos seja para o descanso, seja para o divertimento, seja para o seu desenvolvimento pessoal e social, depois de cumpridas suas obrigações profissionais, familiares e sociais”. Este conceito é determinante para a identificação dos “3 D”, ou seja, das três principais funções do lazer: descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social.

E quais são as relações entre trabalho e lazer para Dumazedier?

Em uma de suas mais importantes publicações, *Lazer e cultura popular*, Joffre Dumazedier discute o lazer em dois momentos: no primeiro, trata do lazer e a sociedade, e no segundo, discute aspectos do lazer e a cultura. Duas temáticas extremamente pertinentes ao nosso debate sobre o lazer no âmbito dessa disciplina.

A sociologia do lazer de Dumazedier foi também compreendida como uma sociologia da educação não formal, observando que o tempo de lazer é hoje mais relevante para a educação global dos indivíduos do que o tempo escolar. Considera, para tanto, que uma criança passa mais horas diante de uma televisão do que nos bancos escolares e que um adulto certamente percebe o aprendizado adquirido para o exercício de sua cidadania, através da leitura desobrigada de jornais, revistas, livros ou mesmo em conversas desinteressadas ocorridas em seu tempo livre (CAMARGO, 2001).

O autor questiona, por exemplo, qual parte das horas recuperadas do trabalho veio a ser ocupada pelo lazer? Entre 1945 e 1948 o Instituto Francês de Opinião Pública apresentava que cerca de duas horas em média seriam destinadas ao lazer na França.

Já em 1950, Fourastié avalia em três horas a duração média do lazer para o trabalhador adulto. Esse dado foi contraditado por enquête realizada na região parisiense, que apresentou como dado uma hora e trinta minutos e duas horas de lazer por homem adulto. Para Dumazedier, o grande problema ao analisar o tempo de lazer consiste não só na quantificação das horas disponíveis, mas principalmente na qualidade das atividades para o seu exercício.

Nesse contexto, temos o crescente aumento das atividades da *indústria do lazer*, que é constituída por um conjunto de atividades cuja finalidade seria ocupar o tempo livre com atividades que venham aliviar o trabalhador das tarefas profissionais.



Analisando a obra em discussão de Dumazedier, a Prof<sup>a</sup>. Dulce, da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, elaborou um documento disponível em [www.unb.br/fef/downloads/dulce/lazer\\_e\\_sociedade.ppt](http://www.unb.br/fef/downloads/dulce/lazer_e_sociedade.ppt) que organiza as principais questões tratadas pelo autor.

E quais são as atividades que se opõem ao lazer para Dumazedier?

Além do trabalho profissional, o autor considera ainda como oposição ao lazer o trabalho suplementar (bico); o trabalho doméstico; as atividades de manutenção cotidianas (refeições, higiene pessoal); atividades rituais ou ligadas ao cerimonial (visitas, aniversários, reuniões políticas e religiosas); e atividades ligadas aos estudos.

Também é importante perceber que, no âmbito do lazer, alguns aspectos conceituais sempre produziram controvérsias. Para Joffre Dumazedier, por exemplo, o lazer era um produto específico da industrialização, diferentemente da posição de Marie Françoise Lafant em *Les Théories du Loisir* e Sebastian de Grazia em *Of time, Work and Leisure*. Lanfant e De Grazia consideravam

que os fundamentos históricos do lazer são anteriores à sociedade industrial, porque para estes autores os homens sempre tiveram um tempo de trabalho e outro de não trabalho.

Heloísa Turini Bruhns, no livro *Lazer e Ciências Sociais: diálogos pertinentes*, afirma que:

Partindo do objetivo central do livro, ou seja, desfazer a confusão entre lazer e tempo livre, De Grazia demonstra como lazer e tempo situam-se em dois mundos diferentes, uma vez que todos podem ter tempo livre e nem todos podem ter lazer. O tempo livre é uma ideia de democracia realizável; o lazer não é totalmente realizável, sendo, portanto, um ideal e não somente uma ideia. O tempo livre refere-se a uma forma determinada de calcular uma determinadas classe de tempo; o lazer é uma forma de ser, uma condição do homem, que poucos desejam e dentre estes menos alcançam (BRUHNS, 2002).



## Atividade

### Atende ao Objetivo 2

1. Correlacione as colunas conforme a contribuição dos estudiosos do lazer:

1. David Riesman
2. Georges Friedmann
3. Stanley Parker
4. Joffre Dumazedier

- ( ) Em uma de suas últimas obras *Puissance et sagesse* (Paris: Gallimard, 1970), revela a necessidade de uma revolução interior, que “permita ao homem valorizar as conquistas legítimas do ser em detrimento das armadilhas do consumo e do ter”
- ( ) Considera que o tempo de lazer é um produto de duas revoluções modernas: uma revolução técnico-científica, a que permitiu ao trabalhador produzir mais com menor tempo de trabalho, e uma revolução ético-estética, que colocou os valores do lazer como nova referência para o cotidiano e

mesmo para as instituições de base da sociedade – o trabalho, a família, a religião e a política.

- ( ) Autor do primeiro texto sociológico sobre o lazer numa sociedade avançada do ponto de vista científico e técnico, mostrava pela primeira vez o tempo de lazer cada vez mais orientado para práticas e valores nascidos do universo invasor dos meios de massa.
- ( ) Em seu livro *Sociologia do lazer* (1978), apresenta o contexto cultural, as outras esferas da vida, o planejamento e as políticas do lazer.
- ( ) Sua sociologia do lazer é também uma sociologia da educação não formal, pois considera que o grande problema ao analisar o tempo de lazer consiste não só na quantificação das horas disponíveis, mas principalmente na qualidade das atividades para o seu exercício.
- ( ) Em sua obra *Lonely Crowd*, publicada em 1950, considera que a humanidade evoluíra a partir de duas revoluções: a da Renascença e a do mundo pós-industrial.
- ( ) Em 1956, em sua publicação *O trabalho em migalhas*, anunciou que o trabalho industrial não satisfazia o homem como o artesanato do passado. Em sua visão, era necessário criar uma sociedade mais humana, na qual as máquinas trabalhassem e o homem dispusesse do lazer como uma forma de compensar ou completar o trabalho necessário.
- ( ) É considerado o “pai do lazer moderno” por ter sido o primeiro a tratar o lazer como conceito determinante para a identificação dos “3 Ds”, ou seja, das três principais funções do lazer: *descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social*.

---

### **Comentário**

Nessa questão temos o objetivo de fixar as principais contribuições dos estudiosos precursores da sociologia do lazer, sublinhando as obras e convicções de Riesman, Friedmann, Parker e Dumazedier. Embora tenham o lazer como campo de estudo, os autores apresentam considerações pessoais que são referenciais para o estabelecimento de uma sociologia do lazer.



## O lazer pós-revolução industrial

Enquanto muitos sociólogos comentam que o lazer existiu em todas as civilizações, alguns teóricos, como Joffre Dumazedier, acreditam que o lazer é um produto do trabalho. Segundo Dumazedier (1980, p. 48): “O lazer tem traços específicos, característicos da civilização nascida da revolução industrial”, ou seja, da civilização contemporânea. O autor acrescenta ainda que, nas sociedades pré-industriais, o trabalho é que se inscrevia nos ciclos naturais das estações e dos dias, ao ritmo do sol, do dia e da noite, às vezes cortado por pausas e jogos, cerimônias e festas. Mas não se caracterizava como um tempo que possa ser chamado de tempo de lazer.

Para que o lazer se torne possível para a maioria de trabalhadores, duas condições prévias devem ter sido verificadas na vida social. Primeiramente, as atividades da sociedade não mais reguladas, em sua totalidade, por obrigações rituais impostas pela comunidade. Uma parte, pelo menos, dessas atividades, escapa aos ritos coletivos, sobretudo, o trabalho e o lazer. Este último depende da livre escolha dos indivíduos, ainda que os determinismos sociais influam evidentemente sobre esta livre escolha. Em segundo lugar, o trabalho profissional está desligado de outras atividades. Tem um limite arbitrário e não é regulado pela natureza. Sua organização é específica, embora o tempo livre seja nitidamente separado ou separável dele (DUMAZEDIER, 1980, p. 49-50).

Essas são as condições descritas pelo autor que tornam o lazer inaplicável em outras épocas anteriores à Revolução Industrial. Ele é uma “conquista” da era contemporânea. O tempo livre é o desejo da civilização contemporânea: tempo pago pelo trabalho e desligado dele. A possibilidade de se libertar das amarras da produção para a diversão (STADNIK, 2001).

Segundo Marcos Aguiar Barbosa (2005),

a maioria dos estudiosos das áreas de lazer e turismo admite o lazer como antítese do trabalho produtivo. Contudo, separar trabalho do lazer está cada vez mais difícil. Para Bra-

mante (1998), a linha demarcatória entre lazer e trabalho é tênue e, muitas vezes, valores atribuídos ao trabalho permeiam a experiência do lazer e vice-versa.

E, com o tempo, o avanço tecnológico em todos os sentidos impulsionou o lazer doméstico e muitos pesquisadores anunciaram o surgir de uma “sociedade do lazer”, na qual uma revolução cultural e não política libertaria os trabalhadores, trazendo, pelo rádio e pela TV, informações que tiveram como efeito uma mudança de valores. Verifica-se, pois, nas nações ocidentais, um aumento do consumo aliado a uma maior oferta de programas e a atividades de lazer.

Essa “sociedade do lazer” é uma consequência da revolução industrial, como observamos na aula anterior. A revolução industrial que se iniciou na Inglaterra, como já vimos, provocou diversas mudanças, tanto políticas, como econômicas e sociais.



## Atividade

### Atende ao Objetivo 3

2. Em que momento histórico o lazer adquire certa autonomia e passa a ser considerado um direito individual e socialmente democrático? Justifique.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### **Resposta Comentada**

*Essa questão nos remete à reflexão do lazer como ciência no período pós-industrial, adquirindo contornos próprios para a posterior consolidação da sociologia do lazer. As mudanças no mundo do trabalho, as novas cidades e formas de se relacionar socialmente promoveram novos conceitos sobre o tempo livre e a sua função social e econômica.*

## **O surgimento da sociedade do lazer**

O foco das pesquisas dos estudiosos que estamos conhecendo, concentrado somente nas relações entre o trabalho e o lazer, expande-se à análise dos espaços recreativos em alguns centros urbanos, ou seja, clubes, associações etc. Os pesquisadores adquirem uma postura que associava o planejamento racional à investigação empírica do lazer, impulsionado pelo surgimento de novas profissões, como o trabalho recreativo, e, como resultado, os primeiros cursos de lazer e/ou recreação apareceram no currículo da educação superior.

Assim, surgem organizações internacionais como a World Leisure and Recreation Association (WLRA/1952), a European Leisure and Recreation Association (ELRA), a The Australian and New Zealand Association for Leisure Studies, a Fundacion Colombiana de Tiempo Libre & Recreacion. Dentre essas, se destaca a WLRA como sendo a principal organização não governamental da área, cujo objetivo é “promover condições ideais de lazer para o desenvolvimento humano e o bem-estar social”. De dois em dois anos, a Associação organiza um Congresso Mundial, que em 1998 aconte-

ceu em São Paulo (SP). O tema era “Lazer e Globalização: Inclusão e Exclusão?” e foi o maior e o primeiro congresso de lazer sediado em um país da América Latina (GOMES, 2004).



A American National Recreation Association, fundada em 1906, foi a primeira organização profissional voltada ao lazer nos Estados Unidos. A partir de então, inclusive em outros países, algumas instituições internacionais direta e indiretamente relacionadas ao lazer foram criadas como, por exemplo, a World Association for Adult Education (1918), a Socialist Workers Sport International (1920) e o International Office for Allotments and Workers Gardens (1926).

Algumas ações nacionais começam a apresentar repercussões internacionais como, por exemplo, a iniciativa do Central Bureau of Statistics da Holanda que criou uma divisão especial de pesquisa voltada para o comportamento de lazer da população em 1954, mesmo ano em que Dumazedier criou um grupo de pesquisa em lazer e cultura popular na França, influenciando outros países da Europa central e meridional. Também em 1954, a primeira conferência internacional sobre o uso da Sociologia na organização do lazer e na educação popular aconteceu em Wegimont, na Bélgica.

Em 1955, David Riesman supervisiona a fundação de um centro de pesquisa em lazer, em Chicago (EUA), com o apoio da comunidade científica. Outros centros nacionais de pesquisa científica também são criados e projetos específicos são promovidos, propiciando a “multiplicação” de periódicos na área e a organização de coletâneas. Uma compilação de trabalhos intitulada *Lazer das massas* foi publicada por Meyersohn e Larrabee, em 1958, nos Estados Unidos.

Para Dumazedier (1976), o conceito de “recreação” nasceu e tomou força particular no final do século XIX nos Estados Unidos, em função da criação de diversos parques nacionais e a partir de 1950, época em que David Riesman escreveu seu livro *A multidão solitária*. Os valores começaram a mudar profundamente e, nesse momento, o conceito de “recreação”, de “ação recreativa”, tornou-se insuficiente para responder aos problemas que o lazer colocava, ou o que se chamou de lazer na época.

Em 1956, Dumazedier coordena o primeiro estudo comparativo europeu em lazer e cultura, unindo informações da Dinamarca, Finlândia, França, República Federal da Alemanha, Polônia e Iugoslávia.

Além disso, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) relata em um documento informativo para o III Congrès Mondial Van Clé sur lês Sociétés Contemporaines face au Temps Libre, realizado em 1979, que em 1956 foi criado o Groupe International d'Étude dès Sciences Sociales et du Loisir, a partir do III Congrès Mondial de Sociologie (Amsterdam), com o objetivo de coordenar as pesquisas comparativas e estudar as consequências sociais da industrialização em relação à evolução das necessidades de lazer nas sociedades industriais. O grupo era formado por Dumazedier, da França, Anderson, dos Estados Unidos, Ten Have, da Holanda, Ossipov, da União Soviética, e Hennion, diretor do Instituto Pedagógico da Unesco.

Em 1965, durante a sexta Conferência Internacional dos Sociólogos, em Evian, um grupo de pesquisadores criou oficialmente a Comissão de Pesquisa do Lazer dentro do contexto da Associação Sociológica Internacional (ISA) que, em seus primeiros anos de existência, desenvolveu um grande projeto de *orçamento* e *tempo* entre países, dirigido por Alexander Szalai.

Em 1968, o Centre Européen du Loisir, de l'Éducation et de la Culture foi desenvolvido pela iniciativa da Conférence Régionale sur l'Éducation des Adultes et les Loisirs, organizada pela Comissão Nacional Tchecoslovaca. A Unesco cooperou com

essa comissão nacional para publicar regularmente os resultados dos estudos e pesquisas, as ações de conferências, as conclusões das reuniões regionais e internacionais, em uma revista internacional: *Loisir & Société*. Essa revista, editada pela Universidade de Québec, teve o propósito de unir os especialistas das Ciências Sociais do Lazer e os “homens de ação” e foi a primeira revista científica do setor com uma forte orientação internacional e comparativa (BERI, 1979 apud GOMES, 2004).

A institucionalização de profissionais do lazer e o apoio político a projetos de recreação culminam com o início do *Journal of Leisure Research*, em 1969. Com foco nacional, o mesmo tinha um viés empírico e positivista com enfoque nos países anglo-saxões fora da Grã-Bretanha (Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia).

Segundo documento informativo da Unesco (BERI, 1979), a organização conjunta da mesma com o Conseil International de l'Éducation Physique et des Sports (CIEPS), l'Institut National des Sports de L'Éducation Physique et de la Récréation (INDER) e a Commission Nationale Cubaine pour l'Unesco resultou no Seminário Internacional sobre a temática do Tempo Livre e da Recreação em Havana (Cuba), no ano de 1966.

Podemos mencionar também a cooperação da Unesco com a Union Mondiale des Organismes pour la Sauvegarde de l'Enfance et de L'Adolescence (UMOSEA) que resultou na organização de numerosas reuniões, sobre o tema Tempo Livre e Liberdade, em 1972; a organização do seminário sobre o tema: Os Efeitos Sociais da Cultura e do Turismo, em Washington, 1976; a organização conjunta do Ministério Francês da Cultura e do Meio Ambiente e as Journées Européennes du Cadre Vie, cuja temática principal era a Organização do Tempo, em 1977 (GOMES, 2004).

Podemos verificar com as ações destas organizações a importância que o lazer adquiriu para a sociedade no período pós-industrial, justificando, assim, a expressão contemporânea “sociedade do lazer”, que teve como ponto de partida as reflexões sobre o trabalho e o tempo livre sob a perspectiva de pesquisadores como Riesman, Friedmann, Parker e Dumazedier.



## Atividade Final

### Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

a. A mídia de massa e os grupos sociais influenciam nas nossas decisões e hábitos de lazer? Comente a afirmativa de Riesman:

A idéia de que nascemos livres e iguais é em parte verdadeira e em parte enganosa; na realidade nascemos diferentes, mas perdemos nossa liberdade tentando ser iguais aos outros (RIESMAN, 1995).

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

b. "A sociologia do lazer de Dumazedier foi também compreendida como uma sociologia da educação não-formal, observando que o tempo de lazer é hoje mais relevante para a educação global dos indivíduos do que o tempo escolar" (CAMARGO, 2001). Como o tempo dedicado ao lazer pode promover o desenvolvimento pessoal e social, além do descanso e da diversão?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### **Respostas Comentadas**

*a. Apresentamos aqui uma afirmativa de Riesman que já se preocupava à sua época com a influência de que o homem – até então regulado pela tradição e recém-emancipado com a Renascença – estava sofrendo com os meios de massa no mundo pós-industrial. Segundo ele, o homem estaria perdendo o valor sobre o cultivo de seu interior, tornando-se escravo das armadilhas do tempo livre e solitário em meio à multidão. Os meios de comunicação seriam instrumentos de reprodução dos interesses dominantes com o intuito de alienar os indivíduos.*

*b. A questão ressalta a preocupação de Dumazedier em interpretar o lazer como uma oportunidade para a educação não formal, sendo o interesse central de sua sociologia o desenvolvimento cultural. Passamos grande parte do nosso tempo livre em contato com diferentes fontes de informação – jornais, revistas, livros, conversas informais e mais recentemente através das novas tecnologias de comunicação – e estes conteúdos também alimentam a nossa formação como indivíduo. O aprendizado através de atividades lúdicas favorece a fixação de novos conhecimentos. Dumazedier defende que o desenvolvimento pessoal e social deve estar inserido nas atividades de descanso, bem como: lazares manuais, artísticos, sociais, esportivos, turísticos. Mesmo os jogos e o uso das novas tecnologias são exemplos das possibilidades de educação não formal através de práticas do lazer. Como futuros docentes e profissionais, devemos refletir sobre a qualidade do conteúdo destes recursos e de que forma eles são ou podem ser voltados para o desenvolvimento pessoal e social.*

### **Resumo**

Nesta aula analisamos a crescente autonomia do lazer como objeto de estudo científico no período histórico que se iniciou em 1950, em meio à reconstrução física e econômica da Europa, terminando na “riqueza”, na “cultura de consumo” e nas políticas de “bem-estar social” do final dos anos 1960 e início dos 1970. Importante frisarmos que, cada vez mais, o lazer adquire certa



autonomia e passa a ser considerado um direito individual e socialmente democrático, num sistema de produção antes aliado somente ao trabalho.

Apresentamos quatro teóricos: David Riesman, Georges Friedmann, Stanley Parker, Joffre Dumazedier e suas principais contribuições para a sociologia do lazer no campo científico e para a sociedade do lazer em ordem prática.

Os estudiosos do lazer tiveram no momento pós-industrial o contexto propício para o desenvolvimento da sociologia do lazer sobre diferentes aspectos:

- Riesman, que em sua obra *Lonely Crowd*, publicada em 1950 (*A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1995), anuncia a influência dos *mass media*, escravizando os indivíduos através de armadilhas produzidas para o tempo livre;
- Friedmann, que considerava que o “trabalho em migalhas” da era industrial não satisfazia o homem como o trabalho artesanal, e que o lazer deveria ser desenvolvido como forma de compensar ou completar o trabalho necessário. Em *Puissance et sagesse* (Paris, 1970), apela para a necessidade de uma revolução interior que permita ao homem fugir das armadilhas do consumo, do “ter” para dedicar-se ao “ser”;
- Stanley Parker, que em seu livro *Sociologia do lazer* (1978), apresenta o contexto cultural, as outras esferas da vida, o planejamento e as políticas do lazer.
- Dumazedier, considerado “pai do lazer moderno” por delimitar seu conceito e atribuir ao lazer as funções de *descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social* (os “3 D”).

Os estudos destes e de outros pesquisadores consolidaram a sociologia do lazer e promoveram, impulsionados pelo contexto histórico da sociedade pós-industrial, a construção da sociedade do lazer, através de diferentes organizações nacionais e internacionais preocupadas com as relações existentes entre o mundo do trabalho e o tempo para o lazer com qualidade para um número cada vez maior de trabalhadores.

## **Informação sobre a próxima aula**

Na próxima aula daremos continuidade ao tema sobre os precursores dos estudos do lazer em âmbito internacional – parte III, abordando as atuais correntes da sociologia do lazer através da contribuição de Jean Baudrillard, Frederic Munné, Mihaly, Krippendorf e Maffesoli.

# 6

## As atuais correntes na sociologia do lazer

*Cristina Marques Gomes / Simone Dantas*

### Meta da aula

Apresentar as contradições e embates teóricos em torno das pesquisas em lazer, destacando as experiências e os teóricos contemporâneos e suas perspectivas.

### Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 identificar o embate entre os teóricos tradicionais e os críticos do lazer;
- 2 analisar a fragmentação dos estudos do lazer e as relações do fenômeno com o tempo livre e o trabalho na atualidade;
- 3 reconhecer alguns dos principais autores sobre o tema em âmbito internacional.

## Introdução

Antes de introduzirmos os aspectos relacionados ao embate entre as tradições teóricas, ou seja, os pesquisadores que entendem o lazer como algo importante para o desenvolvimento humano e social, e os críticos do fenômeno, vamos revisar alguns pontos importantes abordados nesta disciplina:

- com os gregos, numa sociedade escravocrata, entendemos que foi criado um tempo chamado *scholé* no qual só o homem livre poderia se divertir;
- os romanos mantiveram a mesma estrutura do ócio em oposição ao trabalho (negócio) como os gregos;
- na Idade Média, o ócio/lazer passou a ser considerado um bem de consumo capaz de produzir a distinção entre as classes sociais;
- e na Idade Moderna, com o puritanismo religioso e a reforma protestante, tivemos uma inversão de valores: o ócio deixou de ser algo importante e passou a ser visto como sinônimo de “tempo perdido”; concomitantemente, aconteceu uma exaltação do trabalho;
- passamos então para a análise do tempo de trabalho e do tempo livre antes e depois da revolução industrial;
- e, por fim, concluímos que o reconhecimento do direito ao tempo livre foi adquirido após a Primeira Guerra Mundial;
- alguns teóricos foram apresentados: Thorstein Veblen, Paul Lafargue, David Riesman, Georges Friedman, Stanley Parker e Joffre Dumazedier, este último considerado o “pai do lazer moderno”;
- além disso, começamos a compreender alguns aspectos importantes em relação ao reconhecimento do lazer como objeto de estudo científico, caracterizando a sociologia do lazer;
- e através dos grupos de pesquisa, eventos e associações nós começamos a perceber a evolução da sociedade em vários aspectos, inclusive o tecnológico, que contribuíram para o amadurecimento do lazer em todos os sentidos, consolidando a sociedade do lazer.

## As “tradições” teóricas *versus* críticas à pesquisa

Segundo Camargo (2001), o estudo do lazer nos remete a diferentes sociologias: a sociologia do trabalho – o lazer é um produto do trabalho industrial moderno; a sociologia urbana – se manifesta no ambiente anárquico das cidades; a sociologia do desenvolvimento – sobretudo relacionando o lazer à modernização e ao desenvolvimento; a sociologia da educação – associando o lazer à recreação e à formação de núcleos de animadores culturais, educadores artísticos, educadores físicos. Foi num desses núcleos – no movimento francês *Peuple et Culture*, nascido pós-Segunda Guerra Mundial – no qual Joffre Dumazedier, um dos seus fundadores, dedicou quinze anos de estudo sociológico para estruturar suas teorias sobre o lazer, até hoje referenciais para as pesquisas na área.

Para Joffre Dumazedier, vivenciamos o que ele chamou de *A Revolução Cultural do Tempo Livre*, tema que também dá nome ao seu livro publicado originalmente em 1945, mas editado no Brasil somente em 1994. “É silenciosa, oculta. É pacífica e profunda. Avança no nosso cotidiano de geração a geração, mesmo se não for reconhecida. Progride subterraneamente, como uma toupeira” (DUMAZEDIER, 1994, p. 21). Essa revolução é caracterizada por três pontos fundamentais:

- Com a valorização do tempo livre, a relação do ser humano consigo mesmo mudou, um novo espaço de “livre expressão” foi criado. A individualidade humana se sobressai ao controle social institucional. A autoridade social é abrandada, primeiro no tempo livre e, depois, também, no tempo do trabalho e no tempo social. É uma mudança de valores.
- Mudando-se a relação do ser humano consigo mesmo, muda também a relação com o outro, evolui. Os limites entre o trabalho e a família, entre as diferentes classes sociais, estão mais flexíveis. Os papéis sociais não são

tão estereotipados. O tédio tem chegado mais rapidamente às tarefas repetitivas e parceladas da rotina profissional, familiar ou escolar e essa rotina é cada vez menos tolerada. A necessidade de fuga é muito forte. No tempo livre, inventam-se novos modelos de relações sociais: obrigadas, agora, a serem mais criativas, mais imaginativas, mais frequentemente renovadas. É um tempo de relações festivas por excelência, de busca por uma “sociedade viva”.

- Muda também a relação com a natureza. O domínio da natureza é o objeto incontornável do trabalho, só que este domínio está acompanhado de preocupações com a preservação da fauna, da flora, do ar e do mar. Através das viagens, realizadas principalmente no tempo livre, generalizou-se uma aspiração de viver em simbiose com a natureza. É uma nova arte de viver, respeitando a natureza (STADNIK, 2001).

A partir dos anos 1980, o enfoque dos estudos recai na continuidade das tradições acadêmicas e também em novos interesses e conceitos em torno da pesquisa em lazer. Segundo Mommaas e col. (1996), o lazer é caracterizado por palavras-chave como “profissionalização”, “fragmentação” e “pluralismo”. Ao mesmo tempo em que laços internacionais mais fortes eram estabelecidos na pesquisa e na educação em lazer, ideias e abordagens convencionais tornaram-se objetos de debate. O campo da pesquisa em lazer fragmentou-se em tentativas de defender a tradição ou de adaptar o estudo do lazer a novos desenvolvimentos teóricos e sociológicos. A abordagem do lazer tornou-se cada vez mais econômica e comercial, evidenciando a importância do consumo e a criação de empregos e outros benefícios para a economia urbana, regional e nacional. A necessidade de mais e melhores profissionais juntamente com uma expectativa renascida, durante o início dos anos 1980, do aumento de tempo livre e de consumo do lazer geraram novos programas na educação superior, especialmente na Europa Central e Ocidental.

A hegemonia da pesquisa em lazer tornou-se sujeita às críticas vigentes. De vital importância para a subsequente pluralização das abordagens foram as primeiras conferências internacionais da Associação de Estudos do Lazer (LSA) que organizou um fórum internacional alternativo para discutir o assunto.

As primeiras críticas ao papel da pesquisa em lazer surgem especialmente durante os anos 1960. O primeiro ponto da crítica era político, pois, neste período, a produção e o consumo do lazer através do mercado não correspondiam mais a ideais racionalistas de intelectuais e líderes políticos. Desde que a pesquisa em *lazer* se desenvolvesse no setor público, pouca atenção foi dada ao consumismo e às forças de mercado. Filósofos da Escola de Frankfurt, como Adorno, Fromm e Marcuse criticaram a cultura mercadológica e a maneira como esse processo era apoiado por pesquisadores sociais, que, por outro lado, não responderam a essa crítica neomarxista. O segundo ponto tinha a ver com as limitações do modo como o lazer era conceituado e operado. Embora alguns autores, como Marie Françoise Lanfant (1972) na França demonstrassem uma abordagem crítica, esse tipo de avaliação sobre a pesquisa em *lazer* nos anos 1960 só atingiu seu ápice na segunda metade da década de 1980 (MOM-MAAS, 1996).



#### **Escola de Frankfurt**

A Escola de Frankfurt é o nome dado a um grupo de filósofos e cientistas sociais de tendências marxistas, organizados a partir do final dos anos 1920, associados diretamente à chamada Teoria Crítica da Sociedade e aos conceitos de “indústria cultural” e “cultura de massa”.

Para Marie Françoise Lanfant, autora do livro *Les Théories du Loisir*

o lazer nem mesmo era um objeto real de investigação e sim o produto da ideologia de modernização de alguns poucos desgarrados do verdadeiro caminho da ciência. Este era, aliás, o principal conteúdo da crítica marxista ao tema do lazer: que lazer é este, se a maioria da população usa o tempo que sobra do trabalho apenas para recuperar-se da fadiga? Não por acaso, esses críticos jamais aceitaram a palavra lazer, apenas tempo livre (1972).

Lanfant (1972), citada na aula anterior como uma das autoras que, junto com De Grazia, acreditava na existência do lazer antes da Revolução Industrial, aborda na primeira parte de sua publicação *Lês Théories du Loisir* (As Teorias do Lazer) os antecedentes da sociologia do lazer, citando, inclusive, Lafargue e Veblen; na segunda, sistematiza a formação e o desenvolvimento (teses elaboradas dentro de um contexto econômico liberal, teses marxistas e a fronteira entre ambas); e, por fim, analisa as críticas do campo nacional da sociologia do lazer. O último subcapítulo é intitulado “Une théorie du loisir est-elle possible? L’envers de la question”. A autora também publicou em 1980 na revista *Loisir & Société* o artigo *Le tourisme international, fait et acte social: une problématique*.



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 1

1. O campo da pesquisa em lazer fragmentou-se em tentativas de defender a tradição ou de adaptar o estudo do lazer a novos desenvolvimentos teóricos e sociológicos. A abordagem do lazer tornou-se cada vez mais econômica e comercial, evidenciando a importância do consumo e a criação de empregos e outros benefícios para a economia urbana, regional e nacional. Quando



surgem e quais foram as principais críticas aos estudos do lazer? Identifique os autores, destacando o seu posicionamento.

[illegible]

### **Resposta Comentada**

*A partir de 1960, a intensificação dos estudos do lazer como sendo um fenômeno decorrente da sociedade pós-industrial gerou críticas sob diferentes argumentações. O primeiro ponto da crítica era político, pois, neste período, a produção e o consumo do lazer através do mercado não correspondiam mais a ideais racionalistas de intelectuais e líderes políticos. Desde que a pesquisa em lazer se desenvolveu no setor público, pouca atenção foi dada ao consumismo e às forças de mercado. Filósofos da Escola de Frankfurt, como Adorno, Fromm e Marcuse criticaram a cultura mercadológica e a maneira como esse processo era apoiado por pesquisadores sociais, que, por outro lado, não responderam a essa crítica neomarxista. O segundo ponto tinha a ver com as limitações do modo como o lazer era conceituado e operado. Embora alguns autores, como Marie Françoise Lanfant (1972) na França demonstrassem uma abordagem crítica, esse tipo de avaliação sobre a pesquisa em lazer nos anos 1960 só atingiu seu ápice na segunda metade da década de 1980 (MOMMAAS, 1996). Lanfant (1972) acreditava na existência do lazer antes da Revolução Industrial.*

Outro enfoque interessante de ser analisado é o do pesquisador Jean Baudrillard.



**Figura 6.1:** Jean Baudrillard, autor de *A sociedade de consumo* (1975), apresenta o capítulo “O drama dos lazes ou a impossibilidade de perder tempo”.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean\\_baudrillard](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_baudrillard)

Jean Baudrillard, sociólogo, filósofo, poeta e fotógrafo francês, nasceu em 27 de julho de 1929 em Reims, vindo a falecer em Paris, em 6 de março de 2007. Sua biografia é de difícil acesso, não só pela inexistência de documentos sobre ele, mas também devido a sua personalidade extremamente reservada. Baudrillard enfrentou uma época bastante conturbada em seu país, como a Depressão da década de 1930. Foi um personagem polêmico, que desenvolveu uma série de teorias sobre os impactos da comunicação e das mídias na sociedade e na cultura contemporâneas. Partindo do princípio de uma realidade construída (hiper-realidade), o autor discute o processo em que a cultura de massa produz esta realidade virtual.

Suas teorias contradizem o discurso da “verdade absoluta” e contribuem para o questionamento da situação de dominação imposta pelos complexos e contemporâneos sistemas de signos, do desenvolvimento da tecnologia, a abstração das representações dos discursos, fenômenos que servem de objeto para os seus estudos. Sua postura profética e apocalíptica é fundamentada através de teorias irônicas que têm como objetivo o desenvolvimento

de hipóteses e polêmicas sobre questões atuais e que refletem sobre a definição do papel que o homem ocupa neste ambiente.

Em sua obra *A sociedade de consumo* (1975), apresenta o capítulo “O drama dos lazeres ou a impossibilidade de perder tempo”. O “tempo” é discutido e para o autor o mesmo poderia ser apenas o produto de determinada cultura e, mais precisamente, de certo modo de produção. Neste caso, encontra-se necessariamente submetido ao mesmo estatuto que todos os bens produzidos ou disponíveis no quadro do sistema de produção: o da propriedade, privada ou pública, da apropriação, do objeto, possuído e alienável, e participando, como todos os objetos produzidos de modo sistemático, da abstração retificada do valor de troca. O autor diz:

Mas, o tempo? Onde reside o seu valor de uso, capaz de definir-se por uma função objetiva ou prática específica? Tal é a exigência inscrita no âmago do tempo livre: restituir ao tempo o seu valor de uso, libertá-lo como dimensão vazia para o cumular com a liberdade individual. Ora, no nosso sistema, o tempo só pode ser “libertado” como objeto, como capital cronométrico de anos, de horas, de dias, de semanas a “investir” por cada qual “a seu bel-prazer”. Por consequência, já não é “livre”, uma vez que se encontra regulado na sua cronometria pela abstração total do sistema de produção (BAUDRILLARD, 1975, p. 256).

Para o autor, a analogia do tempo com o dinheiro (*time is money*) é fundamental para analisar o “nosso” tempo e o que pode implicar o corte significativo entre tempo de trabalho e tempo livre, uma vez que é nele que se baseiam as opções fundamentais da “sociedade de consumo”.

O tempo constitui uma mercadoria rara, preciosa e submetida às leis do valor de troca. É o que se constata a respeito do tempo de trabalho, porque se vende e se compra. Mas, o tempo livre, para ser “consumido”, tende cada vez mais a ser direta ou indiretamente comprado. A lei do tempo como valor de troca e como força produtiva não se imobiliza no limiar

do lazer, como se este escapasse miraculosamente a todos os constrangimentos que regulam o tempo de trabalho. As leis do sistema (de produção) nunca entram em férias. Reproduzem incessantemente e por toda a parte nas estradas, nas praias, nos clubes, o tempo como força produtiva. O aparente desdobramento em tempo de trabalho e em tempo de lazer – inaugurando este a esfera transcendente da liberdade – constitui um mito (BAUDRILLARD, 1975, p. 256).

Continuando o seu raciocínio, Baudrillard (1975) diz que:

O repouso, o descanso, a evasão e a distração talvez sejam “necessidades”, mas não definem por si mesmas a exigência própria do lazer, que é o consumo do tempo. O tempo livre consiste talvez em toda a atividade lúdica com que se cumula, mas é, antes de tudo, a liberdade de perder o seu tempo e eventualmente de o “matar” e dispendê-lo em pura perda (não basta, portanto, afirmar que o lazer está “alienado” porque se reduz ao tempo necessário para a reconstituição da força de trabalho. A “alienação” do lazer é mais profunda: não diz respeito à direta subordinação ao tempo de trabalho, encontra-se ligado à própria impossibilidade de perder o seu tempo (1975, p. 256).

## Czikszenmihalyi e o *fluir*

Ainda dentro da fórmula “tempo é dinheiro”, o lazer foi estudado como tempo social através de um gênero de pesquisa denominado orçamento-tempo – iniciada no Leste europeu comunista nos anos de 1920 – e que teve no pesquisador húngaro Alexander Szalai seu principal sistematizador. Ele conduziu uma pesquisa internacional de orçamento-tempo em onze sociedades capitalistas e comunistas, desenvolvidas e subdesenvolvidas. Sua pesquisa foi publicada sob o título *The Use of Time* (Paris/Haia: Mouton, 1972) e apresenta dados que, curiosamente e de forma geral, mostram tendências semelhantes nas sociedades observadas, tais como:

- o tempo despendido com o trabalho é menor do que o imaginado e revelado pelas pessoas;

- o tempo de lazer das mulheres trabalhadoras, conforme o previsto, é sacrificado pela dupla jornada de trabalho – profissional e doméstica;
- a casa é o espaço de lazer predominante, ocupando cerca de 70% a 90% do total do tempo livre, sendo metade deste tempo dedicado às mídias e a outra metade com atividades variadas tais como conversação entre familiares e amigos, cuidados com animais domésticos, com a decoração da casa, com as plantas etc.;
- o tempo livre dedicado ao lazer extradoméstico é bem menor do que se imagina correntemente.

Mais recentemente, na Universidade de Chicago, Mihaly Csikszentmihalyi (pronuncia-se em inglês *cheek-sent-me-high-ee*), professor e psicólogo húngaro-americano, nascido em 1934, sofisticou o gênero de pesquisa orçamento-tempo, buscando pela primeira vez, além de identificar o tipo de atividade e medir a quantidade de tempo nela despendido, apurar também a sua qualidade, ou seja, verificar a satisfação dos respondentes na prática desta atividade. Denominou seu estudo “Método de Amostragem da Experiência” e desenvolveu o conceito de “fluir” como sendo aquele estado no qual as pessoas estão de tal maneira mergulhadas em uma atividade que nada mais parece ter importância. Segundo o próprio autor os “melhores momentos” costumam ocorrer quando temos o corpo ou a mente completamente empenhados num esforço voluntário para realizar algo difícil e que “vale a pena”.

Os estudos desenvolvidos por este pesquisador mostraram que essas “experiências máximas” eram descritas da mesma maneira por homens e mulheres, jovens e idosos independentemente da cultura, do dinheiro e do país de origem. Para tanto, além dos entrevistados anotarem em um carnê próprio as suas atividades realizadas durante as 168 horas semanais, deveriam, ao sinal de um *bip*, registrar como se sentiam naquele momento. Seus estudos revelaram que:

- Há variáveis fundamentais que limitam a satisfação no lazer do indivíduo, tais como classe socioeconômica,

posto ocupado na hierarquia profissional e posse de bens considerados como garantidores do prazer no lazer como carro, casa de campo etc.

- Os trabalhadores mais bem posicionados na hierarquia profissional tinham maiores e melhores possibilidades de vivenciar o “fluir” no trabalho – e mais no trabalho do que no lazer – do que os trabalhadores situados mais abaixo na escala hierárquica.
- Apesar disso, a motivação no trabalho é baixa, mesmo para os trabalhadores mais bem posicionados, para os quais há maiores possibilidades de propiciar o “fluir”; e no lazer é alta, mesmo quando a qualidade da experiência é baixa.

Assim, o autor verificou:

uma situação paradoxal: no trabalho, as pessoas têm mais condição de sentirem-se aptas e desafiadas e, portanto, mais fortes, felizes, criativas e satisfeitas. No seu tempo livre, em geral, sentem que não há muito o que fazer e que suas aptidões não estão sendo usadas; portanto, tendem a sentir-se mais tristes, fracas, desanimadas e insatisfeitas. Contudo, gostariam de trabalhar menos e passar mais tempo no lazer (CZIKSZENTMIHALYI, 1992 apud CAMARGO, 2001, p. 250).

O livro *A psicologia da felicidade* inicia-se com a questão: “Quando as pessoas se sentem mais felizes?”, tratando da felicidade como algo possível de ser alcançado a partir do controle do conteúdo da consciência. Então, “qual seria o motivo de, a despeito de termos atingido um progresso milagroso nunca antes sonhado, parecermos mais indefesos frente à vida do que nossos ancestrais menos privilegiados?”. A resposta parece clara: embora a humanidade tenha, como coletividade, aumentado seu poder material em milhares de vezes, ela não avançou muito no sentido de aprimorar o conteúdo de sua experiência (CZIKSZENTMIHALYI, 1992).

**Sobre Mihaly Csikszentmihalyi**

Mihaly Csikszentmihalyi é professor de Psicologia e Educação na Universidade de Chicago. É autor de vários livros, incluindo os *best-sellers* *Flow*, *The Evolving Self*, *Creativity* e *Being Adolescent*. Membro da Academia Nacional de Educação dos EUA e da Academia Nacional de Ciências do Lazer é também colaborador regular de revistas e jornais. Escreveu vários contos para a *The New Yorker* e traduziu ficção e poesia. Vive em Chicago, Illinois.

**Frédéric Munné**

**Figura 6.2:** Frédéric Munné Matamala, nascido em Barcelona em 1934, é catedrático em Psicologia Social e professor emérito da Universidade de Barcelona, na qual se graduou em Direito, Filosofia e Letras.

Fonte: <http://www.ub.es/dppss/pg/fmunne.htm>

Na visão de Frédéric Munné, duas concepções filosóficas influenciavam os estudos do lazer: a concepção burguesa, que enaltece e cultiva a moral do trabalho, representada por empíricos, teóricos e críticos e a concepção marxista, representada por ortodoxos, *revisionistas* e frankfurtianos, da Escola de Frankfurt (AGUIAR, 2000).



Revisionismo é uma palavra com muitas acepções. Um dos primeiros e mais importantes entre seus significados aplica-se à revisão da doutrina marxista, elaborada por Eduard Bernstein e Karl Kautsky, ao final do século XIX e frequentemente associada à social-democracia. Todavia, a expressão revisionismo da história do mundo é uma iniciativa de pesquisadores independentes que tem por objetivo incluir e até mesmo ressaltar uma maior participação do Oriente na história do mundo, visto que durante a inquisição e após a Primeira e a Segunda Guerra Mundial houve parcialidade na história. Nesse sentido, o termo *revisionismo* também adquire um sentido pejorativo, indicando uma tentativa de “reescrever” a história através da diminuição de importância ou, simplesmente, por ignorar determinados fatos.

Em seu livro *Psicosociología del Tiempo Libre: um enfoque crítico* (1980), Frédéric Munné aborda o tempo livre sob diferentes aspectos, tais como identifica em seus doze capítulos: “La concepción burguesa del ocio”; “Marx y el tiempo libre”; “Las respuestas de la historia”; “Uma parte, llamada libre, del tiempo social”; “La temporalidad en el tiempo libre”; “En busca del sentido del tiempo libre”; “La libertad en el tiempo libre”; “Los modos prácticos de la libertad en el tiempo”; “Tiempo, libertad y cambio”; “El ocio burgués como práctica de del tiempo libre”; “El tiempo antilibre”; e “Tiempo de integración *versus* tiempo de subversión” (MUNNÉ, 1980).



O autor resume as funções do lazer em psicoterapêuticas e socioterapêuticas, destacando as formas compensatórias do lazer. Entre as funções psicoterapêuticas estariam a busca por:

- a distração e o prazer que amenizem a monotonia das rotinas e as pressões de uma sociedade hierarquizada e normalizada;
- o recolhimento para compensar a agitação e a ansiedade da vida moderna;
- a individualidade para o cultivo de valores pessoais que compensem a padronização de comportamentos sociais;
- autodeterminação e autonomia para compensar as limitações de uma vida assalariada, num sistema de produção que nos ditam as necessidades de consumo.

Como funções socioterapêuticas, o autor identifica:

- as relações interpessoais e demais formas de sociabilidade afetiva, em grupos sociais ou de organizações de trabalhos voluntários, para compensar a ausência de atividades laborais, e a formação e o aperfeiçoamento humano e profissional;
- a satisfação da necessidade de prestígio e aceitação social.

## Michel Maffesoli e as tribos urbanas

Michel Maffesoli, sociólogo francês nascido em Graissessac no ano de 1944, é professor da Université de Paris – Descartes – Sorbonne; secretário-geral do Centre de recherche sur l’imaginaire e membro do comitê científico de revistas internacionais, como *Social Movement Studies* e *Sociologia Internationalis*. Maffesoli ficou conhecido por suas análises sobre o domínio do imaginário e a ligação social na pós-modernidade, difundindo o conceito de *tribo urbana*. A expressão ganha força com a publicação do seu livro *Le Temps des Tribus: le Déclin de l’Individualisme dans les Sociétés Postmodernes*.

Segundo Michel Maffesoli, o fenômeno das tribos urbanas constitui:

diversas redes, grupos de afinidades e de interesse, laços de vizinhança que estruturam nossas megalópoles. Seja ele qual for, o que está em jogo é a potência contra o poder, mesmo que aquela não possa avançar senão mascarada para não ser esmagada por este (1987, p.70).



**Figura 6.3:** Os *punks*, um exemplo típico de tribo urbana.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tribo\\_urbana](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tribo_urbana)

Maffesoli identifica transformações profundas no estilo social que caracterizam a pós-modernidade, por ele definida como “nova forma de sensibilidade”, e identificada pelos seguintes fenômenos (MAFFESOLI, 1995):

1. Observa-se uma ênfase na cultura dos sentimentos e forte centralidade das atividades que promovem encontros de pessoas, seja pela mediação do consumo de imagens comuns ou com o “simples” objetivo de se sentirem juntos; a sensação de pertencimento.

2. O tribalismo, correspondente à valorização e à defesa de territórios, quer seja em termos físicos, quer seja no plano simbólico.
3. A ênfase no estilo, que se institui enquanto linguagem, funciona como protocolo de agregação dos indivíduos e destes a outros territórios e tribos diferentes dos de sua origem.
4. É revelada uma preocupação acentuada dos indivíduos com a imagem em todos os setores da existência em sociedade, o que o autor chama de “A estetização da vida”.
5. O aumento da preocupação com o inútil e a ênfase acentuada na busca do qualitativo conduz à intensificação da busca do supérfluo.



Para melhor compreensão da visão deste sociólogo, leia o artigo *A teoria do imaginário e a proposta de ciências sociais de Michel Maffesoli*, de autoria de Lemuel Dourado Guerra, professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (Campus II – Campina Grande). Publicado em *Política & Trabalho*, 17, p. 64-79, set. 2001 e disponível no *link*:  
<http://www.cchla.ufpb.br/ppgs/politica/17-guerra.html>

Segundo Camargo (2001),

diferente de Dumazedier, que buscou o fato social empiricamente observável independentemente da percepção dos indivíduos, Michel Maffesoli se interessava pelo estudo do fenômeno vivido, ou de como os indivíduos vivem a atmosfera orgiástica que impregna o cotidiano (2001, p. 250).

Maffesoli não se propôs a estudar a noção de lazer e de tempo livre, considerados por ele simples conceitos. Contudo, “compreendeu como poucos o lazer como inerente ao espírito da época, marcado pela busca do prazer e do sexo” (CAMARGO, 2001, p. 251). Em sua obra *À sombra de Dionísio* (1889), Maffesoli analisa que na pós-modernidade, se comparada à mitologia grega, substituiu-se o *mito de Prometeu* – que tem o trabalho como estruturador da vida cotidiana – pelo *mito de Dionísio*, deus das festas, das diversões, do sexo e do prazer.



**Figura 6.4:** Estátua de Dionísio, exposta no Museu do Louvre em Paris, França. Filho de Zeus e da princesa Semele, foi, na mitologia grega, o único deus filho de uma mortal. A simbologia deste deus grego equivale ao deus romano Baco: representam as festas, o vinho, a diversão, o prazer.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dioniso>

Maffesoli foi discípulo de Gilbert Durand, o principal inspirador das *ciências do imaginário* e em seu primeiro livro *O conhecimento comum* (1988) já propõe um resgate da fenomenologia como método de estudo da vida cotidiana, rompendo com o

método geral, experimental, quantitativo e predisposto a anunciar leis adotados pela sociologia corrente. Segundo Camargo (2001), seu método relativista não busca a coerência enganosa e engessadora do pensamento; quer apenas compreender a forma, mais do que explicar a causa dos fenômenos sociais, sem ser determinada por dualismos tais como razão/imaginário ou objetivo/subjetivo.

Para se compreender essa socialidade viva e vivida, há que se lançar mão de analogia, de metáfora de correspondência – que pode não existir no plano objetivo, mas é vivida como tal pelos indivíduos – procedimentos que não devem ser deixados exclusivamente para a poesia, para a ficção ou para o misticismo (CAMARGO, 2001, p. 251).

A sociologia, segundo Maffesoli, deve perder a sua aridez e colocar-se a favor de uma pesquisa estilística, necessária para que a ideologia de uma época possa exprimir o espírito de seu tempo.

Em *A conquista do presente* (1984), Maffesoli ataca o mito da causalidade e o tempo cronológico priorizados nos métodos das ciências sociais. Defende que o tempo vivido vale por si mesmo e não como sintoma ou prenúncio de “outra coisa”, considerando ainda que, quando um sociólogo tem em mente uma representação ideal de sociedade, acaba por não compreender o que existe no presente.

Maffesoli analisa na sociedade pós-moderna um paradoxo entre a massificação constante e o desenvolvimento de pequenos grupos. A *socialidade* se desenvolve através do *ser/estar junto com*; do pertencimento a grupos de iguais, compostos pela emoção, pelo afeto, pela proximidade, aos quais ele identifica como tribos e as explica em *O tempo das tribos* (1987).

Embora as correntes mais conservadoras da sociologia vejam neste autor um “destruidor da racionalidade” ou “pregador da imoralidade”, devemos reconhecer que sua perspectiva proporcionou uma nova postura e uma importante abertura para o estudo da vida cotidiana.



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 2

2. Vamos comparar a visão de Riesman que estudamos na Aula 5 com a de Maffesoli?

Em 1950, Riesman publicou *Lonely Crowd* ou *A multidão solitária*, considerando que no momento pós-industrial o homem torna-se escravo das armadilhas do tempo livre e revela sua preocupação com a influência que os meios de massa e dos grupos de iguais exercem sobre o indivíduo a ponto de este perder a sua liberdade na tentativa de igualar-se aos outros. Maffesoli, em 1988, na publicação original de *O tempo das tribos* (*Le temps du tribus*. 1988; Paris: Le Livre de Poche, 1991) vê o *ser/estar junto com* nas manifestações coletivas, considerando que “o individual e o social se dissolvem no *confusional*, com a perda gradual do individual no coletivo”. Ele também revela, em *À sombra de Dionísio*, que o sexo e o prazer dão origem a um “imoralismo ético” que fortalece os laços simbólicos das sociedades, particularmente das *tribos* que estabelecem suas normas, valores próprios e estilos de vida.

Você concorda com a interpretação destes autores? Teria exemplos atuais para ilustrar as abordagens apresentadas? Comente.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**Resposta Comentada**

*A questão remete a uma reflexão teórica de dois autores em tempos diferentes, comparada com a experiência observada no presente. Observamos a complementaridade dos conceitos de Riesman em 1950 e de Maffesoli em 1988 quando observam a tendência do indivíduo seguir influências do coletivo na busca de pertencimento a “grupos de iguais”, de interesses comuns, ocasião em que a identidade individual se confunde com a social que deseja representar. As “tribos” criam seus códigos identificados por Maffesoli até como “imoralismo ético”, a exemplo dos skinheads (ou cabeças raspadas), “famosos” pela violência praticada nos estádios de futebol no Reino Unido desde 1960, ou os emos, mais popular atualmente entre os adolescentes, para descrever o perfil e o comportamento de uma nova geração de bandas e fãs de hardcore emocional. Tais “tribos” se reforçam e se promovem através das mídias e das tecnologias de comunicação, como os sites de relacionamento, blogs e suas comunidades, como Riesman previa que seria refletida na sociedade a influência dos meios de comunicação em massa.*

## **Domenico De Masi e o ócio criativo**

Devemos destacar Domenico De Masi entre as correntes atuais do pensamento sociológico sobre o lazer, por ele tratado de modo corrente como *tempo livre* ou *ócio*. Camargo (2001) bem observa que alguns idiomas como o italiano, o espanhol e o alemão não dispõem de um vocábulo derivado do latim *licere*, como o inglês (*leisure*), o francês (*loisir*) ou o português (lazer), razão pela qual De Masi usa a expressão *ócio* em lugar de lazer.

Sociólogo italiano nascido na província de Campobasso, ao sul da Itália, no ano de 1938, Domenico De Masi, aos 19 anos, já escrevia artigos sobre a Sociologia Urbana e do Trabalho; aos 22 anos lecionava na Universidade de Nápoles e mais recentemente assumiu o posto de professor de Sociologia do Trabalho na Universidade La Sapienza de Roma, além de dirigir a escola de especialização em ciências organizacionais S3 Studium. Seu carisma pessoal, sua habilidade como comunicador e, sobretudo, a autoridade com que trata as relações entre o trabalho e o lazer fazem dele uma referência em consultoria para as grandes empresas globalizadas.

Ele resgata conceitos pouco conhecidos de autores da área econômica, como Keynes, e da administração, como Taylor, relacionados à qualidade de vida no crescente tempo livre. Sua teoria parte de sua insatisfação com o modelo social do Ocidente, centrado na idolatria do trabalho, do mercado e da competitividade. Ele propõe um novo modelo no qual os indivíduos devem ser educados para privilegiar a introspecção, a amizade, o amor, a convivência e as atividades lúdicas através da simultaneidade entre trabalho, estudo e lazer. Com a liberação do tempo de trabalho por conta da aplicação de novas tecnologias, De Masi (2000) considera que

o ócio pode transformar-se em violência, neurose, vício e preguiça, mas pode também elevar-se para a arte, a criatividade e a liberdade. É no tempo livre que passamos a maior parte dos nossos dias e é nele que devemos concentrar nossas potencialidades (2000, contracapa).

Camargo (2001) observa que o pensamento de De Masi e de Dumazedier:

convergem através da constatação de que a evolução das ciências de gestão teve, na redução da jornada de trabalho e na criação do tempo livre moderno, peso decisivo similar ao das organizações sociais e de trabalhadores (2001, p. 253).





Assista à entrevista concedida por Domenico De Masi ao programa Roda Viva em sua primeira visita ao Brasil em 1998, no qual defende uma nova sociologia do trabalho, baseada na criatividade e no que ele classificou como ócio criativo, através do *link* [http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/5/entrevistados/domenico\\_de\\_masi\\_1998.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/5/entrevistados/domenico_de_masi_1998.htm). Também encontramos registro de entrevista à TV Cultura no YouTube: clique em <http://www.youtube.com/watch?v=wxvPBkuvagc>

De Masi escreveu diversos livros, alguns tidos como revolucionários, uma vez que se baseia na sua concepção de que

o futuro pertence a quem souber libertar-se da idéia tradicional do trabalho como obrigação e for capaz de apostar em uma mistura de atividades, onde o trabalho se confundirá com o tempo livre e o estudo. Enfim, o futuro é de quem exercitará o ócio criativo (2000, contracapa).

Em *Desenvolvimento sem trabalho* (1999), De Masi desvela a busca pela eliminação da fadiga física e mental no trabalho, analisando a trajetória da sociedade humana desde a Antiguidade. Ele demonstra que a sociedade busca a libertação da fadiga e conseqüentemente há a eliminação de muitas formas atuais de ocupação. Nessa sociedade que se desenvolve cada vez mais sem trabalho, a única forma de ocupação digna do homem é a que alia criatividade e organização (CAMARGO, 2001, p. 253).



E já que estamos em um curso de Licenciatura em Turismo, que tal conhecermos a visão de De Masi sobre o trabalho do magistério? Para ele, o trabalho do professor é “o mais lindo” e privilegiado que existe por se tratar de uma atividade de estímulo à convivência criativa, e destaca ainda que “em vez de educar para o trabalho, devemos educar para a vida”. Assista a esta entrevista concedida à *Folha Dirigida*.

Fonte: [http://www.folhadirigida.com.br/professor/Cad\\_08/EntDomenicodeMasi.html](http://www.folhadirigida.com.br/professor/Cad_08/EntDomenicodeMasi.html)

Em *A emoção e a regra* (1999), De Masi estuda diferentes equipes de trabalho que produziram resultados geniais nos últimos dois séculos. Seu objetivo é mostrar que a capacidade criativa inerente ao ser humano, quando integrada ao aperfeiçoamento da organização gerencial, aponta o caminho para o futuro do trabalho humano.

Em *O ócio criativo* (2000), encontramos uma brilhante entrevista concedida à Maria Serena Palieri, na qual Domenico De Masi analisa temas como a sociedade pós-industrial; o declínio das ideologias tradicionais em face da globalização; as possibilidades do desenvolvimento sem emprego; a dedicação à criatividade e ao tempo livre como fonte de qualidade de vida para a sociedade emergente, com as seguintes considerações sobre o mundo atual:

- A globalização financeira, através das facilidades das telecomunicações modernas, cria desafios para a estabilidade socioeconômica em várias nações, sujeitas a fluxos volumosos e cada vez mais rápidos de capitais financeiros.
- Os desafios ao próprio capitalismo diante do desenvolvimento com baixa geração de emprego e renda, decorrente do aumento no volume de produção de bens

e serviços sem que haja uma proporcional distribuição de renda para criar consumidores para o que é produzido, além dos riscos que este “desenvolvimento” promove sobre o ambiente ecológico.

- A feminilização do mundo profissional gera tensões entre os gêneros, visto que há alterações mais rápidas nos papéis a serem exercidos entre os sexos do que as necessárias alterações na mentalidade da sociedade para acomodar estas novas expectativas e frustrações.
- As ideologias e as crenças tradicionais perdem a sua utilidade como reguladoras das relações sociais, sem que sejam substituídas por novas construções mentais, espirituais e emocionais que apoiem estas relações.
- Com isto, há dificuldade em integrar os sujeitos sociais emergentes nas relações estabelecidas entre atores sociais tradicionais.

Diante deste contexto derivado da idolatria ao trabalho, ao mercado e à competitividade, De masi propõe um outro modelo social que tenha como premissas:

- A valorização e a educação dos indivíduos voltadas para as necessidades básicas do ser humano, tais como a introspecção, o convívio, a amizade, o amor e as atividades lúdicas, deixando em segundo plano as necessidades criadas pela propaganda e pela busca de *status*.
- A distribuição consciente do tempo, do trabalho, da riqueza, do saber e do poder como forma de minimizar as fontes de conflitos entre as pessoas e os grupos.
- A estruturação das atividades humanas em uma combinação equilibrada de trabalho, estudo e lazer.
- Valorização e enriquecimento do tempo livre, decorrente de alta disponibilidade financeira para alguns e redução do tempo demandado de trabalho para muitos.

- Aperfeiçoar o processo de produção e distribuição da riqueza decorrente dos grandes aumentos de produtividade derivados dos rápidos, e em aceleração, avanços do conhecimento e da criatividade humana.

## Outros pesquisadores atuais

Além dos autores citados até então, vários são os pesquisadores que têm se dedicado aos estudos do lazer como um fenômeno da sociedade pós-industrial, entre eles historiadores, sociólogos, psicólogos, educadores, turismólogos, filósofos, entre outros, tratando-se, portanto, de uma área rica em interdisciplinaridade.

Diante desta complexidade e da difícil missão de relacionar os pesquisadores atuais e referenciais nos campos do lazer em âmbito internacional, Camargo (2001) considera que devam ser citados ao menos os seguintes:

- nos Estados Unidos: Phillip Bosseramn, Max Kaplan, Geoffrey Godbey, Jack Kelly;
- no Canadá: Robert Sttebins, Jiri Zuzanek e Gilles Pronovost;
- na França: Roger Sue, Nicole Samuel ; Madeleine Rommer;
- no Reino Unido: Kenneth Roberts, Stanley Parker;
- na Bélgica : Willy Faché, France Gowaertz;
- na Austrália: Rob Linch e Francis Lobo.

Na América Latina, devem ser citados ao menos: Adriana Estrada (México); Carlos Vera Guardia (Venezuela) e Inês Moreno (Argentina).

No Brasil, os estudos de lazer vêm avançando bastante, sobretudo nos centros de pesquisa da área de educação física, sem, contudo, desmerecermos a contribuição de outras áreas. Exclusivamente a este tema nos dedicaremos na próxima aula. Para tanto, vamos completar nossa lista mencionando, ainda segundo CAMARGO (2001), pelo menos: Antonio Carlos Bramante (Unicamp); Nelson Carvalho Marcelino (Unicamp); Leila Pinto

(UFMG), Christianne Werneck (UFMG); Paulo de Salles Oliveira (USP); Guilherme Magnani (USP). Entre os nomes da área de turismo que estudam o tema, vale mencionar Luiz Gonzaga Godoi Trigo (PUC/SP) Mário Beni e Doris Rushman (USP).

Conforme CAMARGO (2001), podemos identificar quatro contribuições importantes da sociologia do lazer para o profissional de turismo:

- a sociologia do lazer familiariza o profissional de turismo com a dinâmica socioeconômica e cultural que produziu o moderno fenômeno das viagens de massa;
- auxilia na compreensão da amplitude do campo de trabalho;
- tempera as bases economicistas das análises correntes do fenômeno turístico;
- torna o profissional mais atento à dimensão qualitativa e educativa da viagem.

Entender o turismo dentro do lazer significa aceitar que ele está sujeito às mesmas condicionantes e injunções que pesam sobre o lazer como um todo. Significa olhar criticamente o turismo como forma de distinção social. Significa lançar um olhar crítico sobre a qualidade de vida cotidiana que, quando negativa, cria o *slogan* “viajar para o mais longe, o mais raro, o mais caro”. Significa valorizar o turismo de proximidade, bem como a organização comunitária para enfrentar o turismo predatório (CAMARGO, 2001, p. 271).



## Atividade Final

---

### Atende aos Objetivos 1 e 3

Vamos estabelecer um quadro-resumo e comparativo entre os pesquisadores estudados, suas teorias e publicações, apresentados nesta aula? Assim poderemos organizar melhor nossos estudos. Segue um modelo para que você pesquise e complete:

**Atuais correntes dos estudos do lazer**

Autor	Teorias/Ideias centrais	Bibliografia

**Resposta Comentada**

*O objetivo da questão é estimular o estudo através da síntese das aulas em tabelas/gráficos/diagramas de modo a facilitar o registro de informações e a visualização sobre o posicionamento dos teóricos apresentados e suas contribuições para os estudos do lazer. Novas formatações poderão ser sugeridas de modo a atingir este objetivo bem como as informações complementadas com a pesquisa em outras fontes, que poderão ser citadas. Exemplo: atuais correntes dos estudos do lazer.*

Autor	Teorias/Ideias centrais	Bibliografia
Joffre Dumazedier	3 Ds	A revolução cultural do tempo livre (1994)
Maffesoli	Tribos urbanas	O tempo das tribos (1987) As marcas do visível (1995)
.....		

**Resumo**

Nesta aula, destacamos que a pesquisa em lazer sofreu uma série de embates de pesquisadores favoráveis e contrários à atividade. Tais argumentações contribuíram, sobremaneira, para a evolução do pensamento crítico, o que, por conseguinte, proporcionou a construção teórica de uma “ciência do lazer”.

Entendemos que, a partir dos anos 1980, o enfoque dos estudos recaiu na continuidade das tradições acadêmicas e também em novos interesses e conceitos em torno da pesquisa em lazer. Ao mesmo tempo em que laços internacionais mais fortes eram estabelecidos na pesquisa e na educação em lazer, ideias e abordagens convencionais tornaram-se objetos de debate. O campo da pesquisa em lazer fragmentou-se em tentativas de defender a tradição ou de adaptar o estudo do lazer a novos desenvolvimentos teóricos e sociológicos (MOMMAAS, 1996).

Abordamos ainda a influência da Escola de Frankfurt e o capitalismo; apresentamos os autores Jean Baudrillard, Frédéric Munné, Michel Maffesoli, Domenico De Masi. Através de diferentes correntes de pensamento que apresentam diferentes argumentações e até contradições, fruto de vários debates e até de disputas intelectuais, podemos detectar algumas mudanças nas pesquisas em lazer, em comparação aos modelos precedentes, dentre elas:

- uma abordagem baseada mais na teoria – e na história – da realidade social, envolvendo a noção de que era preciso depender não só de fatos, mas também de métodos;
- um forte interesse pela dimensão social e/ou coletiva do lazer;
- uma abordagem do lazer como um conceito relacionado a gênero e classe;
- um interesse pelo envolvimento ativo das pessoas na constituição de seu lazer e nos métodos interpretativos de analisar o significado do mesmo;
- uma atenção à política e à produção do lazer;
- uma séria preocupação com o lazer comercial, popular e informal, além do lazer público, sério e formal (MOMMAAS, 1996).

## **Informação sobre a próxima aula**

Na próxima aula, apresentaremos os precursores do lazer enquanto objeto de estudo no Brasil, suas motivações, teorias, influências e contribuições.





# 7

## O lazer enquanto objeto de estudo no Brasil – Parte I – Estudos precursores

*Cristina Marques Gomes / Simone Dantas*

### Meta da aula

Apresentar o contexto histórico dos estudos do lazer no Brasil, seus principais pesquisadores e as influências internacionais na produção científica nacional.

### Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 identificar o contexto histórico do desenvolvimento dos estudos sobre lazer no Brasil;
- 2 identificar a contribuição do Serviço Social do Comércio, do lazer empresarial e do lazer no período militar;
- 3 reconhecer as influências de Dumazedier e os embates teóricos ocorridos a partir do Seminário sobre o lazer: perspectivas para uma cidade que trabalha.

## Introdução

No Brasil, a produção científica sobre o lazer emerge a partir da década de 1970, com o desenvolvimento de pesquisas e projetos específicos, muito embora os trabalhos anteriores tenham importância significativa para a sistematização e compreensão do conhecimento na área.

Entre esses trabalhos precursores, encontramos o registro sobre preocupações com o lazer da população no Brasil ao final do século XIX nos discursos de engenheiros e sanitaristas responsáveis pelas reformas urbanas típicas da modernidade (MELO, 2001). Houve iniciativas públicas e empresariais para a oferta do lazer aos operários com vistas à melhoria na qualidade de vida, sim, mas também a serviço dos interesses do capitalismo e da supremacia da burguesia como classe dominante.

Já vimos o quanto a Revolução Industrial influenciou as transformações da sociedade ao final do século XIX, o que impactou na configuração e no surgimento dos novos centros urbanos, especialmente na Europa e nos Estados Unidos. O Brasil também passou por profundas transformações. Era necessário, por exemplo, adotar os princípios do sanitarismo nas práticas urbanas, especialmente visando ao enfrentamento de epidemias que ameaçavam a saúde pública. Para tanto, as áreas centrais deveriam: ser remodeladas, implementando serviços de infraestrutura de água e esgotos; sanear áreas pantanosas e inundáveis; eliminar a concentração de moradias insalubres (cortiços); prover as cidades de espaços públicos abertos para facilitar a circulação de ar e a penetração da luz solar; e estabelecer normas para as construções (SIMÕES JUNIOR, 2007).

Assim, começamos a observar o surgimento da preocupação em prover nas cidades brasileiras espaços públicos voltados para a circulação, visando à qualidade de vida e posteriormente ao lazer. Contudo, a necessidade de se estudar “o problema do lazer” no Brasil começa a se configurar nas primeiras décadas do sécu-

lo XX, por influência de diferentes aspectos, mas principalmente com base na relação *versus* trabalho, que poderemos compreender melhor ao analisarmos o contexto histórico.

## Contexto histórico

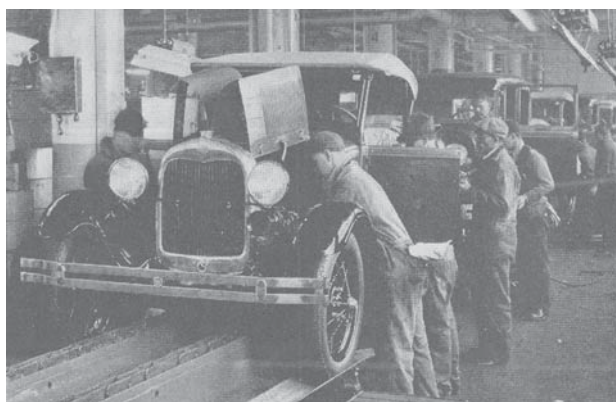
Em âmbito internacional, a virada do século XIX para o século XX foi marcada pela intensificação das crises por que passou o capitalismo no período de 1875 a 1914, denominada "Era dos Impérios" por Eric Hobsbawm, historiador marxista e cientista social inglês (HOBSBAWM, 2003). Trata-se de um período marcado pela predominância de grandes potências imperiais e colonialistas. É caracterizado por ciclos de queda das taxas de lucro e de planos de reestruturação da produção em busca de sua recuperação, passando pelo reordenamento geopolítico mundial, cujo ápice foi a Primeira Grande Guerra Mundial, em 1914, dando início ao século XX.

Paralelamente ao desenvolvimento industrial, que sustentava o capitalismo, houve a expansão do movimento operário, influenciado pelo comunismo. O propósito era o de lutar pela superação do capitalismo, para a completa abolição das classes, estabelecendo-se a ditadura do proletariado e, assim, a realização do socialismo como uma transição para a sociedade comunista, com a completa abolição do Estado. Para isso, utilizariam todos os meios disponíveis, inclusive armamentos, para derrubar a burguesia internacional. A Revolução Russa, em 1917, materializou o temor burguês quanto à expansão do comunismo, polarizando os conflitos que iriam caracterizar mais da metade do século XX (1917-1985).

Diante dessa ameaça, a burguesia reorganizou as suas bases para a manutenção de sua hegemonia, implementando os métodos *taylor-fordistas*, cuja meta central era a adaptação do trabalho humano às necessidades do capital, com vistas à contenção da luta de classes (BRAGA, 2005).



A expressão “taylor-fordista” faz uma associação do *taylorismo* e do *fordismo*. Taylorismo é um modelo de administração desenvolvido pelo engenheiro Frederick Winslow Taylor (1856-1915), considerado o “pai da administração científica”. Caracteriza-se pela ênfase nas tarefas, objetivando o aumento da eficiência em nível operacional. O estudo de “tempos e movimentos” mostrou que um “exército” industrial desqualificado significava baixa produtividade e lucros decrescentes, forçando as empresas a contratarem mais operários. Taylor tinha o objetivo de acelerar o processo produtivo, ou seja, produzir mais em menos tempo, e com qualidade. Quanto ao fordismo, idealizado pelo empresário estadunidense Henry Ford (1863-1947), fundador da Ford Motor Company, é um modelo de *produção em massa* que revolucionou a indústria automobilística a partir de janeiro de 1914, quando introduziu a primeira linha de montagem automatizada. Ford utilizou à risca os princípios de padronização e simplificação de Frederick Taylor e desenvolveu outras técnicas avançadas para a época. Suas fábricas eram totalmente verticalizadas, ou seja, ele possuía desde a fábrica de vidros e plantação de seringueiras até a siderúrgica.



**Figura 7.1:** A fábrica de automóveis da Ford Motors e a produção em massa.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fordismo>

## E no Brasil?

No século XX, o Brasil estava em processo de consolidação da burguesia, que particularmente se deparava com duas questões centrais. Primeiro, controlar os setores conservadores

contrários aos seus interesses, o que demandou uma série de embates que foram solucionados através de acordos político-econômicos. Segundo, controlar a classe trabalhadora, o que se processou através de um amplo projeto de contenção das lutas de classe que explodiram em toda a década de 1920, adequando os interesses dos trabalhadores aos interesses burgueses.

Para tanto, foram empreendidas ações que envolveram a reestruturação da educação e da formação da classe trabalhadora, com a elaboração de uma legislação trabalhista nos moldes do Primeiro Mundo. Foi adotada a racionalização *taylor-fordista* do trabalho e do repouso, com predomínio da intenção de tutela do tempo livre: “a modernização e a industrialização brasileiras dependiam deste movimento” (PEIXOTO, 2008).

Nesse contexto, verificamos a configuração inicial das preocupações com o lazer no Brasil, situadas entre as décadas de 1920 e 1940 do século passado. Configura-se uma política de recreação atuante em duas frentes: 1ª – a ocupação e a educação de menores; 2ª – a ocupação do tempo livre do trabalhador, com vistas à “conformação da classe trabalhadora aos interesses da burguesia” (PEIXOTO, 2008).

## **O lazer para a ocupação e a educação de menores**

A ocupação e a educação dos menores veio a configurar “um projeto de educação para e pela recreação” (PEIXOTO, 2008). Aqui destacamos como iniciativas precursoras a “Recreação Pública” promovida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre (1926-1955) e a experiência da “Divisão de Educação e Recreio do Departamento de Cultura e Recreação”, promovida pela Prefeitura Municipal de São Paulo (1935-1947).

Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, foi uma das capitais pioneiras na instituição do lazer e da recreação pública. No ano de 1926, o professor de Educação Física Frederico Guilherme Gaelzer

afirmava que as crescentes conquistas sociais do proletariado, em relação à diminuição das horas de trabalho, nos colocavam, àquela época,

Ante um problema que deve ser estudado, e com grande empenho resolvido, para o bem de todos, de modo a consultar os grandes interesses do futuro da Pátria: o do uso bom das horas de lazer (WERNECK, 2003, p. 119).

Gaelzer foi responsável pela idealização e efetivação dos "Jardins de Recreio" nas praças da cidade, oferecendo atrações diversificadas para diversão de crianças, jovens e adultos. Ele conseguiu sensibilizar o poder público local sobre a importância da recreação e do esporte para a mocidade, como forma de prevenção da delinquência e como um meio de qualificar a sociedade. Este trabalho de Gaelzer foi coroado em 1950, quando foi promulgada a Lei 500, no governo do prefeito Dr. Ildo Meneghetti, institucionalizando o Serviço de Recreação Pública.



Confira a tese de mestrado de Eneida Feix, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, sob o título: "Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX: institucionalização da recreação pública". Acesse o *link*: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2781>

Nesta mesma época, o Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura de São Paulo acreditava que o "problema do lazer" seria resolvido por meio de ações fundamentadas em pesquisas e estudos sistematizados sobre o tema. Este aspecto foi explicitamente formalizado no Ato nº 767 (9/1/1935), que criou o Serviço de Jogos e Recreio, dirigido por Mário de Andrade e diretamente subordinado ao gabinete do então prefeito, então Paulo Duarte. A primeira justificativa do Ato nº 767 argumentava

que as forças morais e espirituais de uma nação dependiam, em parte, da maneira pela qual os cidadãos aproveitavam as suas horas de descanso. Neste âmbito “seria necessário despertar nas novas gerações o gosto e criar o hábito de empregar seus lazeres em atividades saudáveis de grande alcance moral e higiênico” (WERNECK, 2003, p. 232).

Ainda no ano de 1935, foi criado o Departamento de Cultura e Recreio, e o Serviço de Jogos e Recreio foi transformado em Seção de Parques Infantis. O município assumiu, assim, a tarefa de propiciar assistência pré-escolar às crianças de classes desfavorecidas da sociedade.

Segundo o artigo “A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil”, de Ana Lúcia Goulart de Faria, docente da Faculdade de Educação da Unicamp-SP,

Os parques infantis criados por Mário de Andrade em 1935 podem ser considerados como a origem da rede de educação infantil paulistana (FARIA, 1995) – a primeira experiência brasileira pública municipal de educação (embora não-escolar) para crianças de famílias operárias que tiveram a oportunidade de brincar, de ser educadas e cuidadas, de conviver com a natureza, de movimentarem-se em grandes espaços e não em salas de aula... Lá produziam cultura e conviviam com a diversidade da cultura nacional, quando o cuidado e a educação não estavam antagonizados, e a educação, a assistência e a cultura estavam *macunaimicamente* integradas, no triplice objetivo parqueano: educar, assistir e recrear (FARIA, 1999).



“Macunaimicamente” é uma expressão adaptada por influência de *Macunaima*, de autoria de Mário de Andrade, considerada uma das obras capitais da narrativa brasileira no século XX. Uma análise comentada desta obra ímpar pode ser verificada em: <http://www.angelfire.com/mn/macunaima/>



**Figura 7.2:** Mário de Andrade, considerado o escritor mais nacionalista e múltiplo dos brasileiros, aqui sentado à frente de outros artistas durante a Semana de Arte Moderna de 1922.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio\\_de\\_Andrade](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_de_Andrade)

## A ocupação do tempo livre do trabalhador

A ocupação do tempo livre do trabalhador – que mais expressa as características da preocupação burguesa com a ocupação do tempo livre do trabalhador com vistas à conformação da classe trabalhadora aos interesses da burguesia. Destacamos a experiência do *Serviço de Recreação Operária – SRO* –, implementada no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, através do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (1943-1963) e a criação em 1946 do Serviço Social do Comércio – Sesc – atuante até os dias de hoje e em âmbito nacional (PEIXOTO, 2008).



## O Serviço de Recreação Operária – SRO (1943-1963)

A criação do Serviço de Recreação Operária ocorreu em 1943, momento em que a ditadura do Estado Novo já apresentava sinais de exaustão. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) já havia sido anunciada pelo então presidente Getúlio Vargas nas comemorações de primeiro de maio (Dia do Trabalhador) daquele mesmo ano, o que nos leva a crer não se tratar de simples coincidência. Por um lado está claro o interesse material, no aumento da produção e redução de acidentes de trabalho à medida que promoveriam o aumento da resistência física dos operários. Por outro, o interesse imaterial, produzindo políticas públicas voltadas para a vivência de prazeres, o que certamente se constituiria em uma estratégia de negociação e permitiria ao Estado promover certo controle sobre o tempo livre dos trabalhadores. A análise da professora Angela Brêtas identifica sete principais objetivos para a criação do SRO:

- auxiliar na diminuição do número de acidentes de trabalho;
- estimular a sindicalização;
- integrar o conjunto de realizações que possibilitam a concretização do discurso político da época, acerca da preocupação do Estado com aspectos da vida do trabalhador, para além da proteção das leis trabalhistas e do amparo da previdência social;
- controlar e disciplinar o tempo livre do operário;
- formalizar uma experiência de educação não formal do trabalhador;
- fortalecer física e espiritualmente o operário, de modo a fazê-lo participar do esforço de guerra – e de produção no trabalho;
- elevar seu nível cultural (BRÊTAS, 2006).

O *Serviço de Recreação Operária* viria também atender ao artigo 7º do Decreto-Lei nº 4.298, de 14 de maio de 1942. Previa “a aplicação do imposto sindical em finalidades culturais e esportivas”. Assim, com vistas à

Melhor consecução dos objetivos visados pelo legislador”, a portaria nº 68, instituiu o S.R.O. no dia 06 de dezembro de 1943. Justificou a criação deste pela necessidade de um órgão “que coordene os meios de recreação da classe operária, prestando aos sindicatos sua assistência e colaboração”, e que funcionaria “junto à Comissão Técnica de Orientação Sindical” (SUSSEKIND, 1946, p. 7 apud PEIXOTO, 2008).

## O Serviço Social do Comércio

Em 1946, por iniciativa de empresários de comércio e serviços, foi criado o Serviço Social do Comércio – Sesc –, uma instituição brasileira com atuação em âmbito nacional e sem fins lucrativos. A finalidade da entidade é a de promover o bem-estar social, o desenvolvimento cultural e a melhoria da qualidade de vida do trabalhador que atua no ramo do comércio e serviços, de sua família e da comunidade na qual estão inseridos. O Sesc atua nas áreas de cultura, educação, lazer, saúde e filantropia. Trata-se de uma entidade que transcende seu âmbito social, pregando valores maiores, como o exercício da cidadania, o amor à liberdade e à democracia e o apoio aos menos favorecidos, oferecendo-lhes, através da educação, meios para a conquista de melhores condições de vida.

A criação do Sesc ocorreu em um momento em que o Brasil estava num agitado processo de redemocratização, com a nova Constituição de 1946, porém sob um cenário empobrecido, atrasado em relação às potências mundiais e, sobretudo, com fortes conflitos sociais. O Brasil estava repensando as suas instituições após a sua breve participação na Segunda Guerra Mundial e com o desafio de construir um novo modelo econômico

e social. Com a industrialização, aumentou o processo migratório para os centros urbanos, agravando a falta de infraestrutura do saneamento, da saúde, dos transportes, dos sistemas de educação. Forças políticas e sociais emergentes buscavam ocupar o espaço de liberdade que os novos tempos traziam. A época em que a questão social era caso de polícia estava superada, e eram necessários novos métodos para tratar das relações entre capital e trabalho. A classe empresarial “mais lúcida” percebeu que somente o estabelecimento de uma relação harmoniosa entre as forças produtivas proporcionaria ao país as condições para superar os graves problemas sociais que este enfrentava.

Com este intuito, foi realizada em 1945 a I Conclap – Primeira Conferência das Classes Produtoras, na cidade de Teresópolis, no Rio de Janeiro, resultando na Carta da Paz Social, que deu forma à filosofia e ao conceito de serviço social, custeado pelo empresariado. Chegaram à conclusão de que a melhor maneira de conciliar o crescimento econômico com a justiça social seria criar um organismo mantido com a contribuição patronal e dedicado especificamente ao serviço social em benefício do trabalhador, uma iniciativa inédita em todo o mundo e na história da relação entre capital e trabalho. A proposta contida na Carta da Paz Social foi submetida ao Governo Federal sob a presidência de Eurico Gaspar Dutra, que assinou o Decreto-Lei nº 9.853 de 13 de setembro de 1946, autorizando a Confederação Nacional do Comércio a criar o Sesc.

Hoje o Sesc está presente em todas as capitais do país e também em cidades de pequeno e médio porte, muitas vezes como a única alternativa da população para ter acesso a serviços de educação, saúde, cultura, lazer e assistência social.

No decorrer desta aula, vamos compreender a grande contribuição do Sesc no desenvolvimento das práticas e dos estudos do lazer no Brasil.

## Estudos precursores

Nesta época, os estudos do lazer eram escassos. A pouca produção literária pode ser compreendida considerando-se as características dos centros urbanos da época no Brasil. Segundo Ferreira (1959):

Em nossas cidades, mesmo naquelas que já adquiriram características de grandes centros urbanos, quer pelo volume populacional, quer pelo desenvolvimento de sua estrutura econômico-social, o problema de bem ocupar as horas de lazer ainda não ganhou a consciência dos estudiosos, nem a dos governantes. (...) Essa indiferença dos educadores, sociólogos, psicólogos, urbanistas, etc. pelo destino que os brasileiros dão ao seu tempo livre, deve-se em boa parte – acreditamos – à inexistência de grandes metrópoles e à ausência de várias características das sociedades de massas, próprias dos países altamente industrializados, onde as conotações culturais, econômicas e sociais do tempo de lazer são naturalmente ostensivas e gritantes. (...) Por outro lado, a natureza reflexa da nossa cultura deforma, em muitos casos, a visão dos brasileiros face aos fenômenos surgidos da realidade nacional. (...) Acontece, porém, que nos países padrões do sistema cultural em que nos inserimos, ‘tempo é dinheiro’ e amar a vida no que ela tem de belo e desinteressado uma deformação ou um vício (FERREIRA, 1959).

De acordo com Peixoto (2006), os estudos do lazer desenvolveram-se a partir do contexto dos “Anos Dourados” (1955-1960), acompanhando a sensação de prosperidade experimentada por todo o mundo após a Segunda Grande Guerra Mundial e na década de 1950. No final desta década, entretanto, uma onda de greves por melhores condições de trabalho e melhores salários recebem o apoio de movimentos estudantis, sendo reprimidas na América Latina pelas ditaduras militares, o que no Brasil correspondeu ao período de 1964 a 1984. Os estudos do lazer não fizeram referência a esses conflitos, mantendo o caráter apolítico necessário para suas publicações e a disseminação de preceitos morais e normas de conduta da burguesia em meio aos embates entre conservadores e modernos.



Os “Anos Dourados” também foram tema de uma minissérie brasileira, escrita por Gilberto Braga e produzida pela Rede Globo. Foi exibida pela primeira vez em 1986. Além do ótimo texto e interpretação, a minissérie mostra o ambiente da sociedade carioca com fidelidade à época, e mistura na trama romance, aventura e aspectos político-sociais que levam a reflexões interessantes. Vale a pena conferir a minissérie em DVD, lançado em 2006, pela Editora Globo. Uma boa dica para o final de semana!



## Atividade

### Atende ao Objetivo 1

1. Analise o contexto histórico no qual se desenvolvem as primeiras preocupações sobre o lazer no Brasil e responda: como você justifica a expressão dos estudos sobre o lazer ter se manifestado no Brasil somente a partir da década de 1950 (Anos Dourados) em comparação aos antecedentes europeus?

[illegible]

---

### **Resposta Comentada**

*Na resposta deve-se refletir sobre o cenário internacional e suas influências no ambiente de industrialização e de organização política e sobre o cenário dos centros urbanos no Brasil, destacando-se os aspectos que representaram preocupação para os governantes e para a burguesia, até que encontraram no lazer a solução para a defesa de seus objetivos. A industrialização brasileira foi tardia em relação aos antecedentes europeus e, com ela, todo o desenvolvimento dos centros urbanos e das questões sociais relacionadas ao mundo do trabalho nas cidades, refletindo na relevância dos estudos do lazer. Inicialmente questões relacionadas à saúde e ao sanitarismo no espaço urbano, seguidas da preocupação com a ocupação dos menores em relação à violência e ao aumento da pobreza e da conquista de direitos para os trabalhadores deram impulso ao aprofundamento dos estudos do lazer em âmbito político e empresarial, tendo, assim, o Sesc como instituição pioneira nas pesquisas no Brasil, contando com a experiência de Dumazedier.*

De acordo com Peixoto (2006), podemos destacar entre as publicações deste período:

- os trabalhos do professor Frederico Guilherme Gaelzer sobre a *Recreação Pública* (1951 e 1952);
- as publicações resultantes da experiência de Arnaldo Sussekind (1950), que participou da comissão para a elaboração da Consolidação das Leis do Trabalho nomeada por Getúlio Vargas, e dirigiu o Serviço de Recreação Operária do ministério do Trabalho, assumindo posteriormente o cargo de ministro do Trabalho no período de 1964 a 1965. São elas:
  - SUSSEKIND, A. *Trabalho e recreação: fundamentos, organização e realizações do Serviço de Recreação Operária*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho Indústria e Comércio, 1946.
  - SUSSEKIND, A. *Recreação operária*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1948.
  - SUSSEKIND, A. *Duração do trabalho e repousos remunerados*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, S.A., 1950.

- SUSSEKIND, Arnaldo; MARINHO, Inezil Penna; GÓES, Oswaldo. *Manual de recreação: orientação dos lazes do trabalhador*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1952.
- os estudos sobre recreação infantil, de Elisa Velloso (1952).
- os trabalhos de Dante Costa (1947, 1953), relacionados a parques infantis, infância e recreação.
- o trabalho de Ruth Gouvêa, publicado pelo Inep sobre jogos infantis (1955).
- Inezil Marinho e o seu *Curso de fundamentos e técnicas de recreação* (1955) e *Educação física, recreação e jogos*, em 1957.
- Ethel Bauzer Medeiros, especialista em áreas de recreação pública, que elaborou o projeto de recreação no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, informalmente inaugurado em 1965, com a ideia de criar um “parque vivo”. Para atingir tal objetivo, pediu aos membros do grupo de trabalho que definissem espaços específicos para crianças, adolescentes, adultos e idosos. Sugeriu também que se evitasse sobrecarregar o espaço do parque com equipamentos. Buscou a criação de muitas áreas sem atividades predefinidas, para que os usuários, especialmente as crianças, pudessem sentir-se livres. Entre as suas publicações encontramos o *Plano de um manual de recreação elementar* (1954), *A importância e a necessidade da recreação* (1957), *Recreação e parques públicos* (1959) e alguns catálogos contendo acervos de jogos (1958).
- o *Manual de recreação*, de N. Pithan e Silva (1959).
- o trabalho do baiano José Acácio Ferreira, *O lazer operário: um estudo de organização social das cidades*, publicado em 1959 (PEIXOTO, 2006).

Em *O lazer operário* (1959), José Acácio Ferreira aborda os trabalhadores assalariados, no município de Salvador, Bahia, através de uma pesquisa empírica, na qual entrevistou 205 famílias,

totalizando 597 trabalhadores que recebiam em média um salário mínimo. A obra é dividida em três partes principais: “importância e significado do lazer”; “lazer, industrialização e subdesenvolvimento” e “lazer operário”, com destaque final para a importância da participação mais ativa dos empregados nas atividades de lazer.

Dentre os resultados da pesquisa, observa-se entre os operários o aparecimento do jogo de dominó e do candomblé como atividades de lazer. O primeiro, jogado apenas por homens, alcança no quadro de frequência a porcentagem de 32,6%, estando acima do cinema e da dança. A outra atividade (“assistir bater candomblé”) era comum nas classes mais baixas da população (18,76%). No entanto, segundo o autor,

É importante advertir que esta frequência não significa crença, nem participação ativa. Do que podemos colher, ficou-nos a impressão de que a maioria vai para entreter-se, ver as danças e comer as iguarias dos santos (FERREIRA, 1959).

Renato Requixa, autor de *O lazer no Brasil* (São Paulo: Brasiliense, 1977), ressalta em sua publicação a importância dessa obra de José Acácio Ferreira, citando que o autor:

Insiste em que haverá para o indivíduo benefício de natureza pessoal, bem como uma importante contribuição à coletividade, pela forma compensatória do lazer, aliviando as tensões sociais próprias dos tempos modernos. Trata-se de obra do mais vivo interesse, não apenas histórico, mas documental e referencial, para todos aqueles que se dediquem ao estudo da temática do lazer no Brasil, especialmente pela feição científica, seriedade e proficiência do trabalho (REQUIXA, 1977).

Posteriormente à publicação dessa pesquisa de José Acácio Ferreira sobre o lazer operário em 1959, dois fatos são relevantes para a evolução do estudo do lazer:

- Primeiramente, destaca-se a palestra do sociólogo José Vicente de Freitas Marcondes, da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, realizada em 1966 em Recife, intitulada Trabalho e Lazer no Trópico. Marcondes ressalta



a importância do lazer no processo de desenvolvimento da sociedade, tratando do tema associado a diversos níveis de trabalho (doméstico, escravo, indígena, industrial etc.). Sua palestra estimulou a criação, em 1970, do curso de Pós-Graduação sobre Sociologia do Lazer e do Trabalho, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, sob sua coordenação (REQUIXA, 1977).

- O segundo fato é a publicação, em 1968, do livro *Lazer e cultura*, por João Camilo de Oliveira. A obra, de caráter teórico, caracteriza a cultura de massa e, segundo Requixa (1977), está dividida em duas partes principais: na primeira, de sentido mais histórico, estabelece as relações entre o ócio e o negócio e as maneiras pelas quais os homens levaram em consideração essas relações. Na segunda, estuda alguns problemas ligados ao lazer, a partir do seu entendimento como uma verdadeira revolução, originária da própria evolução da vida humana (GOMES, 2004).

## **A influência de Dumazedier nos estudos do lazer no Brasil**

Em termos gerais, a literatura científica nacional foi influenciada por questões internacionais e, principalmente, pela presença de Dumazedier em seminários internos promovidos pelo Serviço Social do Comércio em São Paulo e em diversas localidades por outras instituições. Dumazedier veio várias vezes ao país, no período de 1961 a 1963, a convite da Universidade de Brasília, do Movimento de Cultura Popular da cidade de Recife e das autoridades eclesiásticas de Pernambuco.

Vejamos algumas considerações semelhantes entre a visão de Dumazedier e dos estudiosos do lazer no Brasil:

O sociólogo Renato Requixa define o lazer como uma “ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social” (Requixa apud Marcellino, 2000, p. 25).

Em suas definições, Dumazedier e Requixa colocam, ao mesmo tempo, o que entendem por funções do lazer: o descanso, tanto físico quanto mental; o divertimento, como superação da monotonia cotidiana exercida pelas tarefas obrigatórias; e o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade. É importante verificarmos que ambos distinguem lazer de ócio – uma vez que entendem o lazer como ocupação; deixam clara a noção de tempo, mais especificada no conceito de Dumazedier, não se restringindo à consideração de tempo e atividade pura e simplesmente, mas especificando-os em termos de valores, como opostos ao trabalho e às outras esferas de obrigações.

Para Luiz Octávio Camargo (1986), o lazer é:

(...) conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos, realizadas num tempo livre, roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico e que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos (CAMARGO, 1986, p. 97).

Camargo reforça a característica de as atividades de lazer serem voluntárias, gratuitas – no sentido de não remuneradas e desvinculadas do trabalho profissional ou doméstico, apontando um elemento importante ao afirmar que o lazer é uma conquista vinculada à jornada de trabalho/tempo livre.

Já Nelson Carvalho Marcellino (1987) define lazer como sendo:

(...) a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. É fundamental, como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de ocupação pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 1987, p. 33).

Em sua definição, Marcellino amplia a concepção do lazer como cultura e reforça o caráter “desinteressado”, ou melhor, desobrigado ou livre do lazer, em busca da satisfação durante o tempo disponível. Sua definição enfatizará mais tarde a importância de uma ação e de uma política voltadas para a produção e difusão do lazer como uma prática social extensiva para além das minorias privilegiadas.

Para os estudiosos Dumazedier (2001) e Marcellino (2000), todas as atividades em que prevalecem o movimento ou o exercício físico, incluindo as diversas modalidades esportivas, constituem a classificação do lazer físico. Dumazedier enquadra também as viagens nos lazeres físicos, pois, segundo o autor, requerem esforço físico (SENFFT, 2004).



## Atividade

### Atende ao Objetivo 3

2. Analise e destaque as influências do pensamento de Joffre Dumazedier nos conceitos de lazer elaborados por Renato Requiya, Luiz Octávio Camargo e Marcellino e elabore a sua definição para lazer.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper has a slight shadow on its right side, suggesting it's resting on a surface.

---

---

---

### **Resposta Comentada**

*De modo geral, as funções do lazer identificadas como “os 3`D’s” de Dumazedier se manifestam entre os estudiosos do lazer no Brasil, cada um agregando interpretações pessoais sobre o conceito deste autor. Requixa destaca a função compensatória do lazer para a recuperação psicossomática dos indivíduos frente ao cotidiano; Camargo aponta um elemento importante quando afirma que o lazer é uma conquista vinculada à jornada de trabalho/tempo livre. Já Marcellino amplia a definição do lazer como uma cultura produzida ou fruída em busca da satisfação pessoal, que tenderá, para o autor, a ser um direito de todos. O lazer pode ser entendido como as ocasiões em que os indivíduos se dedicam a atividades não obrigatórias em busca de sua satisfação pessoal através do descanso, da diversão ou de práticas que lhe proporcionem desenvolvimento pessoal ou social.*

## **O seminário sobre o lazer: perspectivas para uma cidade que trabalha**

Com o propósito de discutir a temática do lazer no Brasil junto a pesquisadores e estudiosos do assunto, o Sesc de São Paulo e a Secretaria de Bem-Estar do município promovem o Seminário sobre o lazer: perspectivas para uma cidade que trabalha, realizado entre os dias 27 e 30 de outubro de 1969.

Esse seminário confirmava a proposição do lazer como produto do processo de desenvolvimento industrial. Segundo Requixa (1997):

(...) é na cidade de São Paulo, a mais industrializada cidade do país, onde o aspecto trabalho apresenta íntima conexão com a própria vida da cidade, que o lazer como tema haveria de impor-se, como aconteceu, com significativa importância. Assim, o lazer, como problema geral, emerge à consciência social brasileira nesse momento, e vai adquirindo progressiva importância social e política no país (REQUIXA, 1997).

Renato Requixa salientou na conferência de abertura do seminário um breve panorama histórico e a importância do lazer no mundo contemporâneo, analisou a validade dos estudos do lazer nos países em desenvolvimento, examinando sua conceituação, as características das atividades e suas funções, conforme a linha de pesquisa de Dumazedier. Propôs algumas possibilidades, decorrentes da sua experiência profissional no Sesc, ressaltando a educação através do lazer e a necessidade da educação para o lazer.

Cerca de 250 pessoas participaram deste seminário, estruturado em três painéis e seis grupos de estudos. Os painéis tiveram como temas: “As necessidades de lazer na cidade de São Paulo”; “O planejamento de áreas verdes e de recreação” e “Formação e treinamento de pessoal para programas de lazer”. Já os grupos de estudos debateram questões relativas ao lazer da criança, do adolescente, do adulto e da terceira idade, além dos movimentos culturais e da participação dos bairros na promoção do lazer municipal.

Além de ampla repercussão entre os diferentes profissionais associados ao lazer, o evento representou uma “afrenta” à corrente teórica contrária à existência de estudos e pesquisas sobre o tema, cujo embate da problemática no Brasil refletia, em parte, as tendências internacionais.

Luiz Octávio de Lima Camargo, favorável à linha de pesquisa de Dumazedier, tendo este sido seu orientador durante seu doutorado na Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Sorbonne-Paris V, vislumbra a correlação do lazer com o contexto histórico brasileiro, por meio da apresentação de argumentos sob dois “lados”:

- Do lado favorável ao tema estavam o Sesc e os representantes minoritários de alguns setores públicos, sobretudo urbanistas, que não se conformavam com a morte do centro histórico e a degradação dos espaços urbanos. Também estavam professores de educação física e recreadores escolares, que se sentiam marginalizados em face da tônica dominante na escola. Os argumentos

favoráveis eram bastante tímidos e remetiam a algumas das preocupações exibidas cem anos antes por Lafargue: Como viver apenas de trabalho? Como descansar, se não há lazer? Como lidar com populações carentes, a não ser através de atividades lúdicas?

- De outro lado, contrários ao tema estavam os empresários, os “donos” do trabalho, a parcela majoritária dos assistentes sociais e outros profissionais que se dedicavam ao cuidado das populações carentes em parceria inusitada com a sociologia estabelecida, sobretudo da USP e da PUC. Os argumentos contrários não eram nada tímidos e estavam associados a questões dogmáticas na época, tais como:
  - O lazer era considerado um tema que desviava a atenção diante dos graves problemas da nossa sociedade de então, como a tortura de opositores ao regime, a fome, o desemprego etc.
  - Dizia-se que as pessoas tinham preocupações mais importantes do que o lazer. Utilizavam a recente teoria das necessidades básicas de Maslow, concluindo que o lazer seria supérfluo, pois não estava relacionado entre as necessidades básicas humanas.
  - A terceira objeção era mais sutil e dizia respeito à chamada “cultura da pobreza”. De que adiantava falar em lazer para populações que mostravam pouca disposição até mesmo para se divertir? O lazer combina com uma cultura da pobreza? Este argumento está baseado em uma pesquisa do antropólogo americano Oscar Lewis junto a uma família de favelados da cidade do México, publicada no livro *Os filhos de Sanchez*. Nele a noção de cultura da pobreza descrevia uma síndrome que associava, em populações pobres, baixa capacidade de iniciativa e baixa autoestima a conformismo e descrença na existência. A pobreza, mais do que carência de bens materiais, seria o caldo e o fermento dessa cultura (CAMARGO, 2003).

As reações negativas ao seminário eram ditadas pela ótica de Requixa (1977):

(...) ou por idéias preconceituosas inconsistentes contra um consumo de tempo introjetado como hedonista e, portanto, ofensivo a um tipo de moral mais puritana voltada para a valorização do trabalho; ou por posições conscientemente assumidas contra algo que parece contrariar dois valores fundamentais – a cultura e o trabalho; ou por desconhecimento da própria funcionalidade do lazer, o que certamente faria superar muitos preconceitos relativos a uma pretensa inutilidade ou futilidade do lazer; ou, finalmente, por ignorância de um fato social emergente no mundo moderno e que se vem afirmando cada vez mais, independentemente de ideologias ou de estágios de desenvolvimento, e que é um novo humanismo, essencialmente valorizador da importância de satisfação de necessidades humanas de expressão de si mesma, e que encontram abrigo na prática de atividades de lazer.

Camargo (2003) cita o pensamento de Requixa e contextualiza tais divergências teóricas, considerando que as sociedades urbanas apresentavam três estágios em relação à compreensão sobre a temática do lazer:

- Num primeiro momento, negam a questão, através de diferentes argumentos.
- Num segundo, o tema do lazer “é percebido como importante em face do seu potencial terapêutico em relação a outras problemáticas urbanas, ou seja, dentro de um sentido instrumental”.
- E apenas num terceiro momento, “percebe-se que o lazer é importante em si mesmo”.

Esses estágios, do ponto de vista sociológico, refletem o processo de urbanização e de industrialização de todas as sociedades capitalistas que, competitivas, desenvolverão os padrões e estratégias para a qualidade total com a otimização de recursos (GOMES, 2004).

Ao avaliar o Seminário sobre o lazer: perspectivas para uma cidade que trabalha, Requixa (1977) destaca como principais resultados positivos do evento:

- A valorização profissional, pessoal e social do grande número de pessoas que trabalhavam como profissionais ou como voluntários em obras sociais, que passaram a sentir a importância do trabalho que realizavam no campo do lazer.
- O conhecimento recíproco de diversas obras sociais e consequentemente troca de experiências.
- A promoção do tema lazer junto ao grande público, através da imprensa, que apresentou farto noticiário a respeito dos assuntos tratados.
- Chamou-se a atenção dos próprios trabalhadores sociais para uma nova forma de trabalho social, através das atividades de lazer, com todas as suas possibilidades insuspeitadas.
- A ampliação da concepção do lazer concernente a todas as faixas etárias, não se confundindo apenas com atividades infantis.
- Os desdobramentos, despertando o interesse de outras regiões brasileiras para a realização de novos seminários sobre o lazer.
- Na Secretaria do Bem-Estar Social da Prefeitura de São Paulo, imediatamente após o seminário realizaram-se treinamentos intensivos para voluntários em programas de lazer.
- A partir do seminário, houve maior compreensão relativa às programações de lazer do Sesc e mais predisposição comunitária para a colaboração com tais programações.
- Profissionais e voluntários das programações do Sesc, que participaram do seminário, sentiram-se mais encorajados para novas experiências práticas, como as “manhãs, tardes e noites de recreio”.
- A própria palavra “lazer” passou a fazer parte do vocabulário de profissionais da área do social e integrou-se, com destaque, no vocabulário da imprensa (GOMES, 2004).



## O lazer empresarial

A compreensão do novo papel social das empresas, com base na competência e na qualidade, requer a adoção de técnicas para o desenvolvimento de todas as potencialidades do trabalhador. Muitas empresas estão percebendo a adequação do lazer para o desenvolvimento da comunicação, da sociabilidade, da vivência em grupo, entre tantos outros benefícios do lazer empresarial, que pode ser considerado uma estratégia para o desenvolvimento informal de recursos humanos (MARCELLINO, 1995).

O Sesc foi pioneiro no Brasil, tanto nos estudos quanto na oferta de programas de lazer para os trabalhadores do setor de serviços e seus familiares. Estimula o lazer como parte de um conjunto de medidas para a melhoria da qualidade de vida.

Os trabalhadores da indústria passaram a ter esses programas através do Sesi, que possui hoje a maior estrutura de lazer empresarial do país e constituiu-se referência em lazer para a América Latina. Pioneiro em atividades de lazer no ambiente de trabalho, há mais de dez anos incentiva programas de lazer nas indústrias. Os programas consistem em diversas atividades esportivas e socioculturais.

O Sesi estimula as empresas a oferecer programas de lazer no próprio ambiente de trabalho, em razão da potencialidade dessas atividades na geração de benefícios como: manutenção da saúde ocupacional e prevenção do estresse, melhoria do rendimento funcional, redução do número de acidentes de trabalho, diminuição dos gastos com despesas médicas, melhoria das relações humanas e de trabalho e aumento da produtividade, desenvolvendo, ainda, a criatividade e contribuindo para a criação de um ambiente laboral harmonioso e participativo (AGUIAR, 2000).

Assim, verificamos no Brasil a inserção e evolução do lazer como tema transversal de relevância nos debates e estratégias relacionados ao planejamento urbano, aos programas de assistência social e, sobretudo, no campo empresarial, recurso este que promove a qualidade total não só para os produtos e serviços,

mas também para a vida pessoal e profissional dos trabalhadores. Esse entendimento proporcionará o aprofundamento das pesquisas e a inclusão dos princípios da sociologia do lazer em diferentes áreas do conhecimento, tais como saúde, educação, turismo, administração e urbanismo.



## Atividade Final

### Atende aos Objetivos 2 e 3

Identifique o contexto e a finalidade da criação do Sesc e a sua importância para o desenvolvimento dos estudos do lazer e de implantação do lazer empresarial nos dias atuais.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### **Resposta Comentada**

*A criação do Sesc ocorreu em um momento paralelo à Constituição de 1946 e em meio a conflitos nacionais e internacionais estabelecidos entre a defesa dos interesses do capitalismo e as lutas de classes, particularmente a dos trabalhadores. Como associação empresarial pioneira, no Sesc destacam-se os primeiros pesquisadores do lazer no Brasil sob influência direta de Dumazedier, que buscavam refletir sobre a realidade brasileira, antecipando-se a questões já vivenciadas pelos países mais desenvolvidos àquela época. O Sesc promoveu os principais encontros e publicações para o aprofundamento dos estudos do lazer. Levou à compreensão e aplicação do conceito do lazer empresarial, visando não só ao aumento da produtividade, mas também à qualidade de vida do trabalhador.*

## **Resumo**

Verificamos nesta análise inicial sobre o contexto histórico no qual se desenvolvem os estudos do lazer no Brasil que:

- O lazer se caracteriza como um “problema” no século XX, à medida em que emerge dos reflexos dos processos de industrialização e de migração para os centros urbanos. Isso fragiliza a infraestrutura urbana de saneamento, moradias, transportes etc., bem como a estrutura social quanto à oferta de sistemas de educação, saúde, cultura.
- “O problema do lazer” surge como fenômeno da modernidade, sofrendo influências do cenário internacional. É tratado no Brasil por duas frentes: como meio de educação não formal para os menores e como estratégia de conformação da classe operária aos interesses do capital defendidos pela burguesia, mostrando-se vital para amenizar as tensões entre os interesses dos donos dos meios de produção e os trabalhadores que lutavam por melhores salários e condições de trabalho.
- As primeiras publicações sobre lazer se concentram em temas como receitas de jogos e recreação em âmbito pedagógico. Evoluem na medida em que o tema se amplia para áreas de interesse público, relacionadas às experiências de órgãos públicos e privados voltados a atender os preceitos da Constituição de 1946.
- A criação do Sesc impulsiona os debates sobre o lazer, que têm como referência a produção de Joffre Dumazedier, influenciando a concepção de lazer entre os primeiros estudiosos no Brasil. Particularmente a partir do Seminário sobre o lazer: perspectivas para uma cidade que trabalha, realizado no ano de 1969, em São Paulo.

## **Informação sobre a próxima aula**

Na próxima aula, iremos abordar as bases da cientificidade do lazer no Brasil através dos eventos, teóricos, pesquisas e grupos de pesquisa desenvolvidos pelas instituições de educação superior no Brasil. Informação sobre a próxima aula

## Leituras recomendadas

BRÊTAS, Ângela. Trabalho e recreação: uma visão panorâmica dos fundamentos, da organização e das realizações do Serviço de Recreação Operária (1943-1945). *Revista Esboços* v. 13, n. 16, 2006, disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/131/182>>. Acesso em: 31 ago. 2010.

PEIXOTO, Elza M. de M. *Primeiro ciclo dos estudos do lazer no Brasil: contexto histórico, temáticas e problemáticas*. 2006. Disponível em: <[www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada8/txt\\_compl/Elza%20Peixoto.doc](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada8/txt_compl/Elza%20Peixoto.doc)>. Acesso em: 31 ago. 2010.

# 8

## O lazer como objeto de estudo no Brasil – Parte II – Bases científicas e consolidação das pesquisas em lazer no Brasil

*Cristina Marques Gomes / Simone Dantas*

### Meta da aula

Apresentar as bases científicas e a consolidação das pesquisas em lazer no Brasil, seus principais pesquisadores, núcleos de pesquisa e eventos contemporâneos.

### Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 identificar os principais grupos de pesquisa e áreas temáticas, seus pesquisadores, publicações e eventos da área na atualidade;
- 2 identificar os principais periódicos e revistas científicas sobre lazer;
- 3 analisar alguns grupos que desenvolveram projetos de extensão universitária, relacionados ao lazer de comunidades carentes, como é o caso do Núcleo de Estudo e Apoio à Recreação Comunitária (NEARC), da UFSM.

## **Introdução**

Para compreender esta aula, você deverá ter assimilado os precedentes aos conhecimentos do lazer como objeto de estudo no Brasil. As experiências e os estudos iniciais, dos quais tratamos na aula anterior, evoluíram para bases científicas através da formação de grupos de pesquisa criados em diferentes áreas do conhecimento nas instituições de ensino superior do país. A metodologia para as pesquisas foi desenvolvida sob novos conceitos, cada vez mais adequados à realidade da sociedade brasileira, ultrapassando em muito as questões iniciais que relacionavam o *problema do lazer* às tensões entre os trabalhadores e os meios de produção. Além do lazer empresarial, amadurecem as perspectivas do lazer nos espaços públicos, na natureza, através das viagens e do desenvolvimento da atividade e do fenômeno turístico, além das perspectivas sobre a indústria do entretenimento emergente.

Iremos abordar nesta aula uma série de iniciativas, teóricos, pesquisas e eventos que contribuíram, sobremaneira, para a formação das bases científicas do lazer no Brasil até a consolidação das pesquisas nos dias atuais.

## **Bases científicas do lazer**

As diretrizes de ações do Sesc em relação ao lazer se intensificaram a partir da realização, no mesmo ano, do Seminário, em São Paulo (1969), da *IV Convenção Nacional de Técnicos* da instituição no município de Petrópolis (RJ). Em 1970 uma série de encontros foi realizada, dentre eles: o segundo *Seminário de Estudos sobre o Lazer*, em junho, na cidade de Campinas (SP). A palestra *Lazer e Desenvolvimento*, da Secretaria dos Serviços Sociais em Brasília (DF). O *Seminário sobre Lazer*, patrocinado pela Secretaria da Promoção Social do Estado de São Paulo, em São José dos Campos (SP). O *Seminário sobre Lazer*, em novembro, no Estado da Guanabara (hoje Rio de Janeiro), com o apoio do

Sesc. Além desses eventos, Freitas Marcondes publica o artigo “Trabalho, Lazer e Educação” na revista *Problemas Brasileiros* no mesmo ano (REQUIXA, 1977, p. 98).

São estudos importantes deste período:

- a pesquisa de *orçamento-tempo*, do sociólogo Amauri de Souza, da UERJ;
- a pesquisa *Práticas e aspirações culturais no tempo livre da população de uma cidade média*, realizada pelo Sesc em Americana (SP), sob coordenação de Luiz Octávio de Lima Camargo, que pretendia estabelecer uma base de estudos comparados com a pesquisa desenvolvida por Dumazedier em Annecy;
- a pesquisa *Práticas de fim de semana da população do Estado da Guanabara*, dirigida pelo sociólogo Carlos Alberto Medina, do extinto Centro Latino-Americano de Pesquisa Social – Celapes (CAMARGO, 2003).

O Sesc organiza um grupo de estudos e pesquisas denominado *Centro de Estudos do Lazer* (Celazer), que a partir de 1970 contou com a orientação de Dumazedier. A instituição promove a publicação de diversas obras na área que contribuem diretamente para o registro do “pensamento” sobre o lazer na literatura nacional.

Renato Requiça dá sequência à sua produção, ampliando os temas de abrangência do lazer. Em 1971, publica dois artigos na revista *Problemas Brasileiros*, tendo como tema *Esporte, atividade de lazer* e *Conceito de lazer*. Em 1973, pelo Sesc, publica *Lazer e ação comunitária*; e em 1974, *Lazer na grande cidade, Espaços urbanizados* e o livro *As dimensões do lazer*. Neste último, o autor inicia seu discurso com a relação de interdependência entre o trabalho e o lazer, contextualizando o desenvolvimento histórico e conceitual de ambos. São discutidas questões relativas ao processo de industrialização, urbanização e a consequente expansão do tempo livre dos trabalhadores. Em outro momento, apresenta o assunto pela ótica dos países em desenvolvimento, apontando algumas funções do lazer, como a educativa, que vem associada à importância deste no mundo contemporâneo.

### Segundo Requixa (1974),

As concepções a respeito do lazer são relativamente recentes e as condições históricas que as criaram são fatos novos no mundo contemporâneo. O tempo livre e sua ampliação constante fez irromper uma importante revolução social, cujo processo se inicia, oferecendo um campo novo e disponível para a reflexão sociológica. Se é a *civilização do lazer* que se vem impondo, é de inferir-se a importância crescente de estudos e pesquisas sobre o tema. O lazer, dessa forma, passa a ser importante objeto de conhecimento entre os interessados em assuntos de natureza social.

Requixa destaca dois conceitos de lazer como sendo mais importantes para os estudos da área: o de Joffre Dumazedier em sua obra *Vers une civilization du loisir?*, publicada originalmente em 1972, e o de Normas P. Miller e Duane M. Robinson, no trabalho intitulado *Le nouvel age des loisirs* e citado por Requixa em *As dimensões do lazer* em 1974. Para Dumazedier, como já vimos, o lazer é:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2004, p. 34).

Para Normas P. Miller e Duane M. Robinson, o lazer é:

Um conjunto de valores de desenvolvimento e enriquecimento pessoais alcançados pelo indivíduo, utilizando o tempo de lazer, graças a uma escolha pessoal de atividades que o distraiam (REQUIXA, 1974 apud MARQUES, 2004).

Ao comparar tais conceitos, Requixa considera o de Dumazedier mais completo por referir-se a um conjunto de ocupações, de atividades para desenvolver-se e não apenas um conjunto de valores. Embora a referência aos valores do lazer, proposta por Miller e Robinson, seja importante para a compreensão de seu



conceito, Dumazedier é mais explícito ao referir-se a um conjunto de atividades, sendo os valores de desenvolvimento e enriquecimento pessoal uma essência em ambos os conceitos.

Assim, Requiça compõe seu próprio conceito de lazer como sendo “uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social” (REQUIXA, 1974), a partir da análise de cada um dos elementos que compõem os conceitos anteriores: a distinção entre lazer e ócio; o lazer como ocupação não obrigatória, o elemento livre escolha da atividade, o entendimento dos valores do lazer (valores institucionalizados, de ideias e coisificados); os elementos de recuperação psicossomática, desenvolvimento pessoal e social alcançáveis através da prática do lazer (REQUIXA, 1974).

Paralelamente a estes trabalhos desenvolvidos por Requiça no *Centro de Estudos do Lazer* (Celazer) do Sesc, no ambiente acadêmico, uma reunião entre os reitores das universidades brasileiras é realizada em Fortaleza (CE) no ano de 1972, com o objetivo de discutir aspectos do lazer e sua inserção nos programas de *extensão universitária*.



### **O que é extensão universitária?**

A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade.

A extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da *praxis* de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes terão um aprendizado que, submetido a reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento.

Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade.

Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social.

O sociólogo Gilberto Freyre, em seu livro *Além do apenas moderno*, publicado em 1973, reúne conferências realizadas na Universidade de Brasília no ano de 1966, reunidas em catorze ensaios com conceitos sobre pós-modernidade, interdisciplinaridade e organização do lazer, sendo um deles intitulado “Aspectos de relações atuais entre trabalho e lazer que se projetam para o futuro”.

Em 1973, na cidade de Porto Alegre, foi criado o *Centro de Estudos de Lazer e Recreação* (Celar), na PUC-RS, em parceria com a Prefeitura Municipal para inicialmente atender à demanda de recursos humanos especializados na área para atuarem nos “Centros de Comunidade” do município. A proposta da Universidade era a criação de uma faculdade ou escola de lazer, para tanto, o reitor nomeou um grupo de trabalho, que veio a desenvolver o referido Centro de Estudos (TOTTA, 1975).

Em setembro de 1975, Dumazedier ministra um curso no Celar, para graduandos e professores universitários, sobre o tema *Teoria do Lazer*. O discurso do pesquisador foi transcrito e publicado com o título *Questionamento Teórico do Lazer*, sob coordenação de Lúcia Castillo.

O livro é composto de cinco partes e inicia-se com o item “questionamentos teóricos”, no qual o autor discursa sobre:

O que é um questionamento teórico? O que é a teoria numa sociologia da educação e, de maneira geral, nas ciências do lazer? Por que o questionamento teórico me parece mais importante do que a teoria? (...) Porque acredito que é o melhor meio para que a teoria seja associada à prática. É o melhor meio para que as questões da prática conduzam às respostas teóricas. É o melhor meio para que as respostas teóricas conduzam ao questionamento da prática. Porque o questionamento da teoria é a melhor maneira de evitar a abstração (DUMAZEDIER, 1975 apud GOMES, 2004).

Para o autor, havia uma teoria mais geral do que a teoria do *lazer* – a “Teoria da Decisão”, que articulava três tipos de pensamento: o pensamento axiológico; o pensamento teleológico instrumental; o pensamento probabilístico. O primeiro responde

à pergunta: Por que é preciso fazer isto? Em nome de que valores, de que filosofia, de que concepção do mundo? O segundo é o pensamento das finalidades e dos meios: Quais são os objetivos da recreação? Quais são os métodos ou os meios para realizar estes objetivos? E o último responde à questão: Qual é, provavelmente, a situação em que eu ajo e que age sobre mim e quais são os resultados prováveis que poderei obter?

Em outras palavras, o pensamento axiológico é o pensamento do que é desejável; o pensamento teleológico instrumental é o pensamento do que é possível; e o pensamento probabilístico é o pensamento do que é provável, antes e depois da intervenção, isto é, o pensamento probabilístico examina as necessidades prováveis a satisfazer e quais os resultados prováveis a obter (DUMAZEDIER, 1975 apud GOMES, 2004).

A segunda parte do relato de Dumazedier é sobre os “fundamentos histórico-sociológicos do lazer”, englobando a dinâmica técnico-econômica, social e cultural da produção do lazer, passando também pela transformação do tempo liberado. O terceiro capítulo versa sobre os “fundamentos axiológicos do lazer”. No início deste texto, o autor caracteriza a estrutura de “preconceitos” existentes em relação ao lazer:

O que conta é o esforço, o trabalho, para não ser parasita, para não desperdiçar o dinheiro, para economizá-lo. Por muito tempo, o lazer, em certos meios católicos, foi considerado como uma fonte de desperdício, por oposição ao valor da economia (GOMES, 2004).

Dumazedier (1975) exemplifica ainda que se podem encontrar as mesmas resistências por parte da ética marxista, dividida em duas correntes: aquela que dá importância maior ao trabalho produtor das relações sociais e meio privilegiado de formar o homem; e a outra, que acentua mais o tempo fora do trabalho como um produto do progresso do próprio trabalho, como o direito “à preguiça”. Mas existe um pensamento que é

frequentemente retomado por defensores do lazer na filosofia do trabalho: “O trabalho é o império da necessidade; é fora dele que começa a liberdade”. Este texto de Marx está em *O Capital* e foi depois retomado por Lafargue, que toma o exemplo de Deus. Para ele, um materialista, Deus era o próprio modelo da preguiça ideal: “Jeová, este Deus barbudo e carrancudo, dá a seus adoradores o supremo exemplo da preguiça ideal, depois de seis dias de trabalho repousou para a eternidade”.

Em Paris, quaisquer que sejam as escolas, a maior parte dos marxistas que conheço, como Pierre Naville, por exemplo, não aceitam dar importância ao lazer na vida. Vêem nisso possibilidade de evasão, de traição do trabalho. No entanto, apesar dessas resistências, existe um progresso de valores que eu chamaria de valores totalitários do trabalho, em todas as sociedades industriais avançadas ou em vias de desenvolvimento. Cada vez mais não se considera o lazer como um meio de melhor trabalhar, mas há uma tendência de inverter os valores. Para a maioria das pessoas que não têm um trabalho criativo e altamente responsável, o trabalho torna-se um meio de viver bem e, no viver bem, existe uma arte de viver o seu tempo livre: a arte do lazer. E isto é válido tanto em Moscou como em Paris, em São Paulo, como em New York (DUMAZEDIER, 1975, apud GOMES, 2004).

Ainda no terceiro capítulo, Dumazedier aborda os valores do trabalho profissional, do trabalho escolar, da religião, da política e do lazer. Na quarta parte, o tema tratado é o “sistema de intervenção sociocultural no lazer”, através de debates sobre a ideologia, os valores setoriais e os critérios de ação, analisando a significação, o conteúdo e a democratização das atividades de lazer (para quem são as atividades de lazer, e qual a justificativa deste sistema de intervenção, no equilíbrio social de uma cidade?). Em seguida, o pesquisador trata dos meios de concretização de uma política do lazer (com o quê realizar esta política do lazer e como essas reflexões sobre esse “com o quê” revelam uma das dimensões da teoria do lazer contemporâneo?) e de uma política

de animação cultural. Respondendo às perguntas dos participantes no curso, Dumazedier acrescenta, na última parte, alguns esclarecimentos sobre os temas abordados na época.

Outras iniciativas foram organizadas pelo Celar em parceria com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, com o objetivo de promover a educação para o lazer. Para tanto, a estrutura organizacional do grupo era composta por departamentos interligados de formação, difusão, pesquisa e administração. A equipe de formação era responsável por instrumentalizar profissionais para a área, sendo uma de suas realizações a criação de um *curso de Especialização em Lazer* (pós-graduação – *lato sensu*) em 1974.

Com relação às ações do Governo Federal, as primeiras iniciativas claras sobre o lazer surgem:

(...) por ocasião da criação da Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e Política Urbana – CNPU, em 5 de junho de 1974 (...) A estratégia deverá obedecer a diversas diretrizes, entre as quais chama a atenção a que trata do “disciplinamento da urbanização da orla marítima regional, em decorrência das atividades ligadas ao turismo e ao lazer, bem como a preservação das cidades históricas e o apoio às infraestruturas das estâncias hidrominerais”. Isto no caso da região Sudeste. Para a região Sul, “o disciplinamento do processo de urbanização das áreas litorâneas e interiorizadas, destinadas ao turismo e lazer” e para o Nordeste, “a ordenação da ocupação urbana da orla marítima com o objetivo de preservar o patrimônio paisagístico e a vocação da área para o turismo e o lazer” (REQUIXA, 1977, apud GOMES, 2004).

No ano de 1975, destaca-se também a obra *Lazer no planejamento urbano*, de Ethel Bauzer de Medeiros, que trata do problema da expansão do lazer na sociedade pós-industrial, abordando a importância do mesmo através dos “tempos” e refletindo sobre as máquinas, o lazer das massas, os novos estilos de vida etc. A autora apresenta a recreação organizada como uma das soluções para o planejamento urbano e, por fim, discute “o Parque do Flamengo: um milhão de metros quadrados para recreio”

No ano de 1975 também foi realizado, no Hotel Glória, o *I Encontro Nacional sobre o Lazer*, no Rio de Janeiro. Com a participação do Ministério do Trabalho, em conjunto com o Sesc e o SESI (que presta serviços de natureza social aos trabalhadores da indústria), contou com a presença de 800 congressistas, além da participação de Joffre Dumazedier, com as temáticas *Lazer nas sociedades em desenvolvimento* e *Lazer e formação socio-cultural*, e de Roger Lecoutre, que dissertou sobre *Van Clé Fondation e o Congresso Mundial do Lazer*. Os anais do evento foram publicados em setembro de 1977 pelo Sesc.

O encontro estruturou-se em um conjunto de conferências, painéis, “experiências”, em que os resultados práticos dos trabalhos realizados foram apresentados ao plenário através de uma explanação mais sucinta e explicativa e de vasto material audiovisual e em “círculos de estudo”, constituídos de 12 representantes escolhidos de acordo com a categoria profissional e experiência de trabalho no campo do lazer.

Deste evento destacam-se:

- as conferências “Tempo livre e liberdade” (Ernst Greiner); “Pedagogia do lazer” (Zilah Totta) e “Lazer e psicologia preventiva” (José Inácio de Sá Parente);
- painéis: “Recreação” (Ruth Gouvêa, Augusto Rodrigues e Gilda Maria Assumpção de Souza); “Esporte para todos” (Lamartine Pereira da Costa, Mirian Delamare, Marco Antônio de Moraes e Cleide Ramos); “O arquiteto e o lazer” (Renato B. Menescal; Marco Antônio Coelho e Luiz Eduardo Índio da Costa); “Feiras do lazer” (Domingos Barbosa da Rocha); “Experiência global do Sesc” (Edith Magalhães Motta, Sebastião Luis da Costa Barreto, Maria da Penha Saraiva e Antônio de Araújo Borges); “Iniciação esportiva como fator de educação – recreação, saúde e renovação” (Jacyra Magalhães de Araújo, Otto Reis e Silva e Otto Wey Netto);

- comunicação de experiências: “Programa Nacional de Centros Sociais Urbanos” (Marcos Vinícius Villaça); “Experiência da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro” (Myrthes Wenzel); “Experiência do Celar” (Zilah Totta); “A recreação pública em Porto Alegre” (Lenea Gaelzer); “Experiências das organizações sindicais” (Olavo Previati, Laureano Batista, Antônio Navas Martins e Luizant da Mata Roma) e “Experiência da Embratur” (Roberto Ferreira do Amaral).

Relacionando o *lazer* ao *turismo*, Roberto Ferreira do Amaral, em seu depoimento sobre a *Experiência da Embratur*, para quem o “turismo é uma forma de lazer e o lazer uma forma de turismo”, sugere, a partir do encontro, a criação de uma comissão permanente, composta inicialmente por representantes do Ministério do Trabalho, do Sesc e do Sesi. Essa comissão era encarregada de:

- coordenar o estudo e a elaboração das diretrizes para uma política de lazer;
- criar condições para a constituição de uma assessoria técnica, multidisciplinar, composta por sociólogos, assistentes sociais, economistas, recreadores, arquitetos, pedagogos etc. como elemento de apoio à comissão coordenadora;
- organizar um sistema de consultas que permita a participação de órgãos de classe, entidades, órgãos do governo etc. diretamente interessados na Política do Lazer, através de encontros regionais, reuniões, consultas, pesquisas e outras formas.



### **Embratur e Ministério do Turismo**

A Embratur – Empresa Brasileira de Turismo – foi criada em 18 de novembro de 1966, no Rio de Janeiro, pelo governo federal, tendo como principal objetivo fomentar a atividade turística, criando condições para a geração de emprego, renda e desenvolvimento em todo o país. A partir da criação do Ministério do Turismo no ano de 2003, a Embratur constituiu-se como Instituto Brasileiro de Turismo vinculado a esse ministério e teve sua atribuição direcionada exclusivamente para a promoção internacional do país, concentrando-se no marketing e no apoio a eventos e à comercialização dos produtos, serviços e destinos turísticos brasileiros no exterior. Dentre as atribuições do Ministério do Turismo estão:

- a Política Nacional de Desenvolvimento do Turismo;
- a promoção e divulgação do turismo nacional (no país e no exterior);
- o estímulo às iniciativas públicas e privadas;
- o planejamento, a coordenação, supervisão e a avaliação dos planos e programas de incentivo ao turismo.

Veja mais em: [www.turismo.gov.br](http://www.turismo.gov.br)

Além das obras citadas, Requixa escreve em 1977 o livro *O lazer no Brasil*. Este é composto de três partes, uma sobre “o elemento lúdico nas etnias formadoras da nacionalidade brasileira”, outra a respeito da “industrialização, urbanização e seus reflexos no mundo” e a última englobando as “formas contemporâneas de uso do tempo livre” (cinema, teatro, concertos, rádio, televisão, hábito de leitura, esporte, férias, fins de semana e turismo), “os equipamentos urbanos: algumas considerações sobre o poder público, as instituições privadas e o lazer”, a “feira de lazer – uma forma de lazer comunitário” e a “consciência social da importância do lazer”. Nesta última seção, o autor detalha a trajetória da produção científica do *lazer* no Brasil até aquele momento, referenciado nesta aula.



## Consolidação das pesquisas

Na década de 1980, o campo científico do lazer desenvolve-se significativamente, e a temática começou a ser mais quantitativamente analisada em diversas instâncias. Observa-se na década seguinte a intensificação dos eventos, das pesquisas e publicações, além da criação de diversos núcleos de pesquisa, vinculados às universidades brasileiras, que tratam de questões relativas ao lazer.

O *Núcleo de Estudos Socioculturais do Movimento Humano* (Nesc) foi criado em dezembro de 1988, na Escola de Educação Física e Esporte da USP e esteve durante quase dez anos sem funcionamento. Foi somente em 1998 que ocorreu a reformulação dos objetivos do núcleo, visando a sua consolidação. Atualmente agrega quatro docentes e sete linhas de pesquisa, contando também com a colaboração de um técnico educador da instituição.

Os objetivos gerais do grupo versam sobre: organizar, em forma de banco de dados, informação e conhecimento relativos às suas linhas de pesquisa; investigar e produzir conhecimento em Educação Física e Esporte com base nas ciências humanas; integrar ensino, pesquisa e extensão; promover o intercâmbio entre laboratórios e núcleos de pesquisa; e promover trabalho coletivo entre professores e alunos de graduação e pós-graduação. Dentre suas atividades de pesquisa está a linha *Estudos do Lazer e do Lúdico*, que desenvolve debates a respeito dos *Clássicos do Lazer*, trabalhando, também, na investigação das referências bibliográficas, relativas à metodologia de pesquisa, utilizadas nas dissertações de mestrado e teses de doutorado nas áreas do *lazer* e do *lúdico*. Paralelamente, organizam-se seminários com professores e pesquisadores que têm o lazer e o lúdico como tema de pesquisa, com o objetivo de conhecer as linhas de investigação e estabelecer relações de “troca e parceria”.

Em 1990 a UFMG, sob iniciativa da pesquisadora Leila Mirtes, viabiliza a criação de um núcleo de pesquisa voltado ao *lazer* e responsável pelo desenvolvimento de pesquisas de iniciação cien-

tífica, trabalhos de conclusão de graduação através da Escola de Educação Física. Cria também o curso de Especialização em Lazer da instituição, além de projetos editoriais que envolvem a publicação da revista *Licere*, periódico especializado na área e a organização do seminário *O Lazer em Debate*, evento científico realizado anualmente. O núcleo apresenta, ainda, as linhas de pesquisa *Lazer: Formação e atuação de profissionais* e *Lazer e cultura*.

O *Grupo de Pesquisa em Administração do Lazer e Entretenimento* (Gale), do Departamento de Estudos do Lazer da Faculdade de Educação Física da Unicamp, tem como líder o pesquisador Antonio Carlos Bramante e foi fundado em 1998. Segundo relatos do próprio núcleo, disponível no *site* <http://www.cnpq.org.br>, são três fases básicas que caracterizam o grupo:

- a primeira, de caráter mais exploratório, inicia-se em agosto de 1998, com palestrantes de renome na área do *lazer*, expondo através de seminários, temas de interesse para os envolvidos com o projeto, contando com 40 pessoas, em média, por reunião de vários estados do país;
- na segunda fase de estudos, organizou-se cinco subgrupos definidos por temas: recursos humanos (perfil, formação etc.); políticas de gestão (planejamento estratégico, recursos financeiros e marketing); políticas de parceria e alianças estratégicas (setor público, iniciativa privada e terceiro setor); espaço e meio ambiente (leis de diretrizes e animação específica) e expectativa de mercado futuro (necessidades existentes, papel dos “excluídos”, informática e equipamentos). Cada subgrupo ficou responsável por uma reunião sobre seu tema. Tais encontros tinham a participação de 20 a 30 pessoas;
- na terceira fase, parte-se para a pesquisa, em que é lançado o desafio para os integrantes elaborarem projetos que se interligassem com o objetivo geral do grupo: administração do lazer e entretenimento. Após seis reuniões, observou-se a imaturidade no que se refere à elaboração de projetos, principalmente na sua adequação ao objetivo ge-

ral do grupo; assim, parte-se para uma nova fase, em que o grupo passa a ter dois eixos: um de pesquisa, em que com um projeto inicial, procura-se levantar toda a produção do GALE e sistematizá-la de forma acadêmica. E outro eixo que visa a qualificação profissional, propondo-se um curso cujo tema básico é "Parques Temáticos".

Além deste, a Unicamp possui o *Grupo de Pesquisa Lazer e Cultura* (Glec), sob coordenação da professora Heloísa Turini Bruhns, e cuja linha de pesquisa são *Interrelações do lazer na sociedade*, com enfoque para aspectos relacionados ao meio ambiente, às atividades físicas de lazer na natureza e às relações do lazer e a juventude.

Destacam-se, ainda, no âmbito da Unicamp, os *Ciclos de Debates Lazer e Motricidade: Reflexões Contemporâneas sobre o Corpo e o Lazer*. Promovidos pela Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física, os encontros são realizados anualmente. A primeira edição, em outubro de 1999, reuniu estudantes e pesquisadores e contou com a participação dos professores Afrânio Mendes Catani, Denise Bernuzzi de Sant'Anna, Gustavo Luiz Gutierrez, Heloísa Turini Bruhns, José Guilherme C. Magnani, Marcos César Álvares, Margareth Rago e Ricardo Musse.

A intenção original, e que pode ser claramente percebida (...) é trazer contribuições de diferentes áreas de pensamento que possam auxiliar na reflexão sobre este tema, amplo e multidisciplinar, que surge nos dias de hoje como de fundamental importância para estudos (...). Permitirá avançar na reflexão sobre lazer e motricidade, com base numa visão acadêmica consistente que procura evitar reducionismos fáceis em benefício da complexidade e da riqueza original de cada perspectiva de análise, incentivando, assim, um diálogo verdadeiro e frutífero entre as diferentes áreas de pesquisa e escolas de pensamento (BRUHNS; GUTIERREZ, 2000 apud GOMES, 2004).

A Unimep, através do *Grupo de Pesquisas em Lazer* (GPL), fundado em 2001 e coordenado pelo pesquisador Nelson Carvalho Marcellino, propõe-se a estudar e pesquisar a abordagem

do lazer, como manifestação humana, nas suas relações com a sociedade, incluindo políticas de intervenção e destacando-se as interfaces com a Educação Física.

Marcellino, em *Aspectos teóricos da ludicidade*, disponível no site <http://www.unimep.br/gpl>, em suas observações sobre o *lazer*, considera os seguintes aspectos:

- a cultura vivenciada (praticada, fruída ou conhecida), no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares, sociais, combinando os aspectos tempo e atitude;
- o lazer gerado historicamente e dele podendo emergir, de modo dialético, valores questionadores da sociedade como um todo e sobre ele também, sendo exercidas influências da estrutura social vigente;
- um tempo que pode ser privilegiado para vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural, necessárias para solapar a estrutura social vigente;
- portador de um duplo processo educativo, veículo e objeto de educação, considerando-se, assim, não apenas suas possibilidades de descanso e divertimento, mas também de desenvolvimento pessoal e social. O lazer é entendido, portanto, como a cultura, compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível. É fundamental como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Ou seja, não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela própria situação.

A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade ou pelo ócio (MARCELLINO, 2001). Para o autor, o entendimento do lazer não pode ser efetuado “em si mesmo”, mas como uma das esferas de ação humana historicamente situada. Outras opções implicariam a colocação apenas parcial e abstrata das questões relativas ao lazer, sendo impossível, por exemplo, abordar o lazer isolado dos aspectos relacionados ao trabalho.

Por outro viés, alguns grupos desenvolvem projetos relacionados ao *lazer* de comunidades carentes, como é o caso do *Núcleo de Estudo e Apoio à Recreação Comunitária* (Nearc) da UFSM. Criado em 1987, o núcleo trabalha com comunidades pequenas, com espaço, população e metas bem definidos. O objetivo de trabalho relaciona-se a duas vertentes sociais: o meio urbano e o meio rural.

Os projetos em andamento do núcleo são: *Apoio a eventos de lazer comunitário para o meio urbano: Projeto Ciranda-Cirandinha* desenvolvido com turmas de pré-escola da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria (Bairro Camobi); *Apoio a eventos de lazer comunitário para o meio urbano: Projeto viver*, desenvolvido junto ao Hospital Universitário com pacientes da Unidade Pediátrica; *Apoio a eventos de lazer comunitário para o meio urbano: Projeto Cabelos ao Vento*, desenvolvido com crianças que brincam em praças e/ou parques.

Percebe-se, pois, que o desenvolvimento da pesquisa em lazer no Brasil, vinculado aos grupos de estudos encontra-se em estágio avançado. Muitos apresentam trajetórias longevas em relação às pesquisas científicas na área. Em uma busca no *site* do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), em março de 2010, encontramos 181 núcleos atuando nas instituições de ensino superior do País. Confira em <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/>.

Por outro lado, a diversidade de núcleos de pesquisa no meio acadêmico não impulsionou a formação em lazer no Brasil, que está atrelada aos cursos de graduação em Educação Física, Turismo, Pedagogia, Artes etc. São poucas escolas que oferecem qualificação específica na área, sendo a Confederação Nacional do Comércio (Senac) pioneira na organização de cursos voltados ao lazer no país, tanto em nível técnico profissionalizante como em nível de especialização.



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 1

1. Identifique e analise o trecho destacado a partir dos núcleos de estudos apresentados nesta aula:

“O enfoque teórico do grupo volta-se especialmente às questões socioculturais, relacionando lazer, corpo e motricidade. No âmbito dessas questões, é possível observar atualmente nos trabalhos do grupo uma sensível aproximação aos temas que englobam a questão do meio ambiente, seja abordando práticas corporais de lazer e aventura em ambientes naturais, ecoturismo, educação ambiental, entre outros. Tal aproximação não somente apresenta coerência com a vinculação do grupo à linha de pesquisa Lazer e Meio Ambiente, mas decorre tanto da relevância com que se revestiu a temática ambiental na contemporaneidade, como do espaço ocupado por ela nas pesquisas individuais de seus membros, tanto os mais antigos quanto os mais recentemente incorporados ao grupo. Nesse particular, pode-se considerar também a intenção de contribuir no atendimento à necessidade de pesquisas que relacionem Educação Física/Estudos do Lazer/Meio Ambiente, as quais só recentemente passaram a ocupar algum espaço no cenário acadêmico nacional.”

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### Resposta Comentada

*O objetivo desta atividade é atualizar os conhecimentos do estudante sobre o lazer como objeto de estudo no núcleo de pesquisa. Este texto foi retirado do site <http://www.fef.unicamp.br/grupos/glec/apresentacao.htm> e trata-se do grupo de estudos da professora Heloísa Turini Bruhns. Esta linha de pesquisa da professora Heloísa, Interrelações do lazer na sociedade, procura destacar as relações entre meio ambiente, atividades físicas e o lazer. No Brasil, é um campo novo, como vimos, na área de pesquisas acadêmicas. Qual*

*o impacto destas relações, que envolvem meio ambiente e práticas corporais, nos estudos sobre o lazer? O ecoturismo, assim como o exercício de esportes radicais e o discurso da educação ambiental demonstram cada vez mais o lazer como uma rede capaz de fornecer material para análise e estudo nas universidades.*

Em decorrência dos avanços relativos às pesquisas na área, surgiram, nas últimas décadas, diversos eventos técnico-científicos promovidos por associações, entidades e grupos de estudos, gerando encontros e debates regulares entre pesquisadores, estudantes e profissionais. Dentre os eventos realizados no país estão:

- Fórum de Debates Lazer e Informação Profissional;
- Encontro Latino-Americano de Recreação e Lazer;
- Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança;
- Encontro Nacional de Políticas Públicas em Esporte e Lazer;
- Seminário Municipal de Lazer, Esporte e Educação Física Escolar;
- Encontro de Professores das Disciplinas de Recreação e Lazer;
- *Lazer em Debate* – promovido no primeiro semestre de cada ano;
- o *Encontro Nacional de Recreação e Lazer – Enarel*;
- o *Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Grupo de Trabalho Temático: *Recreação e Lazer* – realizado a cada dois anos).

Consagrando definitivamente a importância do lazer em âmbito nacional, o 5º Congresso Mundial de Lazer foi realizado no Brasil em outubro de 1998, por iniciativa do Sesc e da Associação Mundial de Lazer e Recreação. Como resultado do evento encontra-se a publicação *Lazer numa sociedade globalizada / Leisure in a globalized society*, homônima do tema do encontro, cujo propósito era analisar as diferentes perspectivas do lazer e do tempo livre e as tendências de globalização na sociedade contemporânea.

O encaminhamento de uma proposta à WLRA – Associação Mundial de Lazer e Recreação – para sediar o V Congresso Mundial de Lazer foi uma consequência natural da tradição da instituição neste campo. O Congresso foi organizado pelo Sesc, com a decisiva participação da WLRA, e a colaboração da ALATIR – Associação Latino-Americana de Lazer e Recreação – em outubro de 1998, simultaneamente ao II Encontro Latino-Americano de Lazer e Recreação e ao X Encontro Nacional de Recreação e Lazer – ENAREL, evento este realizado no Brasil desde 1989 reunindo os profissionais de organizações públicas e privadas (MIRANDA, 2000 apud GOMES, 2004).

O Congresso reuniu conferencistas e pesquisadores de diferentes correntes teóricas e regiões (Alemanha, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Estados Unidos, Holanda, Itália, Japão, México, Reino Unido e Tailândia), incluindo acadêmicos, administradores, planejadores, consultores profissionais e estudantes.

No Rio de Janeiro, destacamos o trabalho do grupo de pesquisa Anima: Lazer, Animação Cultural e Estudos Culturais da Escola de Educação Física da UFRJ. O grupo teve origem no ano de 1999 com o projeto *Lazer e Prostituição* que, com a chegada de novos membros passou se chamar *Lazer e Minorias Sociais* em 2002, passando a adotar o nome atual em função dos novos conceitos e da amplitude que as pesquisas vinham alcançando. O objetivo tem sido estudar o lazer em suas diferentes dimensões com denotado interesse para a questão da intervenção pedagógica concedendo-se à animação cultural espaço especial de discussão e de construção teórica. Após dez anos, outros grupos de pesquisa foram criados a partir do Anima:

- SPORT – coordenado pelo professor Victor Melo, dedica-se à história do esporte e do lazer;
- Envelhecimento e Atividade Física – coordenado pelo professor Edmundo de Drummond Alves Junior, dedica-se à interface atividade física-idosos;
- PrevQuedas – coordenado pelo professor Edmundo de Drummond Alves Junior, dedica-se a ações ligadas à prevenção de quedas;



- Esquina – coordenado pela professora Angela Bretas, dedica-se à relação entre lazer, animação cultural e cidade;
- Dança de Salão – coordenado pela professora Inês Galvão, dedica-se às danças de salão;
- CaJu – coordenado pela professora Monica Monteiro, dedica-se a ações com a juventude.



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 2

2. A partir do artigo obtido no *site* da revista *Licere* (<http://www.eeffto.ufmg.br/licere/>), faça uma análise, identificando a importância da pesquisa em lazer e dos eventos técnico-científicos para a produção do conhecimento, sua publicação e difusão.

Trecho extraído do artigo: MARCELLINO, Nelson; BARBOSA, Felipe; MARIANO, Stéphanie. Lazer, cultura e patrimônio ambiental. *Licere*, Belo Horizonte, v.10, n.3, p.11-16, dez. 2007.

Até bem pouco tempo era difundida uma falsa noção de memória cultural, de sentido muito restrito e embebida na ideologia dominante. Essa noção estava ligada ao conceito clássico de patrimônio histórico e artístico, tal como definido no decreto de criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Assim, o Decreto-Lei n. 25, de 30/11/1937, no seu artigo 1, definia como patrimônio artístico nacional: (...) o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico ou artístico (MARCELLINO, 2007, p. 11-16).

Historicamente, entre estudiosos e instituições voltadas para a preservação, nota-se uma ampliação gradativa da abrangência do conceito, com a ideia de excepcionalidade dando lugar à noção de representatividade dos elementos a serem preservados. Dessa forma, evoluiu-se para o conceito de Patrimônio Ambiental Urbano, constituído por espaços, que inclusive transcendem a obra isolada e que caracterizam as cidades, pelo seu valor histórico, social, cultural, formal, técnico ou afetivo.

Pode-se perceber um avanço significativo no conceito, superando a ideia de monumentalidade e de singularidade, no final da década de 70, com a Secretaria de Economia e Planejamento e Desenvolvimento Regional do Estado de São Paulo, através Nelson Marcellino; Felipe Barbosa; Stéphanie Mariano Lazer, Cultura e Patrimônio Ambiental do seu Programa de Preservação e Revitalização do Patrimônio Ambiental Urbano (SEPLAN, 1978), reconhecendo a cultura como processo vivo, e as possibilidades do Patrimônio para além da arte e da arquitetura, dando assim possibilidades para a ação no campo do lazer:

(...) a noção mais recente reconhece antes o valor representativo dos aspectos históricos, sociais, culturais, formais, técnicos, afetivos dos elementos como critérios para sua inclusão no programa de preservação e revitalização do patrimônio ambiental urbano (MARCELLINO, 2007).

Congressos e seminários mais recentes vêm ampliando ainda mais a abrangência do conceito, incluindo usos e costumes. Para nós, importa destacar que, enquanto a primeira noção era baseada em atributos como a singularidade e a monumentalidade, o conceito mais recente reconhece, inclusive, os elementos afetivos como critérios para a preservação.

Analizando a constituição histórica do conceito, e embora reconhecendo a importância da preservação dos prédios, através da política de tombamento, Geraldes (2007) não a considera o único fator a ser considerado, e chega a uma definição provisória de patrimônio ambiental urbano, tomando como base a de Yázigi (2001):

Sistema material constituído por conjuntos arquitetônicos, espaços e equipamentos públicos, elementos naturais e paisagísticos, aos quais foram atribuídos valores e qualidades capazes de conferir significado e identidade a determinado recorte territorial urbano (GERALDES, 2007, p. 15).

Adverte, porém que o Turismo pode se satisfazer apenas com a mercadoria imagem, na cidade:

Da mesma maneira que em outro período o patrimônio era considerado em termos de monumento descontextualizado, aponta-se agora a possibilidade de um patrimônio enquanto imagem sem referência (GERALDES, 2007, p.15).

Para Lefebvre (2001) a cidade historicamente formada não vive mais, não é mais apreendida praticamente. Não passa de um objeto de consumo cultural para os turistas e para o esteticismo, ávidos de espetáculos e do pitoresco. Referindo-se aos seus antigos núcleos, assim se posiciona:

As qualidades estéticas desses antigos núcleos [urbanos] desempenham um grande papel na sua manutenção. Não contém apenas monumentos, sedes de instituições, mas também espaços apropriados para as festas, para os desfiles, passeios, diversões. O núcleo urbano torna-se, assim, produto de consumo de uma alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas oriundas da periferia, suburbanos. Sobrevive graças a este duplo papel: lugar de consumo e consumo do lugar (LEFEBVRE, 2001, p. 12).

O ressurgimento arquitetônico e urbanístico do centro comercial dá apenas uma versão apagada e mutilada daquilo que foi o núcleo da antiga cidade, ao mesmo tempo comercial, religioso, intelectual, político, econômico (produtivo).

Com o crescimento urbano, somado às desigualdades sociais, perderam-se espaços públicos para a realização de jogos e brincadeiras e atividades de lazer, que foram transferidos a espaços domésticos ou privados, limitando as opções dos variados conteúdos culturais do lazer.

Sendo assim, o lazer mercadoria reduz a imagem da cidade ao jogo de pura imagem. E o olhar do consumo é a fonte matricial do olhar paisagístico atual. Dessa forma, para a requalificação do espaço urbano, as políticas públicas têm importante papel. E visto com suas características de animação sociocultural o lazer pode contribuir de modo eficaz, porque prazeroso, na busca das denúncias do patrimônio ambiental urbano, considerado como imagem e como imaginário.

Para que se previna e evite os impactos negativos das atividades realizadas nos equipamentos e áreas visitadas, é necessário e fundamental o planejamento e a organização desses espaços e definido como foco a manutenção da atratividade dos recursos naturais. Nesse sentido, baseado nos princípios da responsabilidade social, que as atividades turísticas junto à natureza envolvem, Muller (2002, não paginado) argumenta que:

Se as atividades realizadas procuram satisfazer o desejo que o ser humano possui de estar em contato com a natureza, descobrindo o potencial turístico das áreas em que presencia belezas naturais, a preservação e o desenvolvimento evitam o impacto negativo sobre a ecologia, a cultura e a estética.

Fróes (2006), ainda que reconhecendo a formação de um importante acervo urbano e rural, no país, pelas políticas de preservação governamentais, através do instrumento do tombamento (forma encontrada institucionalmente para impedir a perda física de um bem), questiona o seu valor enquanto diretriz, demonstrando a viabilidade da inserção do patrimônio no desenvolvimento, dinamizando as formas de preservação na vida das cidades como um todo, através de processos sustentáveis.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### ***Resposta Comentada***

*A atividade tem como objetivo analisar a contribuição da pesquisa em lazer e da publicação em revistas científicas, como recurso que estimula a produção e a troca de conhecimentos ampliando as discussões sobre os temas relacionados ao lazer e proporcionando novas visões de mundo e, a partir daí, a elaboração de novas concepções de planejamento, de legislação, de práticas sociais. O artigo analisa a evolução do conceito clássico de patrimônio histórico e artístico para o de patrimônio ambiental urbano, mais amplo, que abriga valores históricos, sociais, culturais, formais, afetivos e técnicos. Esta mudança conceitual pode afetar o modo como o turismo percebe a cidade, como referente a um objeto de consumo para o turista, esvaziando sua riqueza histórica para a construção de uma imagem capaz de ser vendida como uma mercadoria. O artigo também aponta possíveis soluções para este problema, que envolve a cultura do lazer.*

O panorama dos estudos e da pesquisa em lazer no Brasil não se encerra neste capítulo. À trajetória histórica adotada com o propósito de contextualizar a produção nacional mediante alguns fatos, complementa-se com a análise vindoura das dissertações e teses defendidas no País. Tais produções teóricas, provenientes de diferentes campos de estudo, refletem o comportamento do lazer como objeto científico e prática sociológica.



## Atividade Final

---

### Atende ao Objetivo 3

Leia o trecho destacado de um dos projetos do Núcleo de Estudo e Apoio à Recreação Comunitária (Nearc), da UFSM, o Nieati – Núcleo Integrado de Apoio à Terceira Idade. Foram destacados alguns projetos de extensão e pesquisa deste núcleo. A partir deste exemplo, elabore uma análise das contribuições possíveis entre a academia e a melhoria da qualidade de vida das comunidades através do lazer.

#### Nieati

O trabalho do núcleo junto aos idosos baseia-se no conceito moderno da cidadania, articulando ações para melhoria da qualidade de vida dos velhos de nossa sociedade, bem como, a melhoria de qualidade de nosso fazer, enquanto Universidade. Incluindo o ensino, a pesquisa e a extensão, os projetos abrangem idosos de Santa Maria e região, assim como a formação de monitores para a atuação com a terceira idade nas áreas da saúde e educação.

#### Objetivo geral

O Núcleo tem como objetivo melhorar a autonomia dos movimentos físicos e intelectuais dos idosos, mantendo a dependência cada vez mais distante e assim manter por mais tempo a maior de todas as liberdades do homem: a saúde.

#### Projetos de extensão

- Idoso, natação e saúde;
- Movimento e Vida – atividades físicas em asilos.

#### **Projetos de pesquisa**

- O Envelhecer na Cidade: Um estudo sobre os grupos de atividades físicas para a terceira idade em Santa Maria/RS;
- Análise das festividades para a terceira idade na cidade de Santa Maria...

(Fonte: [http://w3.ufsm.br/cefd/index.php?option=com\\_content&task=view&id=28&Itemid=87](http://w3.ufsm.br/cefd/index.php?option=com_content&task=view&id=28&Itemid=87))

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

#### **Resposta Comentada**

*Nesta atividade, temos o objetivo de analisar o provável impacto dos estudos acadêmicos nesta comunidade e as contribuições relevantes para a saúde, cidadania e o lazer da população atendida. Neste projeto abordado, podemos perceber a preocupação em investigar o impacto de práticas corporais em um determinado grupo da sociedade sob a cultura do lazer. Esta análise é ao mesmo tempo um fazer e uma reflexão deste fazer, pois permite à universidade participar na construção de material teórico, ao abordar in loco, a demanda do lazer, relacionadas às áreas de saúde e educação.*

#### **Resumo**

Os eventos, teóricos, pesquisas, diretrizes e ações relacionadas aos estudos do lazer no Brasil evoluíram a partir de 1970. Foram através da formação de núcleos de pesquisa como o *Centro de Estudos do Lazer* (Celazer), que contou com a orientação de Dumazedier nas iniciativas do *Centro de Estudos de Lazer e Recreação* (Celar) da PUC-RS e com as obras e os conceitos elaborados por Renato Requiya, bem como com os livros *Lazer no Planejamento Urbano*, de Ethel Bauzer de Medeiros, e *Lazer: teoria e pesquisa*, de autoria da Sarah Bacal.

Historicamente a situação do campo científico brasileiro, apesar do relativo progresso, ainda é incipiente, devido a uma série de fatores, dentre os quais a existência de poucos cursos de formação acadêmica, direcionados exclusivamente ao lazer. Em contraponto, os núcleos e grupos vinculados às universidades brasileiras apresentam-se bastante engajados em propostas de pesquisas científicas na área, que geram periódicos referenciais como a revista *Licere* e eventos como o *Enarel*, o *Lazer em Debate* e o *Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*.

### **Informação sobre a próxima aula**

Na próxima aula, abordaremos o lazer no mundo contemporâneo, suas práticas e o desenvolvimento da *indústria do entretenimento*, nesta que se convencionou denominar a *civilização do lazer*.





# 9

## O lazer contemporâneo

*Simone Dantas*

### Meta da aula

Apresentar o contexto de evolução do lazer no Brasil quanto aos conceitos e práticas em seu processo histórico, social, econômico e político.

### Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 reconhecer o contexto político e socioeconômico do desenvolvimento do lazer no Brasil;
- 2 identificar a formação da indústria cultural no Brasil;
- 3 analisar a inserção do lazer como agente de educação.

## Introdução

Nesta aula vamos apresentar um panorama geral da evolução nas práticas do lazer e sua reflexão teórica sobre o contexto político e econômico do Brasil. Com o objetivo de mostrar de forma mais clara a relação entre os aspectos históricos, as práticas de lazer e as reflexões teóricas, aplicamos uma periodização bastante comum que, de forma resumida, destaca as principais influências nas práticas e nos conceitos do lazer. Utilizaremos como base para os nossos estudos o artigo “O lazer no Brasil: do nacional desenvolvimentismo à globalização”, produzido por Marco Antonio Bettine de Almeida, no programa de doutorado da Faculdade de Educação Física da Unicamp e publicado na revista eletrônica *Conexões*, volume 3 no ano de 2005. Partiremos então para o campo da observação, ilustrando algumas manifestações práticas do lazer nestes períodos, o que nos conduzirão ao desenvolvimento da atividade turística e da *indústria do entretenimento* no Brasil.

## Panorama político, econômico e teórico do lazer no Brasil

O lazer sempre esteve associado à busca do prazer e presente na vida do ser humano. Os valores do lazer sofrem variações de acordo com a época histórica e o modo de vida e de produção da sociedade. Já vimos que, no período anterior a Revolução Industrial, o lazer tinha uma conotação mais lúdica e espontânea, estava situado em um ambiente mais rural e menos urbano. Após a Revolução Industrial, o lazer passa a ser visto como uma necessidade, pois as atividades humanas se concentram nas cidades e o lazer compensaria o tempo e as condições de trabalho nas fábricas da época. Contudo, o lazer passa a ser entendido como um produto, enquadrando-se na lógica do consumo capitalista. Verificamos nas aulas anteriores algumas considerações sobre os estudos do lazer no Brasil e, neste momento,

vamos contextualizar estes estudos com o ambiente político e econômico, a fim de verificar a sua correlação.

## **Lazer e o nacional-desenvolvimentismo – qual o cenário nacional no período de 1946-1964?**

No Brasil, os anos 1940 foram marcados pelo fim da ditadura da Era Vargas (1930-1945, Getúlio Vargas foi deposto em 29 de outubro de 1945, voltando à presidência por meio do voto popular em 1951, até cometer suicídio em 1954). A redemocratização institucional do país também marcou o fim, sobretudo com a realização das eleições para presidente da república, na qual fora eleito o general Eurico Gaspar Dutra, candidato da coligação PSD/PTB (Partido Socialista Democrático/Partido Trabalhista Brasileiro). A política econômica brasileira vai se associando ao capital internacional, afinado com o plano do pós-guerra que impõem uma nova ordem mundial. Neste contexto, para o Brasil aquecer a sua economia e elevar o nível de produção seria necessário uma política para a contenção da inflação que primasse pelo desenvolvimento da indústria petrolífera. Para tanto, entre as medidas tomadas pelo governo, destacamos a compressão salarial e a busca por recursos do capital estrangeiro.

Em um país com dimensões continentais como o Brasil, as distâncias territoriais, econômicas e políticas se constituíam em entraves para o crescimento nacional. Getúlio Vargas acreditava que o cinema era capaz de aproximar os diferentes núcleos humanos dispersos no território brasileiro. Com a missão de estimular a identificação de um único povo e de um único governo como nação, os símbolos nacionais, especialmente a bandeira e o mapa do Brasil, foram introduzidos em filmes educativos. Eles foram produzidos durante o Estado Novo (como é conhecido o regime político centralizador e autoritário de Vargas, compreendido entre os anos 1937 a 1945). O discurso do governo do Estado Novo considerava que somente o conhecimento do Brasil estimularia o amor à pátria e o desejo de lutar por ela, e

o cinema era o caminho para o Brasil conhecer o Brasil. Vargas chegou a assinar um decreto estabelecendo a exibição de pelo menos três filmes brasileiros por ano. Também delineou as bases para a ação da censura que seria utilizada posteriormente pelos governos militares, ocasião em que a arte e a cultura passam a ser assuntos de segurança pública (ROSA, 2006).

No período que vai de 1946 até 1964, verificamos no Brasil um projeto **nacional-desenvolvimentista**, fundamentado na substituição de importações e caracterizado pelo populismo político. Dentre outras transformações importantes pelas quais passou nosso país, destacamos:

- o surgimento da indústria automobilística;
- a construção de estradas por todo o país;
- a inauguração da capital federal Brasília, distante dos maiores centros urbanos;
- a adoção de políticas trabalhistas;
- a criação de uma indústria de base como a mineração, extração de petróleo e siderurgia.

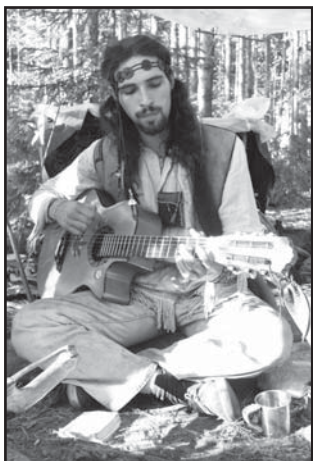
Neste período vamos encontrar no campo da cultura e das artes a valorização de temáticas brasileiras, uma forma de preservação dos valores nacionais ameaçados pela invasão cultural estrangeira, em especial norte-americana (ZÍLIO, 1982). Este sentimento nacionalista é reforçado por uma série de acontecimentos no plano internacional, tais como:

- termina a Segunda Guerra Mundial (1945), o que representou uma nova fase nas relações internacionais, consolidando transformações no nível estrutural do capitalismo mundial;
- em abril de 1955, durante a Conferência Ásia África de Bandung/Indonésia, 29 chefes de Estado reconhecem o princípio da coexistência pacífica de diferentes partes do mundo e definem, pela primeira vez, a noção de países de terceiro mundo, na qual se insere o Brasil;

Denomina-se **nacional-desenvolvimentismo** a política econômica com participação ativa do estado e baseada no crescimento da produção industrial e da infraestrutura para o consequente aumento do consumo. É uma política de resultados aplicada essencialmente em sistemas econômicos capitalistas, a exemplo do Brasil no governo JK (1956-1961) e no governo militar (1964-1985), quando ocorreu o “milagre econômico brasileiro”, bem como o “fanquismo” na Espanha (1939-1976).

- os movimentos de libertação nacional marcados pelo ideário socialista e a valorização dos trabalhadores rurais, o exemplo histórico da Revolução Cubana de 1959, que mais repercutiu no nosso país, pelo discurso anti-imperialista (SADER, 1991);
- a Guerra do Vietnã iniciada em 1959 – cujo término ocorreu apenas em 1975 – uma das maiores confrontações armadas em que os Estados Unidos já se viu envolvido e cuja derrota provocou a “síndrome do Vietnã”. Seus cidadãos dividiam opiniões, gerando atitudes antinacionalistas de grande reflexo na sua cultura, tema amplamente difundido na indústria cinematográfica.

Uma das vertentes da contracultura foi o movimento *hippie*. Vários jovens lançaram o movimento “Paz e Amor” (“Peace and Love”), rejeitando o projeto da “grande sociedade” do presidente americano Lyndon Johnson e buscando sobreviver em pequenas comunidades alternativas. Data desse tempo a afirmação do feminismo e o surgimento dos Panteras Negras (The Black Panthers) que, abandonando a não violência pregada por Martin Luther King Jr. (assassinado em 1968), propunha o confronto aberto com a cultura racista do país.



**Figura 9.1:** O movimento *hippie* se manifestou na música, nas artes, nas comunidades alternativas contrárias à guerra. Através do lema “Paz e Amor”, espalhou-se pelo mundo nas décadas de 1960 e 1970.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hippie>

Mas qual a relação destes fatos com o lazer?

A ênfase no desenvolvimento econômico e industrial impulsiona transformações que possibilitaram um maior acesso ao lazer através do desenvolvimento das artes e espetáculos e pela valorização do lazer do trabalhador por meio da construção dos clubes-empresa. No campo da produção teórica são escritos inúmeros estudos de antropólogos e sociólogos destacando a cultura popular, o lazer popular e o folclore, a exemplo de Darcy Ribeiro, Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freire (ALMEIDA, 2005).

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística), no Brasil de 1960 a população urbana ultrapassara a rural. Vamos encontrar um lazer típico do início da industrialização, ilustrado pela passagem entre o lazer como manifestação popular e comunitária e o lazer como mercadoria de consumo disponível no mercado. O lazer firma-se na luta entre operários e detentores do capital gradativamente a partir da conquista de espaços de lazer nas empresas, à participação dos operários nos campeonatos nacionais e o desenvolvimento esportivo de algumas empresas-clubes, a importância da casa de campo ou praia, e os passeios de carro pela rede de estradas em expansão. Outro ponto relevante é o desenvolvimento do esporte de elite e a criação de teatros e musicais (ALMEIDA, 2005).

No momento histórico pré-1964 grande parte dos intelectuais e artistas buscava expressar o homem brasileiro como a “cara do Brasil,” ou procuravam, ainda, denunciar a utilização política do lazer enquanto instrumento de alienação dos setores populares que seriam explorados pela apropriação da mais-valia no processo de luta de classes (FREDERICO, 1998).

De maneira geral, na virada da década de 1960, consolidam-se e fortalecem-se duas vertentes que são decorrentes da situação política do país e herdeiras do processo específico de luta por uma procura de bens culturais brasileiros (ALMEIDA, 2005):

- a busca dos valores nacionais e a “cara” do Brasil;
- a incorporação de influências estrangeiras (RAMOS, 1983).

No cinema, como observou o cineasta Glauber Rocha (REIS, 1996), a luta deste nacionalismo e a busca de interpretação do povo brasileiro tinham como perfil estético a luta contra a fome, a visão do *terceiro-mundismo* e a busca pela superação do imperialismo. Traziam elementos cosmopolitas para a arte, mas priorizando muitas inovações técnicas.

Podemos comparar esta observação de Glauber Rocha verificando os temas nacionalistas dos filmes referentes a esta época. Por exemplo: *Caiçara*, de Adolfo Celi, primeiro longa-metragem da recém-criada Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em São Paulo (1950); *Tico-tico no fubá*, de Adolfo Celi, e *Carnaval Atlântida*, de José Carlos Burle (1952); *Rio 40 Graus*, de Nelson Pereira dos Santos, inaugura o Cinema Novo (1955); *O pagador de promessas*, de Anselmo Duarte, ganha a Palma de Ouro em Cannes e é o primeiro filme brasileiro indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro (1962), entre outros. O golpe de Estado interrompe dois documentários: *Cabra marcado para morrer*, de Eduardo Coutinho, *Maioria absoluta*, de Leon Hirszman, e *Integração racial*, de Paulo César Saraceni.



Glauber Rocha (1939-1981) foi um cineasta controverso e incompreendido em seu tempo, patrulhado tanto pela direita quanto pela esquerda na política brasileira. Em sua visão apocalíptica de um mundo em constante decadência, Glauber produz filmes paradigmáticos, com críticas sociais ferozes e sua forma de filmar pretendia romper radicalmente com o modelo importado dos Estados Unidos. Pretensão compartilhada por outros cineastas que com ele lideraram a corrente artística nacional conhecida como Cinema Novo. Saiba mais em <http://www.tempoglauber.com.br/>

O clima político nacionalista que perpassava por toda a sociedade brasileira também influenciou o teatro. A produção cultural volta-se para a questão nacional e busca o contato com os setores populares, por meio de apresentações com preços acessíveis, visando atrair a população de baixa renda (SILVA, 1981).

A questão do cosmopolitismo e da busca da brasilidade é muito forte na música popular brasileira. A Bossa Nova originou-se do casamento entre a assimilação do jazz americano e sua inovação estética, para servir em um segundo momento como modelo a ser exportado. A Bossa Nova surgiu no final da década de 1950, na cidade do Rio de Janeiro, e se consolidou como um gênero da música popular brasileira. No início, o termo se referia apenas a um modo diferente de cantar e tocar samba, contudo, ganhou conotações políticas e culturais. A Bossa Nova foi um movimento que ficou associado ao crescimento urbano brasileiro impulsionado pela fase desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960). A Bossa Nova iniciou-se para muitos críticos no lançamento, em agosto de 1958, de um compacto simples do violonista baiano João Gilberto (considerado um ícone do movimento), contendo as canções “Chega de saudade” (Tom Jobim e Vinicius de Moraes) e “Bim bom” (do próprio cantor).



**Figura 9.2:** Vinicius de Moraes, principal letrista de canções da Bossa Nova. A partir de “Chega de saudade”, composição feita com Tom Jobim em 1958, consagrou o estilo musical.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Bossa\\_nova](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bossa_nova)





Acompanhe “Chega de saudade”, letra e música, na voz de Paulinho da Viola, no *link*:

<http://letras.terra.com.br/vinicius-de-moraes/26959/>

No período desenvolvimentista, os espetáculos de lazer tinham como público principal os setores urbanos da classe média e alta. Através das apresentações, procuravam incorporar as características do povo brasileiro e o subdesenvolvimento, enquanto que os setores operários podiam ter contato com peças que discutiam a exploração e a mais-valia.

O lazer popular mantinha a tradição do lazer de rua, o circo e as festas típicas católicas. As práticas esportivas tinham como espaço a rua, a empresa e os campos improvisados. Na cidade, ainda em desenvolvimento, havia muito espaço livre para a população de baixa renda organizar atividades lúdicas, enquanto que os setores mais abastados tinham os clubes esportivos e os parques públicos situados, em geral, nas regiões mais valorizadas (ALMEIDA, 2005).

## **A marca da ditadura: o lazer no período militar (1964-1985)**

Após o golpe militar de 1964, grande parte dessas manifestações de lazer vão se transformar, principalmente, em função:

- do crescimento urbano;
- da censura;
- da repressão policial às práticas de ruas.

O desenvolvimento dos meios de comunicação e de uma indústria cultural – em que se destaca a popularização da televisão – ajudou também a desintegrar as manifestações artísticas que buscavam atingir os setores populares.

Com o golpe militar de 1964, o desenvolvimento capitalista no Brasil foi ampliado através da intensificação da concentração de renda e de uma modernização conservadora, a partir de uma aliança de classes que “jogava por terra a hipótese de um antagonismo entre a burguesia brasileira de um lado, e a burguesia internacional e oligarquia agrária de outro” (MANTEGA, 1995, p. 116).

Para evitar que a esquerda cultural reorganizada pós-64 se popularize, o policiamento torna-se verdadeiramente pesado, com delação estimulada e protegida, a tortura assumindo proporções pavorosas, e a imprensa de boca fechada (SCHWARZ, 1978, p. 72).

Com o Ato Institucional nº 5 (AI-5), de dezembro de 1968, centenas de cidadãos e líderes políticos tiveram seus direitos políticos cassados, as organizações estudantis independentes foram postas na ilegalidade e os partidos políticos existentes foram dissolvidos. No seu lugar impôs-se um sistema bipartidário com a Aliança Renovadora Nacional (Arena), pró-governo, e a oposição oficialmente tolerada Movimento Democrático Brasileiro (MDB) (RIDENTI, 1999).

### ■ **Indústria cultural**

É o nome dado ao conjunto de empresas e instituições que produzem projetos, programas, jornais, rádios, revistas e especialmente a televisão, voltados para a diversão, explorando a cultura, visando lucro. Trata-se de uma expressão típica da sociedade capitalista que transformou a cultura em produto comercial. Com a popularização das novas tecnologias de comunicação e o processo de globalização, convencionou-se destacar a indústria cultural da indústria do entretenimento, que utiliza mais destes recursos tecnológicos para massificação de sua produção.

Depois do AI-5 e com a repressão crescente a qualquer oposição ao regime militar, ocorreu:

- o esgotamento do interesse pelas questões políticas;
- o refluxo dos movimentos de massas;
- a censura e a ausência de canais para o debate e a divulgação de qualquer proposta contestadora;
- o surgimento de uma resistência de esquerda armada (guerrilha urbana);
- redução das expressões artísticas.

Estes fatos marcaram o fim de um florescimento cultural e do movimento popular, abrindo caminho para a **indústria cultural**, induzida principalmente pela televisão (ALMEIDA, 2005).

Uma das marcas do regime militar foi o desenvolvimento desigual. O “milagre econômico” favoreceu o apogeu da classe média, enquanto as manifestações dos setores populares foram controladas e suprimidas.

O milagre econômico é a denominação dada à época de excepcional crescimento econômico ocorrido durante a ditadura militar, também conhecido como “anos de chumbo”, situados especialmente entre os anos de 1969 e 1973, durante o governo do comandante Emílio Garrastazu Médici. Paradoxalmente ao rápido desenvolvimento econômico ocorreu o aumento da concentração de renda e da pobreza no país.

Na década de 1970, a disponibilidade de crédito internacional e o desenvolvimento acelerado, somado às condições internas, caracterizaram o “milagre econômico”, que colocou o Brasil na situação de ser um país presente no cenário das trocas internacionais, ao mesmo tempo em que se destacava como líder em concentração de riqueza, analfabetismo e um desenvolvimento humano próximos aos países africanos (SILVERMAN, 2000 apud ALMEIDA, 2005). Até a década de 1980, o Brasil foi considerado pela Organização das Nações Unidas (ONU) o país mais desigual do mundo (ORTIZ et al., 1988).

Instaurou-se neste momento um ***pensamento ufanista*** de “Brasil potência”, evidenciado com a conquista da terceira Copa do Mundo de Futebol, em 1970, no México, mantendo um clima de euforia generalizada. O Brasil inteiro cantava (e ainda canta, com algumas adaptações relacionadas ao número da população) o hino da copa “Pra frente Brasil”:

Noventa milhões em ação  
Pra frente Brasil  
Do meu coração  
Todos juntos vamos  
Pra frente Brasil  
Salve a Seleção  
De repente é aquela corrente pra frente  
Parece que todo Brasil deu a mão

### ***Pensamento***

#### ***ufanista*** ou *ufanismo*

é uma expressão utilizada no Brasil a partir da obra *Por que me ufano pelo meu país*, do político e poeta mineiro Afonso Celso, publicada em 1900, alvo de muitas críticas e elogios. *Ufano* é um adjetivo com origem na língua espanhola significando a vanglória, a exaltação de méritos próprios extraordinários. No Brasil, o *ufanismo* é a atitude utilizada por determinados grupos para expressar o enaltecimento do potencial brasileiro, particularmente diante do milagre econômico nos anos de ditadura militar. Muitas vezes exagerado e expondo a si e ao país a uma interpretação de excesso de vaidade. É desta época os lemas, músicas e propagandas nacionalistas, como a mensagem distribuída em adesivos: “Brasil, ame-o ou deixe-o.”

Todos ligados na mesma emoção  
Tudo é um só coração  
Todos juntos vamos  
Pra frente Brasil! Brasil!  
Salve a seleção!

Esta e outras manifestações que Elio Gaspari apelidou de “patriotadas” refletem um período paradoxal da história do Brasil. Em sua obra *A ditadura escancarada*, Elio Gaspari justifica:

O Milagre Brasileiro e os Anos de Chumbo foram simultâneos. Ambos reais, co-existiam negando-se. Passados mais de trinta anos, continuam negando-se. Quem acha que houve um, não acredita (ou não gosta de admitir) que houve o outro (GAS-PARI, 2002).

Ao mesmo tempo, observa-se o aumento do número de famílias típicas de classe média que puderam comprar seus televisores e automóveis, ir ao cinema, adotar fins de semanas de lazer no campo ou na praia e a substituir gradualmente o comércio de rua pela ida ao shopping center (ALMEIDA, 2005).

O regime militar apoia-se numa aliança entre a censura e a repressão política e o desenvolvimento e controle da indústria cultural. Conjugou-se oportunamente a imprescindível propaganda de governo e a necessidade de investimento estatal para a ampliação da indústria televisiva.



Podemos encontrar algumas destas propagandas do governo durante a ditadura militar no YouTube, a exemplo da campanha “Brasil, ame-o ou deixe-o”.  
<http://www.youtube.com/watch?v=huox9B30uN0>

As expressões populares e as festas típicas passam a ser controladas pelo regime militar, assim como todas as expressões artísticas. Não somente a repressão policial, mas também o próprio desenvolvimento das cidades e, com ele, a diminuição de áreas livres e o aumento do número de carros nas ruas, inibiram as manifestações dos lazeres típicos do ambiente rural, como o convívio entre vizinhos e as brincadeiras das crianças nas ruas, entre outras. Tudo isso reforça a televisão como a maior vivência de lazer popular.

Cientes de que as manifestações populares e de lazer serviam como propaganda política, os militares iniciaram um amplo investimento na área esportiva, incentivando a participação em jogos olímpicos e campeonatos mundiais de futebol. Investiram na construção de estádios, campos de várzea e parques públicos. Esta utilização política do esporte e lazer, segundo Sant'Anna (1994), teve seu apogeu com o projeto governamental *Esporte Para Todos*. Através do discurso de formação de atletas e o investimento nos clubes, o esporte serviu para mostrar a evolução da nação, estratégia típica de regimes totalitários. Neste período em que o esporte foi sistematicamente utilizado a favor do regime militar, tivemos as conquistas do Brasil como tricampeão da Copa do Mundo de Futebol (1970), as medalhas no Pan-Americano e nos Jogos Olímpicos no período de maior repressão política (1970 a 1972).

Neste período, a oferta do lazer esteve voltada especialmente para a classe média, através:

- da aproximação com as elites internacionais com o aumento das viagens para outros países;
- da criação de espaços turísticos e hotéis;
- dos passeios nos fins de semana (já que os militares continuaram a construção das estradas por todo país, que posteriormente seriam diminuídas pela crise do petróleo da década de 1970);

- do acesso a filmes que não fossem censurados;
- do desenvolvimento dos museus;
- das músicas da indústria cultural;
- da expansão da criação de clubes.

Ao mesmo tempo que o Estado, sob o regime militar, continua com o projeto desenvolvimentista também investe na televisão e no cinema para formar um aparato ideológico baseado nas artes visuais, procurando retirar o caráter político contestatório das artes e do lazer.

### ■ **Pornochanchada**

É um gênero do cinema brasileiro que surgiu em São Paulo na década de 1970. Com uma produção numerosa e comercial, principalmente na região de prostituição conhecida como Boca do Lixo, revelou diretores talentosos como Claudio Cunha, Alfredo Sternheim, Ody Fraga, Fauzi Mansur, entre outros. Este gênero foi assim chamado por misturar elementos do gênero conhecido com *chanchada*, no qual predomina um humor ingênuo e popular, com altas doses de erotismo comum aos filmes *pornográficos*, sendo que, em uma época de censura no Brasil, não eram permitidas cenas de sexo explícito nos filmes. A censura, que estava mais pautada nos costumes do que na política, exigia que os filmes cumprissem uma série de exigências, e muitos filmes foram liberados, totalmente retalhados por cortes, o que os tornava incompreensíveis. Essas exigências foram amenizadas com a liberação dos costumes e a abertura política, iniciada em 1977 até o fim da censura em 1984, quando o gênero foi substituído pelos filmes pornográficos exibidos em salas especiais.

Na televisão, mais especificamente, temos o Estado ao lado da indústria cultural, através do investimento em temas apolíticos como as telenovelas (ORTIZ et al., 1988). Entre 1964-1980 ocorre uma formidável expansão da produção, distribuição e consumo de bens culturais, de acordo com a necessidade de apoio do governo junto à população. É nesta fase que se dá a consolidação dos grandes conglomerados de meios de comunicação, como a TV Globo e a Editora Abril (ORTIZ, 1985). O exemplo clássico deste nacionalismo sem engajamento político, sem compromisso estético e distante de qualquer inovação foi a produção das *pornochanchadas* (ALMEIDA, 2005).

Com a censura e o cenário político descrito, as práticas de lazer popular ficaram restritas aos eventos do regime militar como o EPT (Esporte Para Todos) (SANT'ANNA, 1994); apresentações de circos populares e parques de diversões (MAGNANI, 1998); e as atividades do Serviço Social do Comércio (Sesc) e da Indústria (Sesi), de onde saíam, na década de 1980, os primeiros estudiosos do lazer no Brasil (Marcellino, Requixa e Oliveira). Eles só terão visibilidade na década de 1980, momento em que o Brasil passa a viver o período da redemocratização – ou do afastamento planejado dos militares do poder – com a volta da preocupação com o popular e o engajamento político.

Os teóricos brasileiros do lazer como Marcellino, Requixa e Oliveira vão propor em suas análises a formação de agentes culturais de lazer junto à população, recuperando a valorização do

popular, reprimida durante o regime militar. Eles atuavam com ou para órgãos sociais vinculados aos sindicatos patronais da indústria e do comércio, ao mesmo tempo em que compactuavam com as ideias de uma esquerda cuja importância política tendia a crescer na medida em que o regime político torna-se mais democrático. É natural, portanto, que a produção, a respeito de lazer, procure privilegiar no primeiro momento temas populares e da cultura, tentando superar duas décadas de censura e repressão. Este resgate artístico do popular através do lazer, contudo, não vai se realizar. Segundo Ridenti (1999), *tivemos depois da volta da democracia, a maior evolução da indústria cultural jamais vista. “A redemocratização, com o respeito às garantias individuais e a liberdade de expressão, criou um ambiente propício para a proliferação da indústria cultural e da globalização”* (ALMEIDA, 2005).



## Atividade

### Atende ao Objetivo 1

1. Uma das canções que criticam a ditadura é uma carta musicada de Chico Buarque em homenagem a Augusto Boal, que vivia exilado em Lisboa, quando o Brasil ainda vivia sob a ditadura militar. A canção se chama “Meu caro amigo” (Chico Buarque e Francis Hime) e foi lançada originalmente num disco cujo título é *Meus caros amigos*, do ano de 1976. Elabore um texto, analisando o trecho em destaque, considerando a situação político-econômica do país durante a ditadura que transparece nos versos do autor, e comparando com o conteúdo que acabamos de estudar.

#### Meu Caro Amigo

(Chico Buarque e Francis Hime)

(...)

Aqui na terra tão jogando futebol

Tem muito samba, muito choro e rock’n’roll

(...)

Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

Muita mutreta pra levar a situação

Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça  
E a gente vai tomando e também sem a cachaça  
Ninguém segura esse rojão

(...)

É pirueta pra cavar o ganha-pão  
Que a gente vai cavando só de birra, só de sarro

(...)

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### **Resposta Comentada**

*Ao refletir sobre estes versos, podemos identificar a amargura que se esconde por trás do futebol e do samba. O “muito choro” que pode ser entendido como estilo musical ou como reflexo de sofrimento e, entre dois estilos musicais nacionais segue-se o rock’n’roll, revelando a influência norte-americana no cotidiano do país. A difícil situação é levada com “mutreta”, com artifícios criativos para driblar o rigor da censura e da ditadura militar, como os codinomes adotados por muitos compositores da época, em uma atitude de teimosia e de “pirraça” em defesa de sua liberdade de expressão. São necessárias “piruetas” e outras manobras para manter o sustento, principalmente a classe artística.*

## **Redemocratização e o surgimento de uma reflexão nacional sobre lazer (1985-1990)**

Quando estudamos o lazer como objeto de estudos no Brasil, observamos que as reflexões a este respeito começaram a ser sistematizadas a partir da década de 1970 através da incorporação das discussões de Joffre Dumazedier. Foi a obra de Dumazedier que aproximou Stanley Parker dos pesquisadores brasileiros. A



valorização do popular, presente na obra de Dumazedier (1979), e a lembrança da efervescência política nas artes, universidades e sindicatos conduziu à ideia da formação de agentes culturais. Já Parker (1978), por sua vez, discutia o lazer através da dicotomia lazer-trabalho, servindo inclusive de referência para Dumazedier (1979). As pesquisas sobre a influência do trabalho na sociedade brasileira estavam no seu início; as primeiras traduções sistemáticas de autores que focavam o tema são deste período (RIDENTI, 1999). A obra de Parker serviu para pensar a relação entre lazer e trabalho, mostrando algumas das contradições e interações possíveis (ALMEIDA, 2005).

Vale ressaltar que, neste primeiro momento, não houve a apropriação de cientistas norte-americanos, porque esta “busca” das características do povo brasileiro tinha como marca uma postura antiamericana (RIDENTI, 1999). A incorporação de autores dos Estados Unidos só veio a ocorrer no começo da década de 1990, quando no Brasil, através da globalização, começou-se a estudar os parques temáticos, o turismo e o lazer nas empresas, bem como os aspectos econômicos do lazer.

Devemos observar também que nas décadas de 1970 e 1980 quando Nelson Carvalho Marcellino, Renato Requixa e Paulo de Salles Oliveira discutiam o lazer, as pesquisas estavam permeadas pelos temas da cultura popular, sob influência de autores como Gramsci e pelo método educacional de Paulo Freire.

Gramsci destaca o conceito de hegemonia cultural, segundo o qual o poder das classes dominantes no modo de produção capitalista não reside apenas nos aparatos repressivos do Estado. Se fosse pela força, para inverter esta situação bastaria um aparato armado equivalente ou superior a serviço dos ideais do proletariado e das classes dominadas, cada vez mais numerosos. No entanto, este poder é exercido fundamentalmente pela hegemonia cultural em que as classes dominantes exercem o controle sobre as dominadas através do sistema educacional, das instituições religiosas e dos meios de comunicação que “educam” os dominados para a submissão como algo natural e convenient-

te, inibindo potenciais revolucionários. Assim, por exemplo, em nome da “nação” ou da “pátria” as classes dominantes fomentam no povo o sentimento de identificação com elas por uma união sagrada com os exploradores contra um inimigo exterior e a favor de um suposto destino nacional, no qual todas as classes sociais condicionam-se a um projeto essencialmente burguês.

Já a influência do renomado educador brasileiro, Paulo Freire, (pernambucano, nascido no ano de 1921 e falecido em São Paulo em 1997) destaca-se o seu trabalho na área da educação popular. Ele considerava que além da escolarização a educação deveria promover a formação da consciência. Paulo Freire é reconhecido como um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado *Pedagogia Crítica*. Ele delineou a *Pedagogia da Libertação*, intimamente relacionada com a visão marxista do terceiro mundo e das classes oprimidas. Segundo a visão de Freire, todo ato de educação é um ato político. Entre suas maiores contribuições no campo da educação popular está a alfabetização e a conscientização política de jovens e adultos operários, influenciando movimentos como o das Comunidades Eclesiais de Base (CEB).

Assim, Marcellino (1990) discute a inserção dos conteúdos culturais de lazer como forma de sistematização de uma política de lazer, propondo a formação de agentes culturais de lazer. Pela sua prática no Sesc, Marcellino (1995) pensou o lazer como atividades desenvolvidas dentro de um planejamento criterioso. As práticas espontâneas da cultura popular seriam racionalizadas, descritas e confrontadas com práticas novas. Visando, assim, à formação de quadros especializados em animação sociocultural, ou ainda profissionais voltados ao desenvolvimento de atividades de lazer junto à população (ALMEIDA, 2005).

A proximidade com as teorias de Dumazedier e de Parker e a inexistência de traduções de outras pesquisas que discutiam os aspectos econômicos e de mercado para o lazer globalizado, até o final da década de 1980, favoreceram a aglutinação do tema sobre Nelson Carvalho Marcellino. Tornando-se, então, uma refe-

rência nacional. Ele formulou uma proposta de estudo específica e constituiu um grupo de estudantes que ajudaram a divulgá-la e a reproduzi-la. Com uma forte inserção nas políticas públicas e nos governos de gestões petistas (Partido dos Trabalhadores – que elegeu o presidente da República em 2003, e reeleito em 2007, Luis Inácio Lula da Silva). Alguns exemplos de grandes centros que utilizaram o método de Marcellino são: Porto Alegre (STIGGER, 1996) e Belo Horizonte (BELO HORIZONTE, 1999).

Durante quase duas décadas a discussão no campo do lazer vai se concentrar no tempo livre, em contraponto ao tempo de trabalho. Segundo Marcellino (1987), o “tempo de lazer é o tempo de não obrigação social”, considerando obrigações sociais compromissos com a família, a religião, cursos, entre outros. A esta preocupação com o tempo disponível soma-se o caráter educativo do lazer sob a influência de Paulo Freire (MARCELLINO, 1995). Difundindo no discurso político a ideia de um lazer funcionalista, que poderia ser útil, por exemplo, para conter a violência urbana. Discutiu-se ainda a preservação e a transformação das áreas urbanas para facilitar o acesso ao lazer através da criação de parques, reservas florestais e áreas livres (ALMEIDA, 2005).

Outro autor que se destaca neste período é o antropólogo José Magnani que se dedicou à observação de grupos e comunidades, apontando características do lazer em classes desprivilegiadas ao publicar *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade* (1998).

## **A globalização e o lazer: a exclusão social e a inserção da indústria cultural mundial na cultura brasileira (1990- )**

O final do século XX foi marcado por importantes mudanças no âmbito econômico. Aconteceram a partir de 1980, principalmente com as políticas de Ronald Reagan e Margaret Thatcher, lideranças políticas em âmbito internacional baseadas, respectivamente, nos Estados Unidos e no Reino Unido.

O fenômeno internacional de reformulação do capital conhecido como *globalização, mundialização do capital ou neoliberalismo* caracteriza-se basicamente por três aspectos aparentemente distintos:

- liberalização financeira dos fluxos de capital;
- abertura da pauta comercial com baixa tarifação ou livre comércio;
- reestruturação das relações produtivas.

Com maior liberdade na circulação de dinheiro e mercadorias, as empresas encontraram novas formas de gerenciamento da produção, circulação, financiamento e acumulação de capitais. Nada disso seria possível sem uma revolução na tecnologia das comunicações, informática e transportes que reduziram distâncias geográficas e temporais (ALMEIDA, 2005).

Com a abertura política no começo da década de 1980, ocorreu um desenvolvimento vertiginoso da indústria cultural, principalmente em função dos investimentos que já tinham sido realizados durante o regime militar na área das comunicações, sempre sob controle dos órgãos de censura. Porém, enquanto a expressão típica da indústria cultural no regime militar caracterizava-se pelo nacional-desenvolvimentismo, a indústria cultural na redemocratização e nos períodos subsequentes é marcada pela globalização e pelo fim da censura. Estes dois acontecimentos proporcionaram o desenvolvimento de práticas de lazer típicas dos países desenvolvidos no Brasil, apesar da grande exclusão social e da dificuldade de acesso a um lazer pago para a maior parte da população (ALMEIDA, 2005).

Esta exclusão social, a globalização e a alta taxa de desemprego, refletiram em uma mudança de paradigma no lazer. As discussões e teorias sobre o lazer no tempo livre e que estavam pautadas na dicotomia lazer/trabalho ou na importância de formação defendidas por Marcellino e presente nas leituras de Dumazedier e Parker, entram em colapso metodológico. Isso

porque estas teorias foram estruturadas durante os efeitos da re-democratização no início da globalização. Ainda sob o frenesi do nacional popular e da pedagogia de Paulo Freire, e ajustadas aos resquícios do milagre econômico, da política de pleno emprego diante do crescimento do setor de serviços, das *leituras keinesianas* sobre o *Estado de bem-estar social* e à esperança de participação popular na política brasileira (ALMEIDA, 2003).

Com a globalização e o maior acesso à literatura internacional, diferentes grupos intensificam as discussões e interpretações científicas do lazer com base na leitura de autores clássicos, pós-modernos ou contemporâneos da sociologia que constroem novos paradigmas do lazer. Como o lazer contemporâneo se insere na globalização e quais as suas contradições? Eis a questão.

Dumazedier, na França, Parker, na Inglaterra, Grazia e Vebler, nos Estados Unidos, entre os principais, já haviam construído as teorias em seus países, pautados nos clássicos e na história particular da sua industrialização. Este mesmo fenômeno só vai ocorrer no Brasil após a globalização, mesmo que sem uma sistematização consensual (ALMEIDA, 2005).

Neste processo de globalização, a partir dos anos 1990, o Brasil adota uma política neoliberal caracterizada pelas privatizações e a diminuição da atuação do Estado nas diferentes esferas da vida, inclusive no lazer. A passagem do mundo do trabalho pela chamada reestruturação produtiva, levou:

- à terceirização;
- à informalidade;
- ao desemprego estrutural;
- à perda dos direitos trabalhistas;
- à quebra das organizações sindicais.

Uma das consequências foi o crescimento do setor terciário (serviços, comércios, entretenimento, lazer e turismo) em detrimento do setor secundário (indústria). Outras características importantes que também fazem parte deste novo modelo econômico são:

### **Leituras keinesianas e o Estado de bem-estar social**

As ideias keinesianas de um Estado de bem-estar significaram uma trégua, uma intervenção do Estado sobre os meios de produção e de acumulação de capital, do qual se esperaria o bolo crescer para assim depois poder dividi-lo. Trata-se de um acordo praticado no governo de Margaret Thatcher, na Inglaterra e de Ronald Regan, nos Estados Unidos. Segundo Bowles, citado por Claus Offe, este acordo representou, por parte da mão de obra, a aceitação da lógica do lucro e dos mercados como princípios orientadores da alocação dos recursos, das trocas internacionais, da mudança tecnológica, do desenvolvimento do produto e da alocação industrial. Em troca, as forças de trabalho teriam uma garantia de que seriam defendidos os padrões mínimos de vida, os direitos sindicais e os direitos democráticos liberais, seria evitado o desemprego em massa e a renda real subiria aproximadamente de acordo com a produtividade do trabalho, tudo isto através da intervenção do Estado, se necessário (OFFE, 1984).

- a supremacia da língua inglesa;
- a velocidade;
- o consumo;
- as relações efêmeras;
- a reformulação das concepções de tempo e espaço;
- a influência da imagem;
- a mundialização da cultura através da indústria cultural;
- a minimização do papel do indivíduo (PADILHA, 2002).

Apesar de a questão da exclusão social ter se tornado mais presente a partir do discurso sobre a globalização, no Brasil ela é muito mais um reflexo do período militar do que dos avanços neoliberais dos anos de 1990.

É importante, contudo, frisar que o país é muito desigual, apresentando regiões bem desenvolvidas e outras muito carentes. Apesar da melhora nos índices – como o aumento da expectativa de vida, a diminuição do crescimento vegetativo, a diminuição de analfabetos e uma pequena melhora na distribuição de renda – temos um típico quadro de país subdesenvolvido. O que se reflete no lazer, pois somente os setores de classe média e da classe alta usufruem de um amplo leque de alternativas. Podemos afirmar que no Brasil o lazer das classes alta e média, não se diferencia muito das outras grandes metrópoles do mundo. São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre etc. possuem praticamente as mesmas possibilidades de lazer que Nova York, Tóquio, Paris, Londres, etc. Existe à disposição um lazer globalizado com os parques temáticos, estrutura de turismo, academias de ginásticas e escolas de esportes, espetáculos de teatro, cinemas, apresentações nacionais e internacionais de música, bares e restaurantes finos com *chefs* da cozinha internacional (ALMEIDA, 2005).

A existência deste mercado de lazer voltado à população de mais recursos leva ao desenvolvimento de uma reflexão sistemática, principalmente com relação ao turismo, à hotelaria e aos esportes de aventura (TRIGO, 2000; BRUHNS, 2001; RAGO, 1999). Além disso, manifestações de cultura popular com mais visibilidade nos

meios de comunicação de massa, como o carnaval e a capoeira, constituem objetos específicos de pesquisa (BRUHNS, 1997).

O estudo das demais manifestações populares de lazer, contudo, avança com muita dificuldade em função do pouco acesso a financiamento e poucas possibilidades de divulgação dos resultados. As possibilidades de acesso ao lazer, por parte da população excluída e de baixa renda no Brasil, ficam cada vez mais restritas. Primeiro por falta de espaço, já que as ruas são palco da violência urbana, tornando a televisão o maior promotor do lazer. Além disso, cabe destacar a visita aos parentes e as festas populares. Os parques e áreas verdes, por sua vez, são poucos em relação à demanda, subutilizados em função da falta de investimentos e da ausência de uma política de coordenação com os demais órgãos públicos, além de muitas vezes localizarem-se nas regiões mais ricas das cidades (ALMEIDA, 2005).

De acordo com o IBGE ao final de 1990, 93% dos municípios brasileiros não têm sala de cinema e 94% não possuem um shopping. Cerca de 85% das cidades não contam com museus ou teatros, 35% não tem ginásio esportivo e cerca de 25% não possuem bibliotecas públicas (WERNECK, 2001, p. 45).

Estes dados apresentam a diferença entre as capitais e os grandes centros populacionais, frente aos lugares com baixa densidade demográfica de um território muito extenso.



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 2

2. Justifique a afirmativa a seguir, diferenciando as manifestações da indústria cultural no regime militar e nos períodos posteriores à redemocratização no Brasil:

Enquanto a expressão típica da indústria cultural no regime militar caracterizava-se pelo nacional-desenvolvimentismo, a indústria cultural na redemocratização e nos períodos subsequentes é marcada pela globalização e pelo fim da censura (ALMEIDA, 2005, p. 23).

[illegible]

### ***Resposta Comentada***

*O nacional-desenvolvimentismo brasileiro caracterizou-se pelo ufanismo, pelo nacionalismo exagerado em que todo o sacrifício da população seria justificado pelo crescimento do país. A indústria cultural era acessível às classes média e alta. Pautou-se na imposição pública de símbolos nacionais e campanhas publicitárias que se utilizaram principalmente do cinema para difundir a consciência de nação e de patriotismo, moderados pela disciplina, pela moral e pela censura através da força militar. A televisão se tornou o principal aliado aos interesses políticos e econômicos. A opção de lazer domiciliar diante da repressão às manifestações populares, além do uso político do esporte em programas como Esporte Para Todos. Com a redemocratização e a globalização, dando maior acesso aos padrões internacionais de comportamento e consumo, a censura explícita é substituída pelo conceito de hegemonia cultural. A indústria cultural se apropriou destes aspectos e de manifestações populares para uma produção em massa. O lazer se consolida como um produto na lógica do mercado capitalista. O futebol, o carnaval e a capoeira (por exemplo) se impõem como identidade nacional e, ao mesmo tempo, são tratados como “produtos de exportação”, que diferenciam e exaltam o Brasil no cenário internacional.*



Com a globalização e o desemprego estrutural, as discussões nacionais sobre lazer, fundamentadas nas leituras de Duma-zedier e Parker, entram em esgotamento metodológico (ALMEI-DA, 2003). Este quadro permite perceber, em resumo, três novas tendências de pesquisa na área:

- uma tentativa de redefinir o lazer através da recuperação dos autores clássicos das ciências humanas à luz dos acontecimentos atuais;
- uma apropriação das reflexões dos autores chamados de pós-modernos e
- uma tentativa de sistematizar uma reflexão do campo do lazer voltada especificamente à implementação de políticas públicas e iniciativas do terceiro setor.

Durante os últimos anos, autores brasileiros procuraram pensar o lazer a partir de autores clássicos como, por exemplo, Marx, Adorno, Weber e Thompson (BRUHNS, 2002); Lukács (ANTUNES, 2001); Freud, Marcuse e Reich (GUTIERREZ, 2001); Habermas (GUTIERREZ, 2002) e Norbert Elias (GEBARA, 2000). Estas reflexões ampliaram o debate, questionando a produção fundamentada da dicotomia lazer-trabalho, representada principalmente por Marcellino.

Vamos analisar as contribuições:

Norbert Elias: Gebara (2000) publica o texto “Norbert Elias e as teorias do processo civilizador: contribuição para a análise e a pesquisa do campo do lazer”, no qual define o lazer a partir de uma decisão individual e não mais vinculado diretamente a um tempo determinado socialmente, como ocorre na tradição da dicotomia lazer/trabalho. Assim, o lazer é encarado como a busca de um descontrole medido, dentro das regras que constituem a sociedade. Um motivo que facilitou a divulgação da obra de Elias, assim como Dunning, foram suas pesquisas sobre futebol. Os autores interpretam os excessos das explosões fortes e apai-

xonadas dos torcedores como um momento em que as restrições sociais e instituições de controle que submetem o indivíduo em sociedade são amortecidas ou relaxadas (ELIAS; DUNNING, 1992), característica das atividades de lazer;

Habermas: a reflexão a partir de Habermas aponta que o lúdico pode ser encontrado tanto no mundo da vida como nos sistemas dirigidos pelos meios de poder e a moeda. O lazer, segundo esta interpretação, caminha juntamente com a evolução social, a transformação do mundo da vida e a inovação dos sistemas. Neste caso, o lazer de consumo encontra-se subordinado à lógica da expansão dos sistemas dirigidos pelos meios. Poder e dinheiro, enquanto outras formas de lazer se encontram ligadas à cultura popular e à sociabilidade espontânea no mundo da vida (GUTIERREZ, 2002; ALMEIDA, 2003).

Uma contribuição importante da obra de Habermas é questionar o lazer compreendido como, de um lado, um bem ou serviço de consumo à venda no mercado e, do outro lado, um lazer “verdadeiro” a exemplo de manifestações populares ou comunitárias.

Rago e Brunhs: autores influenciados pelas ideias da pós-modernidade, como verificamos em Rago (1999) e Brunhs (2000), tratam de temas como o individualismo, a sobrevalorização da aparência, a intranscendentalidade dos valores e a performance (RAGO, 1999). Tudo isso potencializado pela utilização intensiva do instrumental técnico mais recente disponível, como é o caso das comunicações e da informática (BRUHNS, 2001). Alguns aspectos do lazer são privilegiados como, por exemplo, o esporte de aventura, o encantamento com a natureza, o turismo ecológico, o conceito de tribo e formação de grupos e o corpo como expressão da cultura. Enfim, o pós-moderno, por não adotar um referencial teórico rígido, encontra no objeto lazer um tema propício à exaltação do *pastiche*.

### **Pastiche**

É definido como obra literária ou artística em que se imita grosseiramente o estilo de outros escritores, pintores, músicos, etc. O pastiche pode ser plágio, por isso tem sentido pejorativo, ou é uma recorrência a um gênero. Modernamente, o pastiche pode ser visto como uma espécie de colagem ou montagem, tornando-se uma paródia em série ou colcha de retalhos de vários textos. Nem sempre é grosseiro, como demonstra o romance *Em liberdade*, de Silviano Santiago, por exemplo, que é pastiche do estilo de Graciliano Ramos.

Observamos, assim, que o lazer veio amadurecendo como campo de estudo paralelamente às práticas sociais associadas ao tempo, às políticas e à tecnologia adotadas no mercado de trabalho e de produção das cidades. Ainda há muitas possibilidades de aplicação e de análise sobre os potenciais do lazer em diferentes áreas do conhecimento, principalmente diante da intensa e expansiva indústria do entretenimento, assunto que detalharemos na próxima aula.



## Atividade Final

---

### Atende ao Objetivo 3

Com a redemocratização, soma-se à preocupação e aos estudos do tempo livre *versus* tempo de trabalho o caráter educativo do lazer sob a influência de Paulo Freire (MARCELLINO, 1995). Comente a influência de Paulo Freire nos estudos do lazer, especialmente em relação à proposta de formação de agentes culturais, de Marcellino (1995).

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### Resposta Comentada

*Segundo Paulo Freire, “todo ato de educação é um ato político”. Com base neste preceito, Marcellino difunde no discurso político a ideia de um lazer funcionalista, que poderia ser útil, por exemplo, para conter a violência urbana. Discutiu-se ainda a preservação e a transformação das áreas urbanas para facilitar o acesso ao lazer. Através da criação de parques, reservas florestais e áreas livres e a inserção dos conteúdos culturais de lazer como forma de sistematização de uma política de lazer, propondo a formação de agentes culturais de*

*lazer. Pela sua prática no Sesc, Marcellino pensou o lazer como atividades desenvolvidas dentro de um planejamento criterioso, em que as práticas espontâneas da cultura popular seriam racionalizadas, descritas e confrontadas com práticas novas.*

## **Resumo**

O crescimento e a valorização das práticas de lazer são fruto dos processos de conquista do tempo livre, legalização dos direitos trabalhistas, industrialização e urbanização. Processos estes que se manifestam de diferentes formas na sociedade, visto que são reflexos de contextos socioeconômicos, políticos e culturais. No Brasil, considera-se três fases históricas para os estudos do lazer:

- nacional-desenvolvimentismo: de 1946 a 1964;
- regime Militar: 1964-1985;
- redemocratização e globalização: a partir dos anos 1990.

Traçamos o contexto social, político e econômico e as principais influências e reflexos no campo do lazer como prática social, como produto do capitalismo e como instrumento político. Tanto quando aplicado à educação no despertar para a cidadania, quanto como instrumento de manipulação. Novos estudos sobre o lazer ampliam a visão da dicotomia tempo de trabalho *versus* tempo de lazer, frente às novas tecnologias de informação e o contexto da globalização. A indústria cultural adapta seus programas como produtos para as novas mídias de massa.

Atualmente, a maioria dos bens e serviços de lazer estão submetidos às mesmas leis de mercado de outros segmentos da economia. Isso pode trazer graves problemas para o desenvolvimento social e cultural da sociedade no que diz respeito à igualdade de acesso a esses serviços, ocasionando a segregação do acesso ao lazer.

A renda, a escolaridade, o sexo, o local de moradia e a faixa etária são os fatores determinantes para a segregação de públicos no acesso a determinados tipos de lazer, como o lazer físico-esportivo, o artístico, o intelectual e o turístico. Esses fatores seguem a lógica observada no acesso a bens e serviços como habitação e saúde, quando a sua realização implica gastos, seja de implantação, seja de acesso.

Podemos dizer que o lazer da classe média no Brasil, após o desenvolvimento industrial e das cidades acompanha, com algumas peculiaridades como a censura, o desenvolvimento do lazer dos países industrializados. Ao mesmo tempo, os setores de mais baixa renda tiveram seu espaço de lazer, como a rua e manifestações populares, diminuído. Com pouco dinheiro e frente às crises emergentes na economia mundial o refúgio é a casa e as telenovelas, que também serviam como propagandas políticas do regime. Estes dois lados do lazer levam-nos a afirmação que o regime militar possibilitou a elitização do lazer, ou ainda uma concepção dual de lazer, que seria ampliada na globalização.

Propõe-se aos estudiosos e profissionais do lazer atentar para esta desigualdade e promover, junto ao poder público e as organizações sociais, ações que ampliem o acesso da população menos favorecida às práticas do lazer. Trabalhar o lazer como fonte de desenvolvimento tanto pessoal quanto local, gerando oportunidades de convivência, aprimoramento e geração de renda e qualidade de vida, conforme a realidade observada em seu campo de atuação.

## **Informação sobre a próxima aula**

A partir desta reflexão sobre o contexto socioeconômico e político do lazer no Brasil, veremos na próxima aula as principais características e reflexos da indústria do entretenimento no Brasil e no mundo.



# 10

## A indústria do entretenimento

*Simone Dantas*

### Meta da aula

Apresentar o contexto de evolução da indústria do entretenimento no Brasil quanto aos conceitos e práticas em seu processo histórico, social, econômico e político.

### Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1** identificar as origens e a evolução da indústria do entretenimento;
- 2** analisar a economia do entretenimento e sua aplicação sociocultural.

## Introdução

Vimos na aula anterior que, com a abertura política no Brasil, no começo da década de 1980, ocorreu um desenvolvimento vertiginoso da indústria cultural. Isso aconteceu principalmente em função dos investimentos que já tinham sido realizados durante o regime militar na área das comunicações, sempre sob o controle dos órgãos de censura. Porém, enquanto a expressão típica da indústria cultural no regime militar caracterizava-se pelo nacional-desenvolvimentismo, a indústria cultural na redemocratização e nos períodos subsequentes é marcada pela globalização e pelo fim da censura. Estes acontecimentos proporcionaram o desenvolvimento de práticas de lazer típicas dos países desenvolvidos no Brasil, apesar da grande exclusão social e da dificuldade de acesso a um lazer pago para a maior parte da população (ALMEIDA, 2005).

Gradativamente, destaca-se da indústria cultural a *indústria do entretenimento*, com notável impulso em meados do século XX e início do século XXI, paralelamente à abertura de mercado para o capital internacional e ao aperfeiçoamento dos meios de comunicação. O desenvolvimento da tecnologia proporcionou uma considerável proliferação na oferta de atividades: desde os grandes espetáculos de teatro, a invenção do cinema (um dos primeiros produtos da incipiente indústria do espetáculo), a criação da possibilidade de registros sonoros, desde as velhas “bolachas de cera” e as fitas cassete até os CDs e hoje MP3 e suas variações continuamente aperfeiçoadas; a invenção e abrangência de comunicação do rádio; a criação e o aperfeiçoamento da televisão (uma das mais importantes mídias do mundo moderno), as filmadoras, o videocassete e os DVDs de uso doméstico, as gerações de *videogames*, a popularização do computador como instrumento de entretenimento e de conexão com um universo de possibilidades. O crescimento do hábito de viajar e de praticar diferentes segmentos do turismo, “tudo isso vai se organizando e se transformando em uma grande e influente máquina inter-



nacional de comércio, da qual se destacam, pelo pioneirismo, profissionalismo e poder, as organizações norte-americanas” (MELO, 2003, p. 13).

## A indústria do entretenimento

Segundo Melo:

Claro que esse arsenal não é uma máquina ingênua, “simplesmente destinada à diversão”. Por trás dela encontra-se a potencialização dos velhos mecanismos de obtenção de lucros diretos e indiretos já implementados pelas classes dominantes na origem do capitalismo. É comum encontrar, atrelada a tais produtos, a difusão de um sentido de lazer associado à alienação: “não pensar em nada”, “desligar a mente”. Contra tais compreensões simplistas, pretendemos nos posicionar no decorrer deste livro (MELO, 2003, p. 13).

Entendendo o tempo livre como o tempo de que dispomos fora das obrigações do trabalho remunerado e das obrigações com cuidados pessoais, familiares, entre outras, encontramos duas possibilidades de uso deste tempo para o lazer: o *ócio* ou o lazer passivo, ou “o nada fazer”. Tanto na tradição clássica de Aristóteles quanto na visão moderna de Domenico de Masi, corresponde ao tempo de relaxamento e contemplação no qual afloram a criatividade. E o *entretenimento*, correspondendo ao uso deste tempo para alguma atividade, ou seja, o lazer ativo. Vimos que Dumazedier (1979) identifica os tipos de lazer como lazeres físicos, práticos, intelectuais, artísticos ou sociais. Neste sentido, identificamos uma série de atividades possíveis de serem praticadas como lazer em nosso tempo livre para nos *entreter*.

Contudo, de modo geral, atribui-se uma tênue diferenciação entre os conceitos de lazer e de entretenimento. Considera-se o entretenimento como uma forma pós-moderna de usufruir o tempo de lazer, com atividades via de regra pagas e/ou que necessitam de recursos tecnológicos, de instrumentos ou equi-

pamentos específicos para sua fruição e por sua produção estar voltada para a cultura de massa. Ou seja, corresponde aos interesses do *capitalismo neoliberal*.



O *neoliberalismo* surgiu na década de 1970, através da Escola Monetarista do economista Milton Friedman, como uma solução para a crise que atingiu a economia mundial em 1973, provocada pelo aumento excessivo no preço do petróleo. Pode ser entendido como um conjunto de ideias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do Estado na economia. De acordo com esta doutrina, deve haver livre mercado, ou seja, total liberdade de comércio. Este princípio garantiria o crescimento econômico e o desenvolvimento social de um país. Se quiser saber mais sobre este assunto, procure no endereço: <http://www.suapesquisa.com/geografia/neoliberalismo.htm>

É certo que a *indústria do entretenimento* movimenta diferentes setores da economia, num sistema de expansão cada vez mais abrangente. Contudo, a lógica e o efeito do capital neoliberal são de concentração vertical, ou seja, há o domínio centralizado por determinados grupos empresariais das redes de produção e de influências e de seus principais canais de distribuição, que rapidamente se multiplica globalmente através dos eixos de comunicação, dominando todo o processo de produção e de consumo, promovendo reflexos socioculturais e econômicos. Há um fomento para a competitividade empresarial e para a produção de celebridades em constante *ranking* (semelhante ao que ocorre em campeonatos esportivos) por seus grupos de interesses. Tudo isso repercutindo na opinião pública através dos sistemas de comunicação e influenciando o comportamento de gerações.

Este fenômeno vem ao encontro do conceito de hegemonia cultural de Gramsci, em que as classes dominantes exercem o controle sobre as dominadas por meio do sistema educacional, das instituições religiosas e dos meios de comunicação. Também consolida a visão de Riesman, que, em sua obra *A multidão solitária*, publicada originalmente em 1950, mostrava pela primeira

vez o tempo de lazer cada vez mais orientado para práticas e valores nascidos do universo invasor dos meios de massa, com encontros diversificados, viagens, atividades corporais livres, grupos de iguais (CAMARGO, 2001, p. 241).

A ideia de que nascemos livres e iguais é em parte verdadeira e em parte enganosa; na realidade nascemos diferentes, mas perdemos nossa liberdade tentando ser iguais aos outros (RIESMAN, 1995).

De acordo com o professor doutor Luiz Gonzaga Godoi Trigo, da Universidade de São Paulo (USP), que desenvolveu sua tese de livre-docência sob o título *Entretenimento: uma crítica aberta*,

[...] segundo os elitistas, enquanto a arte trata cada espectador, ouvinte ou leitor como indivíduo, provocando uma resposta individual à obra, o entretenimento trata as suas plateias como massa. Com tudo isso, o entretenimento é mesmo divertido, fácil, sensacional, irracional, previsível e subversivo. É um espetáculo para as massas, como bem afirmou Debord (TRIGO, 2008, p. 32).

Trigo refere-se ao francês Guy Debord (1931-1994), pensador situacionista pós-marxista, autor de *A sociedade do espetáculo*, publicado em 1967. No livro, Debord desenvolve uma crítica radical a todo e qualquer tipo de imagem que leve o homem à passividade e à aceitação dos valores preestabelecidos pelo capitalismo. Afirma que “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”.

Ou seja, pela mediação das imagens e mensagens dos meios de comunicação de massa, os indivíduos em sociedade abdicam da dura realidade dos acontecimentos da vida e passam a viver num mundo movido pelas aparências e consumo permanente de fatos, notícias, produtos e mercadorias.

(...)

O espetáculo consiste na multiplicação de ícones e imagens, – diz Debord – principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias – tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia. O espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida. É a forma mais elaborada de uma sociedade que desenvolveu ao extremo o “fetichismo da mercadoria” (felicidade identifica-se a consumo). Os meios de comunicação de massa – diz Debord – são apenas “a manifestação superficial mais esmagadora da sociedade do espetáculo, que faz do indivíduo um ser infeliz, anônimo e solitário em meio à massa de consumidores” (BAHIA, 2003).



Fonte: <http://tecnologiaurbana.com.br/?p=508>

Você já ouviu falar em Second Life?

Second Life é um ambiente virtual e tridimensional criado em 1999 e desenvolvido em 2003, atualmente mantido pela empresa Linden Lab. Neste ambiente, o usuário da internet cria uma personagem de si próprio, chamada no ambiente de “avatar”, e simula aspectos da vida real e social do ser humano. Pode ser encarado como um mero simulador, como um jogo, como uma rede virtual, mas não deixa de ser um comércio virtual em que cada usuário cria para si uma “segunda vida”, uma vida paralela na qual tudo é possível no universo do impossível. É ou não é um “espetáculo”, conforme previa Debord em 1967?



## Atividade

### Atende ao Objetivo 1

1. Identifique a diferenciação entre as expressões indústria cultural e indústria do entretenimento, ressaltando o cenário político e socioeconômico em que estas expressões se manifestam no Brasil.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### **Resposta Comentada**

*A indústria cultural se manifesta durante o período do nacional-desenvolvimentismo, com o intuito de reforçar uma identidade de nação como um todo e sob domínio político. Sua produção foi cerceada pela censura durante o regime militar, sendo exaltados os símbolos nacionais e reproduzido um conceito de cultura clássica que atendia a uma minoritária elite dominante.*

*A indústria do entretenimento corresponde a uma dimensão da produção cultural voltada para as massas, para o grande público. Emerge no processo de globalização e do capitalismo neoliberal, frente à abertura dos mercados internacionais e às novas tecnologias de comunicação, sob domínio da cultura americana, que transforma todos os recursos em produtos e todos os indivíduos em consumidores durante o que seria o tempo livre para o lazer.*

Esta concepção do lazer produzido para as massas é a que melhor caracteriza a expressão *indústria do entretenimento*, emergente no período posterior à Segunda Guerra Mundial e associada ao processo de globalização, especialmente no contexto neoliberal. Esta *indústria* gera a economia do entretenimento, que encontra nos estudos relacionados ao *tempo* dedicado ao *lazer doméstico*, no *turismo*, no *esporte* e na *cultura* suas áreas

principais. Conforme analisa o economista e professor do Instituto de Economia da UFRJ, Fábio Sá Earp, em *Pão e circo – fronteiras e perspectivas da economia do entretenimento* (EARP, 2002).

Assim, encontramos na popularidade da televisão um dos veículos mais utilizados como entretenimento. Poderíamos confundir com o lazer passivo (contemplativo), sendo que a TV, como recurso midiático, nos transforma em consumidores para a proliferação de conceitos, moda, comportamento e produtos, por meio da informação sob a forma de espetáculo.

Também ler, ouvir música e navegar na internet são componentes expressivos da economia do entretenimento, na medida em que existe hoje toda uma cadeia produtiva para que estes produtos cheguem ao consumidor final sob a forma “ser impossível não saber/conhecer/ter”. Assistir a grandes espetáculos musicais ou esportivos, ou mesmo ir ao teatro ou ao cinema, também são atividades de entretenimento. Estas integram cadeias produtivas próprias – desde a sua criação, desenvolvimento de conteúdo, divulgação, distribuição e interface com o consumo – que seguem a lógica de atribuir *status* e pertencimento a grupos de iguais.

Assim, também encontramos o turismo como um campo de estudo da economia do entretenimento, na visão de Fábio Earp (2002, p. 25). Tais estudos de demanda e de oferta encontram na mediação e nos recursos de comunicação os fatores estratégicos para o seu desenvolvimento. Estas pesquisas trabalham com os ideais e as expectativas dos potenciais consumidores. Como exemplo de empreendimentos que atuam neste mercado: os parques temáticos como a Disney e a representação dos cenários e personagens que permeiam o imaginário de crianças e adultos. Las Vegas – a meca dos cassinos, da ostentação, da liberdade e do consumo – e Rio de Janeiro – a cidade do samba e do carnaval – são conceitos criados que despertam expectativas e, para atendê-las, transformam-se em diferentes produtos.



**Figura. 10.1:** Vista panorâmica de Las Vegas Strip, a avenida dos cassinos e hotéis mais concorridos.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Las\\_Vegas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Las_Vegas)

Uma característica interessante é que a difusão do entretenimento junto às novas tecnologias de comunicação tem aproximado o tempo de lazer do tempo de trabalho, tornando cada vez mais diluída a dimensão destes tempos. Recursos que têm uma função profissional associam-se ao entretenimento dentro e/ou fora do tempo de lazer e no ambiente de trabalho. Aparelhos celulares nos permitem acessar internet, tirar fotografias, compartilhar mensagens com os amigos e até assistir à programação da TV. Computadores dispõem de programas para jogos eletrônicos dos mais diversos e acessos às comunidades de relacionamentos por afinidades e também para as mais diferentes finalidades. Aparelhos reprodutores de músicas, como MP3, MP4 e variações, nos acompanham com fones cada vez menores. Os *shopping centers* são locais de trabalho e ao mesmo tempo se constituem em centros de consumo, de convivência e de lazer.

Tais conjugações têm produzido no mercado uma fusão também de grandes negócios, com altos investimentos e riscos igualmente, que acompanham a predisposição da demanda para o consumo de um produto de entretenimento bem-sucedido. Assim, observamos que um livro pode dar origem a um filme. Este filme pode passar com sucesso nas bilheterias dos cinemas e ser reproduzido em DVD para venda e locação. Os atores principais deste filme podem se transformar em brinquedos e em uma in-

finidade de outros artigos. A trilha sonora é reproduzida em CDs ou comercializada por faixas na internet, e o filme pode até dar origem a lojas, restaurantes ou parques temáticos.



Harry Potter: um fenômeno de consumo com impacto cultural.

Fonte: <http://www.bing.com/images/search?q=Harry+Potter&FORM=IGRE#>

Você acompanhou a série de episódios Harry Potter? Desde o lançamento do primeiro livro, *Harry Potter e a pedra filosofal*, em 1997, até os seis livros lançados em sequência, foram vendidas mais de 490 milhões de unidades no mundo. Seis deles se transformaram em filmes distribuídos mundialmente. Sua autora, J.K. Rowling, tornou-se a mulher mais rica da literatura, segundo a revista *Forbes* de 2004. Também notável é o desenvolvimento de uma grande massa de seguidores. A ansiedade desses fãs a cada último lançamento da série fez com que livrarias em todo o mundo fizessem festas para coincidir com o lançamento à meia-noite dos livros, começando em 2000

com a publicação de *Harry Potter e o cálice de fogo*. Esses eventos, geralmente incluindo jogos, pintura facial, concurso de fantasias etc., alcançaram grande popularidade entre os fãs de Potter e foram muito bem-sucedidos ao atrair fãs e vender quase 9 milhões dos 10,8 milhões de livros da tiragem inicial de *Harry Potter e o enigma do príncipe*, nas primeiras 24 horas após o lançamento.

Veja mais sobre os conteúdos e o impacto cultural desta megaprodução no endereço: <http://entretenimento.uol.com.br/harry-potter/saga-do-bruxo/index3.jhtm>

Você percebeu a dimensão da economia do entretenimento?

As atividades de entretenimento sempre exigirão meios que são pagos – seja pelo cliente final ou pelo investimento de patrocinadores – para garantir uma cadeia produtiva (indústria) do entretenimento. Esta tem por finalidade a *diversão* ou, sob olhares mais críticos como os de Debord, a *distração*. Desviam a atenção dos indivíduos dos aspectos sérios da vida – situação da política, do mercado financeiro, ou de trabalho, crises sociais, entre outros – para a ação livre das organizações que regem o



cenário político e econômico global. Tais críticas incidem mais sobre a qualidade, a consistência e os objetivos dos conteúdos produzidos para fins de entretenimento. A responsabilidade de produção e de distribuição destes conteúdos exige critérios que avaliem os impactos na cultura geral das sociedades envolvidas, razão e importância da intensificação dos estudos sobre temas cada vez mais diferenciados e complexos em relação ao lazer.

Analisaremos ainda nesta disciplina as políticas públicas de lazer, que tratarão fundamentalmente das premissas para a oferta de serviços e equipamentos de lazer. São investimentos feitos pelo poder público para garantir o acesso da população, independentemente do seu poder aquisitivo. Já não cabe aqui tratar de censura como vivenciamos durante o regime militar. Ao contrário, vamos refletir sobre como os poderes públicos podem incentivar a iniciativa privada a promover ações e programas de entretenimento mais democráticos e com potencial cultural, de modo a promover o desenvolvimento nas sociedades envolvidas.

Você assistiu ao filme *Os Desafinados*, lançado em 2008?

O filme tem início na década de 1960, quando Joaquim (Rodrigo Santoro), Dico (Selton Mello), Davi (Ângelo Paes Leme) e PC (André Moraes) são jovens músicos e compositores partindo para Nova York em busca de sucesso. Lá eles formam um grupo, chamado Os Desafinados, e integram o movimento que lançou a bossa nova. Ao longo dos anos, eles acompanham o cenário político e musical do Brasil. Neste sentido, observamos a hegemonia cultural americana, o retrato do “sonho americano” dos brasileiros, a censura e a repressão sobre a vida e a música nos períodos de ditadura, mas observamos também a memória destes acontecimentos registrada com o romantismo que permeava a sociedade. Assista ao *trailer* do filme, disponível no *link*: <http://www.youtube.com/watch?v=rEmL7mdnERc&feature=related>



*Os Desafinados*, um filme de Walter Lima Jr.

Fonte: <http://www.cinepop.com.br/filmes/desafinados.htm>

De acordo com Camargo (2001), a renda, a escolaridade, o sexo, o local de moradia e a faixa etária são os fatores determinantes para a segregação de públicos no acesso a determinados tipos de lazer, como o lazer físico-esportivo, o artístico, o intelectual e o turístico. Segundo o autor, esses fatores

Operam dentro da mesma lógica observável no acesso a bens e serviços como habitação e saúde, quando se concretizam sob a forma de bens materiais ou quando a sua realização implica gastos, seja de implantação, seja de acesso. (CAMARGO, 2001, p. 259)



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 2

2. Certamente você conhece o filme brasileiro *Tropa de elite*, não é? Lançado em 2007, o filme foi baseado no *best-seller Elite da tropa*, livro do antropólogo Luiz Eduardo Soares e dos ex-oficiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) André Batista e Rodrigo Pimentel. O livro apresenta histórias reais do dia a dia da corporação. Dirigido por José Padilha, o filme tem como tema a violência urbana na cidade do Rio de Janeiro e as ações do Bope. O filme teve grande repercussão antes mesmo de chegar às telas do cinema, pois chegou ao público pelo mercado pirata e pela internet, transformando-se em uma verdadeira febre nacional e sendo premiado internacionalmente no ano de 2008. Segue abaixo um resumo das críticas dirigidas ao filme, escrito por Georgeton de S. Franco Neto. Relate a sua opinião sobre o filme, refletindo sobre as influências socioculturais reproduzidas em *Tropa de elite* e sobre os possíveis impactos na imagem da cidade do Rio de Janeiro como cenário desta superprodução e destino turístico nacional.

O trabalho de José Padilha causou polêmica antes mesmo de entrar em cartaz. Além de ser o mais pirateado do cinema brasileiro, o filme foi acusado de fascista, de estimular a violência policial, unilateral, até de ser de direita (se é que isso é xingamento?!). Nada disso procede! O que incomodou parte da crítica e da “intelectualidade” foi o fato de o filme ser direto e de colocar as coisas em seus lugares.

Primeiro, a corrupção policial é bem retratada. Porém, o diretor não se furta a mostrar que existem policiais honestos, caso dos aspirantes Neto e Matias.

Segundo, os bandidos são bandidos, e não benfeitores em busca da terra perfeita. O cinema nacional tem tradição em reproduzir bandidos charmosos, do *O Bandido da Luz Vermelha* a *Carandiru*. Não se trata de criar personagens sem profundidade psicológica, de esconder o lado humano do vilão. Mas, sim, de deixar de lado a mania, comum por aqui, de que o meio social é a única força a determinar o destino das pessoas. No mundo real, essa ideia filosófica séria tornou-se discurso raso, que serve apenas para eximir a culpa de criminosos. No mundo das artes, ele chegou à exaustão. A maior prova é o próprio *Tropa de Elite*, considerado como renovador do gênero.

O cinema nacional estava saturado do mesmo esquema para retratar a criminalidade. E o público também: a forma como Padilha retratou a bandidagem que mais agradou o público. Os criminosos são violentos, egoístas, interessados no lucro. Ainda assim, o diretor mostra o lado humano deles: quando o chefe do morro se vê ameaçado, sua primeira atitude é enviar a esposa e o filho para um lugar seguro.

O filme foi injustamente acusado de fazer apologia à tortura. O próprio diretor em entrevista condenou as práticas do Bope. Ocorre, na verdade, uma confusão entre o ponto de vista do narrador (em primeira pessoa) e o do diretor. A visão de Padilha é maior do que a do Capitão. Em uma das incursões do Bope, Capitão Nascimento utiliza a tortura e invade residência em busca de um traficante. Um dos policiais se opõe aos métodos e pede para se retirar com sua equipe. Será que um filme assim pode ser considerado fascista???

Reinaldo Azevedo, em artigo publicado na última revista *Veja*, defende que a revolta da “intelectualidade” com o filme decorre da forma como a classe média e os intelectuais são retratados: como financiadores do tráfico. Através de uma classe de estudantes de Direito, o diretor retrata com fidelidade máxima os debates rasteiros promovidos em sala de aula, a crítica sem fundamento contra as instituições e a associação entre os estudantes e o tráfico. O vínculo entre ambos se dá por meio de uma ONG, como muitas que existem e que apoiam o narcotráfico.

Por causa desse quadro cru, sentindo-se atingidos, uma patrulha ideológica do politicamente correto promoveu

ataques ao filme, alegando uma oposição às práticas de tortura retratadas, como a asfixia com saco plástico. Muitos desses críticos que se sentiram mal com o filme se divertem com as torturas de Jack Bauer.

O público fez ouvido de mercador e encheu os bolsos dos vendedores de DVDs piratas e as salas de cinema. Os espectadores torcem pelo Capitão Nascimento. Isso não significa apoio à tortura. O público sabe diferenciar a tortura da ficção da real. Eles simplesmente exorcizam seus medos.

Fonte: <http://www.cinepop.com.br/criticas/tropadeelite.htm>

[illegible]

### ***Resposta Comentada***

*A arte imita a vida ou a vida imita a arte? Eis uma questão a se refletir no momento de produzir um espetáculo de ampla abrangência, para diferentes perfis de público. A cidade maravilhosa, “cartão-postal” e “porta de entrada do turismo no Brasil” tem graves problemas socioeconômicos, impossíveis de serem camuflados frente aos sistemas de comunicação. A questão é, diante da dura realidade já vivida na cidade, expandir para o mundo esta triste experiência sob forma de entretenimento, de espetáculo. O próprio processo de divulgação do filme passou pela pirataria, pelo contrabando, o que não deixou de ser um ingrediente para o seu sucesso. Seria este também um reflexo da “malandragem carioca”? O quanto transformar esta realidade em espetáculo produzirá heróis de um lado e do outro do conflito entre bandidos e policiais, como em um “circo” à moda romana dos gladiadores? Se, por um lado, o cartão-postal da cidade pode ser arranhado pelas imagens de violência reproduzidas em Tropa de elite,*

*e que estão presentes constantemente nos noticiários da imprensa internacional, por outro, não é curioso observar o interesse de moradores e turistas em visitar as comunidades que serviram de cenário para este filme? Pelo bem ou pelo mal, quantos produtos – adesivos, camisetas, bonés, CDs –, sobretudo o estilo musical agressivo, entre outros, foram derivados deste filme e quantos ainda serão em sua segunda edição, sustentando o mercado formal e informal? Este é o poder da indústria do entretenimento.*

Com a indústria do entretenimento, o acesso ao lazer está associado aos recursos tecnológicos, tanto de uso doméstico quanto profissional, e sua programação está acessível por meio de empresas patrocinadoras ou mediante o pagamento de seus usuários finais. Com pouco dinheiro e frente às crises emergentes na economia mundial, o refúgio é a casa e as telenovelas, que também servem como propagandas políticas do regime e da hegemonia cultural, enquanto distraem ou divertem.

Cabe, portanto, aos estudiosos e profissionais do lazer atentar para esta desigualdade e promover, junto ao poder público e às organizações sociais, ações que ampliem o acesso da população menos favorecida às práticas do lazer. Trabalhar o lazer como fonte de desenvolvimento tanto pessoal quanto local, gerando oportunidades de convivência, aprimoramento e geração de renda e qualidade de vida, conforme a realidade observada em seu campo de atuação.



## Atividade Final

---

### Atende aos Objetivos 1 e 2

Leia os trechos do artigo a seguir e responda à questão:

Como você justificaria o crescimento da indústria do entretenimento em meio às recessões econômicas internacionais, uma vez que, de modo geral, seus bens e serviços são considerados supérfluos frente às outras necessidades humanas como habitação, saúde, segurança, educação e alimentação?

**Uma indústria em constante expansão: com seguidos anos de crescimento, a indústria de entretenimento mostra força e sobrevive às crises econômicas**

Publicado em 25/02/2005 - 02:00 - Por Renato Marques

Em meio à recessão que seguiu os atentados em Nova York e Washington, em 11 de setembro de 2001, poucos setores da economia continuaram obtendo bons desempenhos. Um deles, naturalmente, pelos fatos que sucederam os ataques, foi o de armamentos. Outro que vem alcançando sucessivos resultados positivos é o setor de entretenimento. De alguma maneira, favorecidas pela “depressão” mundial, as indústrias da área vêm aumentando a sua penetração, chegando a um faturamento anual de US\$ 23 bilhões (R\$ 60,5 bilhões).

“É difícil negar que boa parte desses resultados se deve ao bom desempenho da indústria cinematográfica... O negócio do entretenimento só é suplantado hoje, na economia internacional, pela indústria bélica. E nessa área do entretenimento, o cinema ocupa um espaço de ponta”, explica o professor do departamento de Cinema da UFF (Universidade Federal Fluminense), Roberto Moura.

(...) Até mesmo o cinema brasileiro – mal visto por muitos – tem registrado bom desempenho econômico. A tal ponto que não apenas o governo brasileiro estuda formas de organizar o incentivo à produção audiovisual, como o próprio setor privado aponta para novos investimentos, com grandes empresas de mídia, direcionando recursos para a criação de filmes.

“É possível perceber que há um movimento interessante acontecendo de empresas televisivas começando a investir no cinema brasileiro, como faz a Globo Filmes, já há algum tempo. Agora, o SBT também está começando a produzir filmes, assim como a Bandeirantes. E finalmente está acontecendo aqui, porque é algo que já acontece no mercado mundial e passa a acontecer no Brasil também”, declara o coordenador do curso de Cinema da Universidade Anhembi Morumbi, Mauricio Gonçalves. “Essa nova visão das empresas de televisão aberta é um dos vários saltos necessários para uma evolução maior do cinema brasileiro.”

Se, nos negócios, tudo vai bem, na criação a situação anda um pouco devagar... “O cinema internacional não está, criativamente, em um grande momento. Dentro do mundo dos negócios, é algo espetacular. Mas, em termos artísticos, a produção é muito precária. O próprio Oscar é uma grande festa de marketing, de entretenimento barato”, critica Moura.

(...) Atualmente, praticamente nenhum país tem o domínio de exibição em suas próprias salas de cinema. Ou seja, em poucos locais a produção nacional consegue uma fatia expressiva do mercado. Alguns países, como a França (34,8% do mercado local) conseguem resultados razoáveis, outros, como Brasil (10%) e Espanha (15,8%) ficam apenas na média, enquanto alguns, como Portugal (0,9%) tem desempenhos inexpressivos.

Isso, em parte, mostra que a dominação estética e cultural da indústria hollywoodiana alcançou patamares bastante elevados. Sem contar que muito do que se produz no mundo segue a cartilha dos EUA. “O brasileiro já está acostumado à ética estrangeira, a esse domínio de quase um século. Só que deixa pouco espaço para o cinema nacional, que, quando tem espaços, consegue fazer a sua marca. É claro que tem coisa ruim na produção local, mas tem ruindade no cinema estrangeiro e a gente assiste também”, compara Gonçalves.

(...) Ao mesmo tempo em que exporta em ritmo acelerado, a indústria de Hollywood “impede” a entrada de filmes estrangeiros, limitando a concorrência. “O público norte-americano não assiste a filme que não seja dos EUA e não vê filmes que não sejam falados em inglês. Nossos filmes têm tido uma receptividade maior agora, mas isso é algo restrito a alguns títulos”, finaliza Gonçalves.

Fonte: <http://www.universia.com.br/cultura+/materia.jsp?materia=6326>

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### ***Resposta Comentada***

*Todo o tempo é tempo de consumo. A cartilha norte-americana está sendo seguida por outros países. Estes, ainda que tenham dado início ou incrementado a sua própria produção cinematográfica, encontram dificuldades na distribuição de sua produção, dada a hegemonia cultural e econômica do cinema norte-americano. Sabemos da fama do Brasil como grande produtor e exportador de novelas, e é possível observar o aumento do merchandising (apresentação destacada de marcas e/ou produtos em pontos de venda e na mídia) em sucessivas cenas que, ao mesmo tempo que comovem, vendem uma ideia de consumo. Nos envolvemos emocional ou psicologicamente com os filmes, novelas, músicas, mensagens de e-mail etc. Buscamos a satisfação na vida real daquilo que nos é oferecido na ficção, como o padrão de beleza, os valores morais, éticos e estéticos discutidos na dramaturgia poética e/ou comercial que invadem o nosso dia a dia por todos os lados. Por vezes, produzem sensações de insatisfação, de depressão, de desejo, cuja satisfação está associada à ficção. Um negócio milionário que envolve diferentes e poderíamos dizer, infinitas possibilidades de parcerias. Para a ostentação em uma sociedade competitiva neoliberal, a violência das manchetes se transforma em arte, vende insegurança, compra armas, atira por medo, mata por covardia.*

## Resumo

O crescimento e a valorização das práticas de lazer são frutos dos processos da conquista do tempo livre e da legalização dos direitos trabalhistas, industrialização e urbanização, processos estes que se manifestam de diferentes formas na sociedade, visto que são reflexos de contextos socioeconômicos, políticos e culturais. A indústria do entretenimento está associada ao capitalismo neoliberal, com grande impulso a partir de meados do século XX aos dias atuais. Está em constante aperfeiçoamento de recursos das tecnologias de comunicação e associada ao livre mercado, que enfatiza o tempo de lazer como tempo de consumo. A sociedade precisa se conscientizar do merecimento e da importância do tempo livre, que oferece a oportunidade de diversas realizações.



Atualmente, alguns tipos de bens e serviços estão submetidos às mesmas leis de mercado de outros segmentos da economia. Isto pode trazer graves problemas para o desenvolvimento social e cultural da sociedade, no que diz respeito à igualdade de acesso a esses serviços, ocasionando a segregação do acesso ao lazer.

## **Informação sobre a próxima aula**

A partir desta reflexão sobre o contexto socioeconômico e político do lazer no Brasil e da indústria do entretenimento, veremos na próxima aula as principais características e questões relacionadas às funções do lazer como diversão, descanso e desenvolvimento.



**Lazer**

# Referências

## Aula 1

---

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Mal-estar e subjetividade*. Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 479-500, set. 2007.

CAMARGO, Luis Octávio de L. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

\_\_\_\_\_. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. Sociologia do lazer. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. *Turismo: como aprender, como ensinar*. São Paulo: Senac, 2001. v. 2.

DE MASI, Domenico. *A economia do ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. 2003. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2010.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. *Sociologia empírica do lazer*. Tradução: Silvia Mazza, J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1979.

ENTRE mulheres. Disponível em: <<http://www.entremulheres.com.br/?pg=quemsomos>>. Acesso em: 9 jul. 2010.

EXPLICAÇÕES das condutas desviantes a partir dos hábitos de lazer em jovens. Abr. 2007. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/psychology/503567-explica%C3%A7%C3%B5es-das-condutas-desviantes-partir/>>. Acesso em: 9 jul. 2010.

FORMIGA, Nilton Soares et al. *Escala das atividades de hábitos em jovens brasileiros: um estudo sobre sua estrutura fatorial*. *Psicologia. com. pt: o portal dos psicólogos*. 1 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0467pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2010.

GOMES, Cristina Marques. *Pesquisa científica em lazer no Brasil: bases documentais e teóricas*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LARIZZATTI, Marcos F. *Lazer e recreação para o turismo*. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

RUSSELL, Bertrand. *Elogio ao ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

STADNIK, Adriana Maria Wan. *A importância do lazer criativo dentro da perspectiva dos novos mercados de trabalho*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <<http://www.rbcdh.ufsc.br/MostraEdicao.do?edicao=19>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

THEOBALD, William F. Significado, âmbito e dimensão do turismo. In: \_\_\_\_\_. *Turismo global*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

TRIGO, Luiz Gonzada Godoi. *Entretenimento: uma crítica aberta*. São Paulo: Ed. Senac, 2003.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio. *O profissional de turismo e lazer*. 1999. Disponível em: *Lecturas: EF y Deportes: revista digital*. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd65/lazer.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

## Aula 2

---

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1963.

CAMARGO, Luis Octávio de L. Sociologia do lazer. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. *Turismo como aprender, como ensinar*. São Paulo: Senac, 2001. v. 2.

COX, Harvey. *A festa dos foliões*. Petrópolis: Vozes, 1974

HISTÓRIA da Roma Antiga e do império romano. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/imperioromano/>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. A. *Introdução ao lazer*. Barueri: Manole, 2003.

REFORMA protestante e contra-reforma. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/protestante/>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

SANTOS, Luiz César Teixeira dos. Considerações sobre Lazer, trabalho e tempo livre. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 10, n. 1, p. 111-117, 1999. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewFile/3821/2633>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

SOUZA, Vanderlei. *A origem do carnaval*. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/blogs-artigos/origem-do-carnaval-718930.html>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

THOMPSON, E.P. *The making of the english working class*, 1991:43.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. A relação lazer/trabalho e seu processo de constituição histórica no mundo ocidental. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4., 1996, Belo Horizonte. *Coletânea...* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1996. p. 329-338.

### Aula 3

---

CAMARGO, Luiz Octávio de L. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

\_\_\_\_\_. *Sociologia do lazer*. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. *Turismo como aprender, como ensinar*. São Paulo: Senac, 2001. v.2.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. *Introdução ao lazer*. Barueri/SP: Manole, 2003.

MOMMAAS, H. et al. *Leisure research in Europe*. London: CAB Internacional, 1996.

OLIVEIRA, Cristina Borges de. Sobre lazer, tempo e trabalho na sociedade de consumo. *Conexões*, v. 2, n. 1, 2004. Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/dcefs/Prof.\\_Adalberto\\_Santos2/21-\\_sobre\\_lazer\\_tempo\\_e\\_trabalho\\_na\\_sociedade\\_de\\_consumo.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/dcefs/Prof._Adalberto_Santos2/21-_sobre_lazer_tempo_e_trabalho_na_sociedade_de_consumo.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2010.

### Aula 4

---

CAMARGO, Luiz Octávio de L. Sociologia do lazer. ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. In: *Turismo como aprender, como ensinar*. São Paulo: Senac, v.2, 2001.

DE MASI, Domenico. *A economia do ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

MOMMAAS, H. et al. (org.). *Leisure Research in Europe*. London: CAB Internacional, 1996.

### Aula 5

---

BARBOSA, Marcos Aguiar. Resort: o lazer no contexto do negócio. *Revista Licere*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2005.

BRUHNS, Heloísa Turin. *Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronos, 2002.

CAMARGO, Luiz Octávio de L. Sociologia do lazer. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. *Turismo como aprender, como ensinar*. São Paulo: Senac, 2001. v. 2.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

\_\_\_\_\_. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FRIEDMANN, George. *Puissance et sagesse*. Paris: Gallimard, 1970.

GOMES, Cristina Marques. *Pesquisa científica em lazer no Brasil: bases documentais e teóricas*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MOMMAAS, H. et al. (Org.). *Leisure research in Europe*. London: CAB Internacional, 1996.

PARKER, Stanley. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RIESMAN, David. *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

STADNIK, Adriana Maria Wan. *A importância do lazer criativo dentro da perspectiva dos novos mercados de trabalho*. 2001. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

WERNECK, Christianne Luce Gomes; MELO, Victor Andrade de. *Os estudos sobre o lazer no Brasil*. Disponível em: <[http://grupoanima.org/wp-content/uploads/estado\\_arte\\_lazer\\_movimento\\_chris.pdf](http://grupoanima.org/wp-content/uploads/estado_arte_lazer_movimento_chris.pdf)>. Acesso em: 26 jul. 2010.

\_\_\_\_\_. Os estudos sobre o lazer no Brasil. *Revista Movimento*, Porto Alegre, 2004.

## Aula 6

---

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1975.

CAMARGO, Luiz Octávio de L. Sociologia do lazer. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. *Turismo como aprender, como ensinar*. São Paulo: Senac, 2001. v. 2.

CZIKSZENTMIHALYI, M. *A psicologia da felicidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo: entrevista a Maria Serena Palieri*. Tradução de Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DUMAZEDIER, J. *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

GOMES, Cristina Marques. *Pesquisa científica em lazer no Brasil: bases documentais e teóricas*. 2004. Dissertação (Mestrado)-ECA / Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

GOMES, Cristina Marques; REJOWSKI, Mirian. Lazer na literatura internacional. *Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0651-1.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2010.

LANFANT, Marie Françoise. *Les théories du loisir*. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade das massas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. *As marcas do visível*. Trad. Roneide Venâncio Majer. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

MOMMAAS, H. et al. (Org.). *Leisure research in Europe*. London: CAB Internacional, 1996.

MUNNÉ, Frédéric. *Psicología del tiempo libre: un enfoque crítico*. México: Ed. Trilhas, 1980.

STADNIK, Adriana Maria Wan. *A importância do lazer criativo dentro da perspectiva dos novos mercados de trabalho*, 2001. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/article/view/3997>>. Acesso em: 16 jul. 2010.

## Aula 7

---

AGUIAR, Maria de Fátima. Lazer e produtividade no trabalho. *Turismo em análise*, São Paulo, v. 11, n. 2, nov. 2000.

BRAGA, Lucelma Silva. *Uma civilização sem alma? educação e revolução passiva*. 2005. 191 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

BRÊTAS, Ângela. Trabalho e recreação: uma visão panorâmica dos fundamentos, da organização e das realizações do Serviço de Recreação Operária (1943 – 1945). *Revista Esboços*, v. 13, n. 16, 2006, disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/131/182>>. Acesso em: 31 ago. 2010.

CAMARGO, Luiz Octávio de L. A pesquisa em lazer na década de 70. In: SEMINÁRIO O. LAZER EM DEBATE, 4., 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2003. v. 1. p. 33 – 45.

CAMARGO, Luiz Octávio de L. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil. *Educação & Sociedade*, Campinas, SP, v. 20, n. 69, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73301999000400004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301999000400004)>. Acesso em: 31 ago. 2010.

FELIX, Eneida. *Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano)-Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2781>>. Acesso em: 31 ago. 2010.

FERREIRA, José Acácio. *O lazer operário*. Salvador: Ed. Livraria Progresso, 1959.



GOMES, Cristina Marques. *Pesquisa científica em lazer no Brasil: bases documentais e teóricas*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

HOBBSBAWM, E. *A era dos impérios (1875-1914)*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SESC: sonora Brasil. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br/>>. Acesso em: 31 ago. 2010.

SIMÕES.JUNIOR, Jose Geraldo. *O ideário dos engenheiros e os planos realizados para as capitais brasileiras ao longo da primeira república*. Vitruvius: Arquitextos. Disponível em: <[http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq090/arq090\\_03.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq090/arq090_03.asp)>. Acesso em: 31 ago. 2010.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Políticas públicas setoriais de lazer*. São Paulo: Autores Associados, 2000.

MARINHO, Inezil Penna. *Curso de fundamentos e técnicas da recreação*. Rio de Janeiro: Tipografia Batista e Souza, 1955.

MEDEIROS, Ethel Bauzer. *O lazer no planejamento urbano*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1975.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

PEIXOTO, Elza. M. de M. O serviço de recreação operária e o projeto de conformação da classe operária no Brasil. *Pro- Prosições*, Campinas, SP, v. 19, n.1, jan./abr. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072008000100015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000100015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 31 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. *Estudos do lazer no Brasil: apropriação da obra de Marx e Engels*. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007.

\_\_\_\_\_. *Primeiro ciclo dos estudos do lazer no Brasil: contexto histórico, temáticas e problemáticas*. 2006. Disponível em: <[www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada8/txt\\_compl/Elza%20Peixoto.doc](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada8/txt_compl/Elza%20Peixoto.doc)>. Acesso em: 31 ago. 2010.

REQUIXA, Renato. *As dimensões do lazer*. São Paulo: Sesc/ Celazer, 1974.

\_\_\_\_\_. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

\_\_\_\_\_. *Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: Sesc: Celazer, 1980.

SENFFFT, Maria Dulce. Lazer saudável na terceira idade. *Caderno Virtual do Turismo*, Rio de Janeiro, v. 4. n. 4, 2004.

SUSSEKIND, A. *Duração do trabalho e repouso remunerados*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, S.A., 1950.

\_\_\_\_\_. *Recreação operária*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1948.

\_\_\_\_\_. *Trabalho e recreação: fundamentos, organização e realizações do serviço de recreação operária*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho Indústria e Comércio, 1946.

SUSSEKIND, Arnaldo; MARINHO, Inezil Penna; GÓES, Oswaldo. *Manual de Recreação: orientação dos lazeres do trabalhador*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1952.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. *Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

## Aula 8

---

AGUIAR, Maria de Fátima. Lazer e produtividade no trabalho. *Turismo em Análise*. São Paulo, v. 11, n. 2, nov. 2000.

BACAL, Sarah S. *Lazer: teoria e pesquisa*. São Paulo: Edições Loyola, 1988

BRASIL. Ministério do turismo. *Turismo*. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>>. Acesso em: 18 out. 2010.

BRUHNS, Heloísa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luiz (Org.). *O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade*. Campinas: Autores Associados: Comissão de Pós-Graduação da faculdade de Educação Física da Unicamp, 2000.

CAMARGO, Luiz Octávio de L. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

\_\_\_\_\_. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

\_\_\_\_\_. *Sociologia do lazer: turismo, como aprender, como ensinar*. São Paulo: Ed. Senac, 2001. v. 2.

\_\_\_\_\_. A pesquisa em lazer na década de 70. In: SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG: DEF: CELAR, 2003. p. 33-45. v. 1. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/>>. Acesso em: 18 out. 2010.

DUMAZEDIER, Joffre; RIPERT. *Loisir et culture*. Paris: Seuil, 1966.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DUMAZEDIER, J. *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

DUMAZEDIER, Joffre; SAMUEL, N. *Société éducative et pouvoir culturel*. Paris: Seuil, 1976.

\_\_\_\_\_. *Questionamento teórico do lazer*. Porto Alegre: PUCRS, 1975.

FERREIRA, José Acácio. *O lazer operário*. Salvador: Livraria Progresso, 1959.

FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

GERALDES, E. *Patrimônio ambiental urbano*: atualizando o conceito para um turismo urbano possível. 2007. Disponível em: <[http://www.unibero.edu.br/download/revistaturismo/Marco04/Patrim%F4nio%20ambien tal%20urbano%20-%20atualizando%20o%20 conceito%20para%20%85.pdf](http://www.unibero.edu.br/download/revistaturismo/Marco04/Patrim%F4nio%20ambien%20tal%20urbano%20-%20atualizando%20o%20conceito%20para%20%85.pdf)>. Acesso em: 13 fev. 2007.

GOMES, Cristina Marques. *Pesquisa científica em lazer no Brasil*: bases documentais e teóricas. Dissertação (Mestrado)-Escola de comunicação e artes: Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.

LAZER, animação cultural e estudos culturais. Disponível em: <<http://www.anima.cefd.ufrj.br>>. Acesso em 18 out. de 2010.

MAGNANI, José Guilherme. Lazer, um campo interdisciplinar de pesquisa. In: BRUHNS, Heloísa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luiz (Org.). *O corpo e o lúdico*: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados: Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2000.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Aspectos teóricos da ludicidade*. Disponível em: <<http://www.unimep.br/gpl>>. Acesso em: 15 out. 2010.

MARCELLINO, Nelson; BARBOSA, Felipe; MARIANO, Stéphanie. *Lazer, cultura e patrimônio ambiental*. *Licere*, Belo Horizonte, v.10, n.3, p.11-16, dez. 2007.

MARCELLINO, N.C. *Lazer e educação*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da animação*. 3. ed. Campinas: Papirus, 2001.

\_\_\_\_\_. A sala de aula como espaço para o jogo do saber. In: MORAIS, R. (Org.). *Sala de aula: que espaço é esse?*. 15. ed. Campinas: Papirus, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Lazer e empresa*. Campinas: Papirus, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Lazer: formação e atuação profissional*. Campinas: Papirus, 1995.

MARQUES, Carmen Lúcia; ACOSTA, Marco Aurélio F. *Histórico*. Santa Maria: Universidade Federal. Centro de educação física e desportos, 2010. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/cefd/index.php?option=com\\_content&task=view&id=28&Itemid=87](http://w3.ufsm.br/cefd/index.php?option=com_content&task=view&id=28&Itemid=87)>. Acesso em: 18 out. 2010.

MEDEIROS, Ethel Bauzer. *O lazer no planejamento urbano*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1975.

REQUIXA, Renato. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

\_\_\_\_\_. *As dimensões do lazer*. São Paulo: Sesc: Celazer, 1974.

\_\_\_\_\_. *Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: Sesc: Celazer, 1980.

TOTTA, Zilah. Mattos. Experiência do CELAR. In: Encontro Nacional sobre o Lazer, 1, 1975, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: SESC, 1975.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Faculdade de Educação Física. Disponível em: <<http://www.fef.unicamp.br/grupos/glec/apresentacao.htm>>. Acesso em: 18 out. 2010.

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA. Grupo de pesquisa em lazer. Disponível em: <<http://www.unimep.br/gpl>>. Acesso em: 18 out. 2010.

## Aula 9

---

ALMEIDA, M. A. B. de. *Lazer e reclusão: contribuição da teoria da ação comunicativa*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Desenvolvimentismo e lazer. *Efdeportes*. Com: vídeos: formação profissional: cursos online, Buenos Aires, v. 10, n. 87, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 25 ago. 2005.

ANTUNES, R. Tempo de trabalho e tempo livre. In: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. (Org.). *Representações do lúdico*. Campinas: Autores Associados, 2001.

BELO HORIZONTE. Prefeitura. Secretaria Municipal de Esportes. *O lúdico e as políticas públicas: realidade e perspectivas*. Belo Horizonte, 1999.

BRUHNS, H. T. *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

BRUHNS, H. T. Lazer, trabalho e tecnologia. In: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. (Org.). *Representação do lúdico*. Campinas: Autores Associados, 2001.

BRUHNS, H. T. (Org.). *Lazer e ciências sociais*. Campinas: Autores Associados, 2002.

CORBIN, A. *L'avènement des loisirs: (1850-1960)*. Paris: Aubier, 1995.

DUMAZEDIER, J. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992 (Memória e sociedade).

FREDERICO, C. A política cultural dos comunistas. In: MORAES, J. (Org.). *História do Marxismo no Brasil III*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

GEBARA, A. Nobert Elias e a teoria do processo civilizador. In: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. (Org.). *Temas sobre o lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000.

GUTIERREZ, G. L. *Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas*. São Paulo: EDUSP, 2001.

- GUTIERREZ, G. L. A contribuição da teoria da ação comunicativa para a pesquisa sobre o lazer. In: BRUNHS, H. T. (Org.). *Lazer e ciências sociais*. Campinas: Autores Associados, 2002.
- MAGNANI, J. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: HUCITEC, 1998.
- MANTEGA, G. Marxismo na economia brasileira. In: Moraes, J. (Org.). *História do Marxismo no Brasil III*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus, 1990.
- MARCELLINO, N. C. (Org.). *Lazer: formação e atuação profissional*. Campinas: Papirus, 1995.
- OFFE, Claus. *Problemas estruturais do estado capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984.
- AYALA, Jerônimo Duarte. *Pensando no estado e o governo eletrônico*. BuscaLegis.ccj.ufsc.br. Disponível em: <<http://www.buscalegis.ufsc.br/arquivos/pensandoEGE.htm>>. Acesso em: 23 set. 2010.
- ORTIZ, R.; BORELLI, S. H. S.; RAMOS, J. M. O. *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- PADILHA, V. A indústria cultural e a indústria do lazer. In: MULLER, A.; COSTA, L. *Lazer e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.
- PARKER, Stanley. *A Sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- RAGO, M. O cassino americano. In: BRUHNS, H. T. e GUTIERREZ, G. L. (Org.). *O corpo e o lúdico*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- RAMOS, J. *Cinema, estado e lutas culturais: anos 50, 60 e 70*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- REIS, Mário Oliveira. *Glauber Rocha e o pensamento americano*. 1996. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- RIDENTI, M, M. S. *Em busca do povo brasileiro: romantismo revolucionário de artistas e intelectuais (pós 1960)*. 1999. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.
- ROSA, Cristina. *O cinema educativo através dos discursos de Mussolini e Vargas*. 2006. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/cinema/anpuh2005/anpuh2005i.htm>>. Acesso em: 21 set. 2010.
- SADER, E. Cuba no Brasil. In: REIS, D. *História do marxismo no Brasil I: o impacto das revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

- SADER, E. *Transição no Brasil: da ditadura a democracia?* São Paulo: Atual, 1991.
- SANT'ANNA, D. B. *O prazer justificado: história e lazer* (São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero: MCT-CNPq, 1994.
- SCHWARZ, R. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- SILVA, A. *Oficina: do teatro ao te-ato*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- SILVERMAN, M. *Protesto e o novo romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- STIGGER, M. P. Participação popular na gestão espaço público de lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Políticas públicas e setoriais de lazer: o papel das prefeituras*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- TRIGO, L. G. G. A educação e lazer, turismo e hotelaria nas sociedades atuais. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Lazer e empresa*. Campinas: Papirus, 2000.
- WERNECK, C.; STOPPA, E.; ISAYAMA, H. *Lazer e mercado*. Campinas: Papirus, 2001.
- ZÍLIO, C; LAFETÁ, J; LEIT, L. *O nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FINAL do século 19. *Cronologia da história do cinema: no Brasil: no mundo*. Disponível em: <<http://www.webcine.com.br/cronolo.htm#10%20melhores>>. Acesso em: 23 set. 2010.
- TEMPO Glauber. Disponível em: <<http://www.tempoglauber.com.br/>>. Acesso em: 21 set. 2010.
- MORAES, Vinicius de; JOBIM, Tom. *Chega de saudade*. Letras. mus.br. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/vinicius-de-moraes/26959/>>. Acesso em: 21 set. 2010.
- BRASIL: ame-o ou deixe-o. Youtube. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=huox9B30uN0>>. Acesso em: 23 set. 2010
- GLAUBER Rocha. *Tempo Glauber*. Disponível em: <<http://www.tempoglauber.com.br/>>. Acesso em: 23 set. 2010.

## Aula 10

---

- ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G.L. Desenvolvimentismo e lazer. *Efdeportes.com*, Buenos Aires, v. 10, n. 87, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com.>>. Acesso em: 25 ago. 2005.

BAHIA, José Aloise. *Reverendo Debord: a sociedade do espetáculo. Observatório da Imprensa*. Ano 15, n. 313, 2005. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=313SPE003>>. Acesso em: 25 out. 2010.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. *Como aprender turismo, como ensinar*. São Paulo: SENAC, 2001.

DUMAZEDIER, J. *Sociologia empírica do lazer*. Paulo: Perspectiva, 1979.

EARP, Fábio (Org). *Pão e circo: fronteiras e perspectivas da economia do entretenimento*. Rio de Janeiro: Palavra e Imagem, 2002.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. *Introdução ao lazer*. Barueri, SP: Manole, 2003.

RIESMAN. *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Entretenimento: uma crítica aberta*. São Paulo: SENAC, 2008. 240p.

NEOLIBERALISMO: O que é neoliberalismo, características da economia neoliberal, críticas, origem, liberdade econômica, privatizações, pontos positivos, neoliberalismo e globalização. *Sua Pesquisa. Com*. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/geografia/neoliberalismo.htm>>. Acesso em 25 out. 2010.

RIESMAN. *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

HARRY Potter: a saga do bruxinho. *Entretenimento*. Disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/harry-potter/saga-do-bruxo/index3.jhtm>>. Acesso em: 25 out. 2010.

TROPA de elite. Disponível em: <<http://www.cinepop.com.br/criticas/tropadeelite.htm>>. Acesso em: 25 out. 2010.

MARQUES, Renato. Uma indústria em constante expansão: com seguidos anos de crescimento, a indústria de entretenimento mostra força e sobrevive às crises econômicas. 25 fev. 2005. *Universia: Rede de Universidades, rede de oportunidades*. Disponível em: <<http://www.universia.com.br/cultura+/materia.jsp?materia=6326>>. Acesso em: 25 out. 2010.

